



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

HERMENIGILDO MOREIRA DA ENCARNAÇÃO

A DIGNIDADE DA VIDA HUMANA

Reflexão sobre a unidade letiva um – *A dignidade da vida humana* – do Manual de Educação Moral e Religiosa Católica do 9º ano do Ensino Básico

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
Sob orientação de:
Prof.ª Doutora Isabel Varanda

Braga
2012

A dignidade da vida humana

AGRADECIMENTOS

À UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA DE BRAGA

Na pessoa da Prof.^a Doutora Isabel Varanda

Pela sua paciência, perspicácia e dedicação, potenciando e maximizando

A nossa motivação e aprendizagem.

A minha gratidão à Prof.^a Cooperante Maria José Dias

Pela modelar e ativa discrição nos seus conselhos.

À MINHA FAMÍLIA

PELA SUA PRECIOSA AJUDA LOGÍSTICA E PRÁTICA

Mas faltaria à verdade se não privilegiasse e evidenciasse o contributo e a

Ajuda técnica e estética da Anabela, filha, que com abnegada e extrema

Compreensão soube sabiamente colmatar as minhas limitações:

Um sincero e paternal obrigado.

“A última coisa a morrer não é a esperança, mas o talento”

Hugo Wolf

O ato criativo é duro e lento...

“Ad Maiorem Dei Gloriam”

“AMDG” - Santo Inácio de Loyola

A DIGNIDADE DA VIDA HUMANA

**Reflexão sobre a unidade letiva um – *A dignidade da vida humana* –
do Manual de Educação Moral e Religiosa Católica do 9º ano do Ensino Básico**

«Não pode haver paz verdadeira sem respeito pela vida» (João Paulo II).

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – PERTINÊNCIA E EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA: PRÁTICAS LETIVAS DESEJADAS E ANÁLISE DE DADOS	9
1- Motivação e “flash-back”	9
2- A opção da unidade letiva e o tema	10
3- Metodologia	13
3.1- <i>Metodologia da Investigação de campo: I Capítulo</i>	13
3.2- <i>Metodologia da fundamentação científica: II Capítulo</i>	14
3.3- <i>Metodologia da didática e pedagogia: itinerário em avaliação: III capítulo</i>	15
4- O inquérito – Os alunos e as aulas de educação moral e religiosa católica: análise de dados	16
4.1- <i>Expetativas iniciais</i>	16
4.2- <i>O discurso dos alunos: tipo de ensino</i>	18
4.3- <i>Temas desejáveis: conteúdos</i>	21
4.4- <i>Utilidade da disciplina de educação moral e religiosa católica</i>	23
4.5- <i>O que aprendes</i>	25
4.6- <i>As razões da frequência de educação moral e religiosa católica</i>	27
4.7- <i>Análise geral e considerações finais</i>	28

CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIDADE LETIVA 1: A DIGNIDADE DA VIDA HUMANA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA DO 9º ANO DO ENSINO BÁSICO	34
1- Valor absoluto da dignidade da vida humana	34
<i>1.1- Definição do conceito</i>	35
<i>1.2- Crise de identidade e de valores</i>	38
<i>1.3- A nossa turma e a procura de valores</i>	42
<i>1.4- A vida um valor absoluto</i>	44
2- Valor intrínseco da pessoa humana em qualquer fase	46
<i>2.1- A fase gestativa</i>	47
<i>2.2- A visão cristã do aborto</i>	50
<i>2.3- A lecionação, os alunos e outras leituras - A adolescência e a interiorização destes valores</i>	55
<i>2.4- A fase procriativa</i>	57
<i>2.5- Os idosos sua valorização e dignidade</i>	61
<i>2.6- A sensibilidade dos alunos</i>	66
3- Valorização da vida	67
<i>3.1- A defesa da vida e a bíblia</i>	68
<i>3.2- A dignidade da pessoa humana e magistério</i>	72
4- O tema, a turma e os inquéritos	78
<i>4.1- Os valores cristãos, como ajuda e suporte de vida</i>	79
<i>4.2- Sedimentação, docência e testemunho</i>	80
5- Síntese conclusiva	82

CAPÍTULO III - DIDÁTICA E PEDAGOGIA: ITINERÁRIO EM AVALIAÇÃO	87
1- Caracterização da turma 4 do 9º ano	88
2- Apresentação do plano e da unidade letiva do 9º ano	89
3- Planificação da unidade letiva, grelha de planificação, descrição, recursos e autoavaliação	92
<i>3.1- Primeira aula: introdução sobre a dignidade da vida humana</i>	95
<i>3.2- Segunda aula: o aborto, tipos, causas e consequências</i>	101
<i>3.3- Terceira aula: argumentos a favor e contra o aborto</i>	107
<i>3.4- Quarta aula: valorização da vida na nossa sociedade</i>	113
<i>3-5- Quinta aula: Interpretação da parábola do bom samaritano</i>	118
CONCLUSÃO	126
BIBLIOGRAFIA	128
ANEXOS	136

INTRODUÇÃO

O presente Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada tem como título – *A dignidade da vida humana*. Este tema é a primeira unidade letiva do nono ano do Ensino Básico, conforme consta do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica.

Abordaremos esta temática, tentando analisar, o valor da dignidade da vida humana, do ponto de vista cristão. Assim defenderemos ao longo da nossa reflexão: a vida como valor absoluto e intrínseco, e a erosão deste, e dos valores em geral, na sociedade hodierna.

Deste modo ao longo do ano letivo, consultamos várias fontes, sobretudo nas línguas portuguesa inglesa e espanhola, tendo em conta os conteúdos específicos, que pretendíamos trabalhar.

Tentamos alargar o leque das nossas leituras o mais possível, a bem do rigor e de uma maior abrangência. Por isso, consultamos livros, estudos, artigos de revistas especializadas, dicionários biomédicos, encíclicas e variados documentos emanados pelo magistério da igreja. Foi um trabalho árduo, exaustivo, mas com o qual saímos altamente enriquecidos e valorizados.

Apesar do trabalho modesto que apresentamos, este deu-nos o ensejo de conseguirmos obter novas aprendizagens e competências, que nos fizeram crescer como cristãos e seres mais humanos. Foi um desafio que nos fez, investigar, procurar, refletir criticamente, para numa fase posterior, podermos tirar ilações e tomar decisões mais adequadas a nível pedagógico-didático.

Como iremos defender o valor da vida humana como o valor dos valores, achamos por bem iniciar o nosso trabalho com um inquérito. Através deste, procuramos aferir como os alunos da Escola Francisco Sanches e a nossa turma em particular, vivem, sentem e expressam este valor, e os valores ético-morais em geral. Assim inserido na nossa lecionação fizemos 100 inquéritos, analisados na parte I do nosso trabalho.

Esta análise, fará a ponte e servirá de trampolim para a reflexão na parte II, sobre a dignidade da vida humana. Finalmente na parte III, iremos descrever o nosso percurso letivo, que nos enriqueceu e nos deu oportunidade de aperceber as nossas fragilidades, limitações, mas também as nossas potencialidades, já que saímos desta experiência altamente motivados e valorizados.

CAPITULO I – PERTINÊNCIA E EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA: PRÁTICAS LETIVAS DESEJADAS E ANÁLISE DE DADOS

1- Motivação e *flash-back*

Aos vinte e seis dias do mês de Julho do ano de dois mil e dez, pelas dez horas e trinta minutos entra na secretaria da Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Braga, o Sr. Hermenigildo Moreira da Encarnação a fim de se inteirar da possibilidade de vir a frequentar como aluno esta prestigiada instituição.

A decisão estava tomada, após alguns meses de amadurecimento. Para alguns amigos mais próximos era uma loucura vista do alto dos cinquenta e quatro anos de idade. Qual a razão para estudar mais se...já sabia tanto e economicamente tinha, uma vida sem percalços e alguma estabilidade financeira?

Para a minha família a visão era diferente. O incentivo era geral e as palavras eram sempre deste teor: vai, sempre gostaste de ser professor e de ensinar. O mote estava dado. Em seguida veio mais uma decisão que me deixou algo preocupado e pensativo durante uma semana. Tinha dois pareceres. Nestas situações sempre gostei de ouvir conselhos sábios (vários) de pessoas experientes e dotas na matéria.

Tinha o conselho e proposta do Sr. Professor Doutor João Duque de entrar diretamente no doutoramento, estudos da religião. Esta era a escolha pessoal, depois de analisado em conjunto o meu *curriculum vitae*. Em seguida consultei a Sra. Professora Doutora Isabel Varanda, já como professora do mestrado (didática). A sua opinião e sugestão foram no sentido de fazer gradativamente o meu reingresso no mundo intelectual. Isto porque nos últimos vinte e cinco anos a minha vida tinha sido alicerçada no mundo têxtil como acionista e administrador de um *cluster* empresarial. Um mundo portanto bastante diferente, mas que com trabalho árduo e aprendizagem sustentada me garantiu competências, estima entre os meus pares e parceiros, dotando-me de uma abrangência e multiplicidade de conhecimentos, experiências e recursos financeiros.

Mas poderão perguntar: o que é que tudo isto tem a ver com a motivação pessoal? Recuemos novamente. Se fosse um livro ou romance diríamos: recuemos novamente querido leitor.

Poucos dias após entrar neste mundo, “este bebé” ficou cego com a fatídica meningite grave. Diagnóstico da altura; *neisseia meningitidis*, também conhecida por *meningite meningocócica – meningococo e / ou estreptococos*. Depois de uma luta hercúlea

e titânica dos meus pais, oriundos de uma família bastante humilde, “dá-se o milagre”. Abreviando recuperei a visão, mas com a certeza porém de que jamais seria capaz de juntar as letrinhas além de provavelmente vir a ser portador de uma (s) deficiência profundas.

Assim sendo, a conselho do milagroso e profissional médico, seria bom aos quatro ou cinco anos de idade tentar pôr a criança com os adultos, que naquela altura tiravam a quarta classe de adultos, para poderem ter a sua carta de condução.

Inexplicavelmente para quase todos, a raquítica criança aprendeu rapidamente as letrinhas e dizia-se: era espertinho. Este dado veio a confirmar-se pelos estudos fora. A partir daí veio o sonho do seminário, neste caso Missionários da Consolata, veio o sonho sempre latente de ser professor, além de outro nunca concretizado professor/historiador/arqueólogo.

Dar aulas e ensinar sempre esteve no meu subconsciente. E de facto aos doze anos já tinha trinta, quarenta crianças, alguns mais velhos do que eu. Aos quinze, sem querer ser presunçoso ou vaidoso, estava eu no atual nono ano e foi-me proposto pelo meu superior em Fátima, *como forma de ajudar a pagar os meus estudos*, de frequentar de manhã como todos os alunos dos colégios e seminários de Fátima, e dar aulas de tarde ao nono ano. Foi algo que ficou guardado nas minhas memórias e que me marcou por toda a vida.

Depois vieram outras andanças desde Madrid, Roma e Londres, que me deram uma visão alargada, quer a nível pedagógico – didático, quer a nível vivencial. Eis portanto a minha motivação explicitada e descrita muito sucintamente sem laivos de arrogância, e que desemboca no ano de mil e novecentos e oitenta e um, regressando dos estudos em Londres, *delegação da Universidade de Louvaina*, para vice-reitor em Ermesinde no Seminário da Consolata além de professor e formador.

O interregno foi longo, mas sempre estive ligado ao ensino a vários níveis sobretudo particular, privado, preceptor de sobredotados e consultor em várias áreas técnicas. Eis a razão, para este novo desafio que será continuado e finalizado *a posteriori* com o doutoramento em ciências da religião. Assim Deus me ajude e conserve...

2- A opção da unidade letiva e o tema

Como em tudo, na vida nem todos os sonhos se concretizam. Porém há que tentar maximizar as oportunidades que nos oferecem ou que se proporcionam. Teríamos escolhido para lecionação e para abordagem científica, nomeadamente unidades do ensino secundário

devido a questões de abrangência cultural e de planeamento intelectual futuro: unidade um, dois e três¹

Ora acontece, que a escola pertencente ao agrupamento Doutor Francisco Sanches, apenas possui as valências e alunos até ao nono ano (ensino básico). Daí decorre que a nossa opção recaiu na faixa etária mais elevada e no tema que mais se aproxima dos nossos interesses, não só intelectuais / culturais, mas como também de outras possíveis investigações científicas.

Foi uma decisão evitada de algum pragmatismo, que nos conduziu à escolha da: *Dignidade da Vida Humana*. Não saímos defraudados, antes pelo contrário. A nossa lecionação foi altamente gratificante sendo espelhadas pela autoavaliação, bem como pelas heteroavaliações feitas pelos nossos alunos da turma. Foi uma oportunidade única que nos permitiu crescer a vários níveis.

Se por um lado adquirimos novas competências, evoluímos a nível pedagógico / didático, visando no ambiente de sala de aula, tentar rentabilizar e otimizar as escolhas das melhores estratégias para a turma do nono ano, turma quatro.

Sentimos que fomos ajustando e adaptando procedimentos e estratégias com vista a uma maior eficácia na passagem da mensagem cristã e dos conteúdos em questão. Houve uma evolução gradativa, que nos impele a procurar sempre a dar o nosso melhor, sendo o supremo interesse do aluno o objetivo final, na persecução da aquisição de novas competências. Bem como do aprofundamento dos valores humanísticos e cristãos e para alguns da sua própria fé.

O nosso tema é complexo mas cada vez mais carregado de atualidade. Se por um lado a nossa sociedade hodierna está mais sensível, atenta e exigente para a questão crucial do valor da vida humana, nunca tantos atropelos foram feitos e cometidos a essa mesma dignidade da vida humana. Agora os contornos são deveras sofisticados, envolvendo valências, desenvolvimentos e investigação científica (*data*), só ao alcance e conhecimento de uma elite esclarecida, que frequentemente manipula dados a seu belo prazer e para fins nem sempre *ortodoxos*.

A tudo isto se veio a juntar a crise de valores, que atravessa transversalmente todas as dimensões da vida humana. Como tal a igreja não sai imune desta problemática e como tal, irá não só apontar o rumo correto, como também adaptar-se às novas realidades,

¹ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica Ensinos Básico e Secundário*, Fundação Secretariado Nacional da Educação, Lisboa, 2007, p.121-133.

propondo soluções adequadas do ponto de vista ético/moral sob o prisma de uma moral, que chamaremos judaico – cristã.

O *modus vivendi* da sociedade de hoje evoluiu exponencialmente de tal forma que o Senhor António e a Senhora Maria de mil e novecentos são radicalmente diferentes do Senhor António e Senhora Maria de dois mil e doze. É um dado incontornável e real, não só na maneira de viver mas também nos parâmetros e valores éticos na leitura da realidade, seja ela de cariz político, social ou religioso.

Assim a nossa abordagem irá abarcar alguns dos temas em que a diversidade e até antagonismo de visões, opiniões e vivências são fraturantes em qualquer sociedade atual. Assim abordaremos a definição, conceito e implicações da dignidade da vida humana ao longo da vida terrena de qualquer ser humano, quer na fase gestativa, adolescente, adulta ou velhice. Assim refletiremos sobre temas como vida, aborto, sexualidade, eutanásia, papel do idoso e da morte, pois estas podem sustentar ou destruir o valor da dignidade da vida humana. Daremos em suma uma visão solidificada pelas escrituras sagradas na defesa da vida como valor absoluto e intrínseco.

A nossa visão procurará não só salientar a superioridade da tradição religiosa moral e ética da filosofia cristã, rebatendo o secularismo que pretende privatizar a religião e constituir-se filosofia pública do país, como também, sustentar a crença que a liberdade e o pluralismo ocidentais, assentam na chamada neutralidade moral. É no fundo uma colisão, da visão judaico – cristã do mundo com os *ismos* da ortodoxia secularista posto em combate: fé com a razão.

A nossa posição é que a moral cristã é racionalmente defensável. Deste ponto de vista, defendemos até a superioridade da moral cristã em relação às crenças da moral secularista. Partiremos da tradição, judaico – cristã, em que a vida é moralmente inviolável. Como consequência rejeitamos o aborto, suicídio e infanticídio. Como rejeitamos a visão do casamento, visto apenas como convenção jurídica, afirmando-o intrinsecamente heterossexual. Pois, as restrições à atividade sexual são de ordem moral e não apenas de mera prudência. Não duvidamos que a promiscuidade é uma questão moral e não apenas de integridade ou prevenção de doenças.

A moral cristã apura os bens básicos, *não instrumentais*, num contexto de realização integral, para, e do, bem-estar do indivíduo e do grupo. Numa palavra as normas morais governam as opções morais.²

² GEORGE, Paul, *Choque de Ortodoxias*, Edições Tenacitas, Coimbra, 2008⁵, p.39.

Já os filósofos gregos, como Platão e Aristóteles afirmavam a razão “*mestra das paixões*” para uma alma altamente ordenada. O Cristianismo com a sua noção de *pecado* vê neste, a alma mal ordenada. Assim as paixões, devem estar sob o controlo da razão e não o contrário.³

Concluiremos esta fase introdutória da temática, referindo que a ortodoxia judaico-cristã, se define, e se evidencia pelo respeito da vida humana, em todas as suas fases e condições.

3- Metodologia

Depois de referenciada a contextualização da nossa motivação e escolha temática passaremos a explicitar a nossa metodologia para a concretização desta nossa pequena reflexão na vertente teórico-prática. O nosso trabalho tem três partes (capítulos) bem distintas. Uma primeira fase chamada de *campo ou no terreno*, uma segunda de concetualização temático-teórica sobre *A dignidade da Vida Humana* e finalmente uma reflexão e verificação prática pedagógico/didática de lecionação.

3.1- Metodologia da Investigação de campo: I Capítulo

Assim na primeira parte iremos lançar um inquérito/questionário a fim de aferir o pulsar e a visão dos alunos sobre as aulas da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC).⁴

Este questionário procurará extrair uma *radiografia* intelectual de como os alunos na Escola Dr. Francisco Sanches visualizam e vivenciam as aulas de EMRC. Através de seis perguntas procurará recolher e testar os dados como os alunos gostariam que fossem estas aulas: *Na minha opinião...se eu fosse a/o responsável pelas aulas de EMRC*. Assim o objeto do nosso estudo visa as práticas letivas desejadas.

Tentaremos aferir, não só as expetativas dos alunos comparativamente com o contexto real, e, o desejável. Trataremos a informação no que se refere às sugestões temáticas didático / pedagógico procurando dar uma visão abrangente e completa dos desejos e anseios do alunos. Inpletiremos também para o plano vivencial e prático. Isto é

³ Estas noções atravessam o pensamento de PLATÃO em *República* 501b, ARISTÓTELES em *Retórica* I.1373b, bem como CÍCERO em *As Leis* I.vi12-19 ou em NOVAK, David, *Jewish Social Ethics* (1992) p.22-24, sobre a Lei Natural e a Tradição Judaica, bem como no pensamento de JOÃO PAULO II em *Fides et Ratio*.

⁴ Usaremos usar a sigla EMRC para designar a Educação Moral e Religiosa Católica.

perguntando: *o que aprendes e porque frequentas?* No fundo, procuraremos ver se para os alunos, há alguma correlação e ligação desta disciplina com a sua vida presente e futura.

Este inquérito será de índole qualitativa e não quantitativo. Assim a prioridade será aferir, descrever e interpretar ideias essenciais do universo dos entrevistados/inquiridos, como vêm e sentem as suas aulas de *EMRC*. Iremos agrupar opiniões, expectativas e críticas, segundo critérios temáticos.

As entrevistas *complementares* realizadas são semi-diretivas, semiestruturadas, visando analisar o sentido que os *atores*, alunos/professores, atribuem às práticas letivas. Isto é: o guião previamente delineado não é para ser seguido à risca. É maleável mas controlando a dispersão. Assim deixaremos fluir o discurso, comentários e sugestões dos vários alunos ou docentes.

Usaremos sempre o método qualitativo transcrevendo e analisando todas as ideias referentes à temática. Porém eliminando todo o discurso ou frases fora do contexto. A sua reprodução não é quantitativa, mas qualitativa e direcionada ou semidirecionada.

Ficou bem claro perante a escola e os alunos, que o material recolhido teria um carácter confidencial: *aos alunos foram atribuídos códigos*. O discurso ou o texto foi respeitado em termos conceituais, não *ipsissima verba*, mas mantivemos a fluência linguística ou discursiva.⁵

3.2- Metodologia da fundamentação científica: II Capítulo

A nossa reflexão não pretende ser exaustiva, pois a temática e a unidade letiva é densa, complexa e abrangente. Esta problemática toca o ser humano no seu *modus vivendi* e *modus operandi* no seu dia-a-dia onde muitas vezes se vê confrontado com atentados vários atentados a este valor absoluto.

Uma vez que, antes e depois da nossa lecionação, desta unidade letiva achamos que as temáticas propostas pelo programa de *EMRC* está brilhantemente conseguido, decidimos abarcar e tratar de maneira abrangente os conteúdos nele propostos. Contudo, a nossa reflexão terá sempre duas grandes *balizas* na defesa da *dignidade da vida humana*. A primeira será a defesa da *ortodoxia judaico – cristã*, que a *igreja* defende e preconiza à luz dos ensinamentos *bíblicos* e de todo o *magistério da igreja*, tendo como pano de fundo os ensinamentos de *Jesus Cristo*.

⁵ QUIVY, Raymond-CAMPENHOUDT, Luc, *Manual de Investigação em Ciências Humanas*, Edições Gradiva, Lisboa 2008⁵, p.186-207.

A segunda, a abordagem comparativa com uma sociedade hodierna, que tende a tudo relativizar ou absolutizar, sobrevalorizando o eu num relativismo por vezes atroz e patético, que visa a deificação instrumental e volitiva. É no fundo o reflexo de uma sociedade com um individualismo doentio atravessada por uma crise de identidade e de valores. Não estranha portanto sentirmos a cada passo uma erosão generalizada da família, ética do trabalho, relações sociais, fruto daquilo a que chamaremos relativismo moral e situacional, em que os fins, quase sempre justificam os meios.

Iremos privilegiar a defesa da vida em todas as suas fases, realçando a questão do aborto como atentado, pois tivemos em atenção que a faixa etária dos catorze, quinze anos é muito *sui generis* na abordagem desta temática. Por um lado está num crescimento e amadurecimento físico e emocional (*psicossomático*), por outro rege-se frequentemente por visões ou comportamentos da, e, na moda. A sua capacidade crítica está em construção e a ser estruturada e sedimentada, por isso nesta faixa etária, o exemplo, o testemunho, dedicação, profissionalismo e competência podem ser vitais para uma absorção, compreensão e interiorização dos *valores ético / morais e cristãos* na sua vida presente e futura.

3.3- Metodologia da didática e pedagogia: itinerário em avaliação III Capítulo

Este dossiê da *Prática de Ensino Supervisionada* será de índole descritivo, procurando aferir o crescimento, a aquisição de novas competências e a respetiva de estratégias específicas justificadas. As limitações e dificuldades pessoais também serão relatadas.

Assim depois de um enquadramento e tipologia geral da escola, dos alunos e da turma, iremos partir para a avaliação do nosso profícuo percurso em termos descritivos, apontando criticamente os sucessos e os desvios ou situações menos conseguidas.

A nossa preocupação, talvez em demasia, ficará espelhada pelo recurso insistente na apresentação apelativa dos conteúdos em multimédia, vulgo *power point*. Será de bom-tom recordar que estes alunos dominam exponencialmente estas novas tecnologias. Teremos que usar *as suas armas* para melhor passar a mensagem e melhor chegar *mentalmente* a eles, alunos ávidos mas também vulneráveis e limitados conceptualmente.

A nossa autoavaliação será complementada, para confrontação e crescimento pessoal, com uma heteroavaliação feita pelos alunos à nossa lecionação conforme pode ser confrontado pelos parâmetros em anexos.⁶

4- O inquérito - os alunos e as aulas de educação moral e religiosa católica: análise de dados

O procedimento: na minha opinião... se eu fosse responsável pelas aulas de *EMRC* é desdobrado em seis perguntas tentando aferir as expetativas dos alunos perante esta disciplina facultativa. A ideia subjacente é tentar extrair as práticas letivas desejadas, tratando toda a informação recebida ilustrando, descrevendo graficamente as ideias mestras e mais convergentes dos alunos, segundo critérios temáticos. O universo desta amostra cobre quatro turmas do nono ano da Escola Francisco Sanches (100 inquéritos).

4-1- Expetativas iniciais

Assim a primeira pergunta tem o seguinte teor: *As aulas correspondem às tuas expetativas? Dá as razões.*

As respostas foram surpreendentes, pois na generalidade, vão no sentido de afirmarem que a disciplina é muito interessante 96% dos inquiridos, (só 4% afirmaram que não, ou era indiferente). Como segundo dado a reter é que 50% das alunas afirmam que o/a docente é altamente profissional e competente contra 25% dos alunos. Poderão aqui haver razões de maturidade, pois sabemos que com catorze/quinze anos os índices são ligeiramente diferentes. Mas, o mais importante a reter nas respostas são as expressões adjetivadas como: excelente no explanar, explícita, esclarecedora, bem organizada na forma provocando maior motivação devido à competência moral e cultural. Assim as expetativas foram alcançadas pois *conseguimos muitas coisas novas, assuntos interessantes e matamos dúvidas.*

Outra imagem marcante expressa, é serem aulas inovadoras, não cansativas, dinâmicas, e até divertidas, permitindo assim a discussão livre de bons temas e dos nossos problemas. É uma disciplina diferente das outras pois, *nos faz crescer, refletir sobre a vida e*

⁶ Estes parâmetros são largamente usados para aferição de competências a nível profissional: cursos, módulos... Dos 19 parâmetros usamos 18, pois um deles não se adequa a uma escola pública. Podem ser confrontados no Anexo nº 1.

sobre a nossa religião. Numa palavra, lidar com os nossos problemas específicos da idade, como escreveram os alunos.

Como sintoma negativo apontaremos *o barulho e a indisciplina, culpa nossa*, que aflora sobretudo numa turma específica e já referenciada como problemática a vários níveis, *confirmado pelo conselho de turma*. Mas os alunos assumem a sua culpa.

Como propostas desejáveis para melhorar didaticamente as aulas, seria segundo os alunos, a apresentação de filmes adequados aos temas lecionados e visitas de estudo relacionadas com as várias temáticas. Iremos mais à frente refletir sobre esta proposta.

Os adolescentes, nesta faixa etária, em termos psicológicos, biológicos, emocionais, bem como existenciais, têm características muito próprias, que devem ser levados em conta como o docente produz e realiza os seus tempos letivos. Será preciso, muita sensibilidade, muito profissionalismo e até dedicação para conseguir a máxima *rentabilidade*, concentração, entusiasmo, dedicação e participação reflexiva - crítica dos alunos. [Gráfico nº 1 e nº 2]

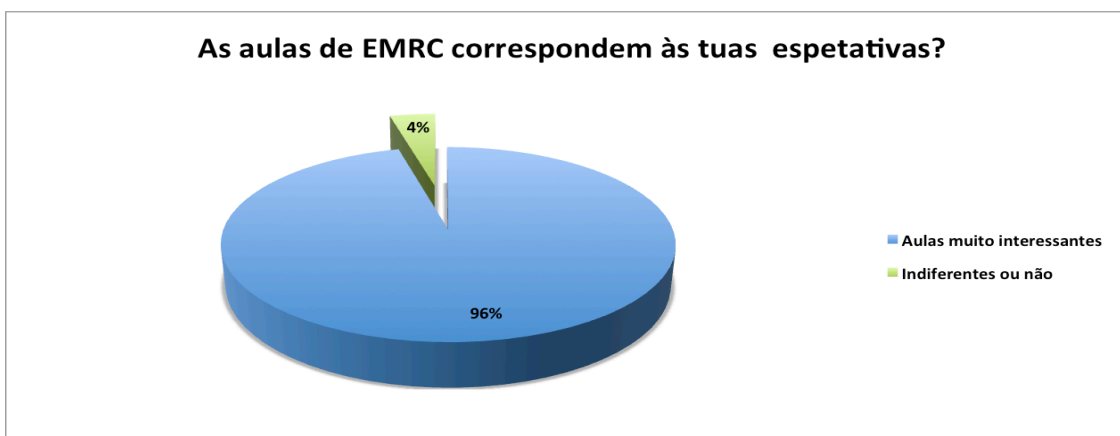


Gráfico nº 1 – Espectativas dos alunos

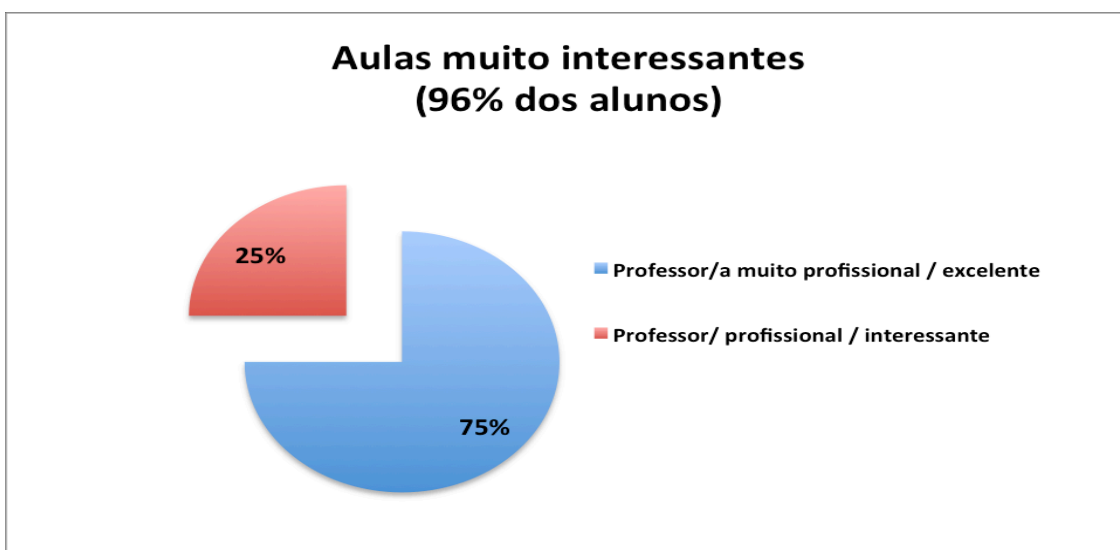


Gráfico nº 2 – Espectativas dos alunos

Ao longo deste inquérito apraz-nos registar que *grosso modo* estes requisitos e estratégias estão subjacentes e reforçam a aceitação e o impacto desta disciplina na sua vida, opções, decisões e até comportamentos. As respostas mostram e espelham os alunos numa idade com um misto de auto afirmação, descoberta e solidão, com vista a uma solidificação da personalidade, comportamentos, absorção de valores e respetivas atitudes perante os desafios imediatos e próximos.

Como todo o pedagogo, preceptor, formador ou professor sabe, nesta fase os adolescentes são deveras críticos, ativos e criativos por natureza, são numa palavra: insatisfeitos. Por isso o professor deve possuir uma cultura e intervenção dialógica⁷.

Por isso procuramos saber dos alunos que tipos de aulas, docência, atividades, temáticas e conteúdos, estes estão mais propensos e recetivos. Eles têm parâmetros muito próprios e influenciáveis por aspetos exteriores e circunstanciais tanto a nível do seu *modus vivendi* como do seu *modus operandi*. Estes alunos estão em crescimento a vários níveis: físico, intelectual, quer do ponto de vista do conhecimento quer dos valores. As visões *atraentes* encontram nesta faixa etária, *muitos seguidores*.

Por isso os *referenciais modelo* são muito importantes nesta fase para a apropriação e reapropriação de modelos de conduta.⁸

4.2- O discurso dos alunos: tipo de ensino

A segunda pergunta formula e questiona: *O que mudarias nas aulas de EMRC?*

Nesta fase etária os alunos têm latente a motivação exterior, que os faz sentir a necessidade de aprofundar os temas atuais. Estes captam os problemas pelos *media* no dia-a-dia, mas não têm ainda capacidade crítica, para os perceber e analisar. São os casos da crise da economia e da instabilidade social.

A profundidade e clareza das respostas variam de turma para turma, mas há vetores constantes. Contudo na turma dita problemática a análise é bem mais discreta e limitada.

Os dados a reter a nível estatístico são os seguintes: 90% dos alunos não alterariam nada nas suas aulas, 10% gostariam de tempos letivos mais longos. Outros dados / sugestões interessantes, são que 50% dos alunos gostariam de mais visitas de estudo a locais

⁷ ALVES, Palmira, *Currículo e avaliação - Uma perspetiva integrada*, Porto Editora, Porto, 2004, p.76. Inquéritos realizados em Guimarães e Vila da Feira, revelaram uma visão mais crítica e menos positiva.

⁸ VEIGA, Américo, *A educação hoje - A realização integral e feliz da pessoa humana*, col. "Obras Básicas" 1, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 2003⁸, p.24.

apropriados à temática, 40% gostariam de mais tecnologia, 30% de filmes discutidos, 35% de aulas ao ar livre, 15% de mais trabalhos de grupo, 20% gostariam de ver explicitada e explanada a educação sexual para melhor conhecer, discernir e compreender os seus próprios problemas. Finalmente 12% dos alunos apontam para a necessidade de menos ruído e mais respeito. [Gráfico nº3 e nº4]



Gráfico nº 3 – Avaliação das aulas

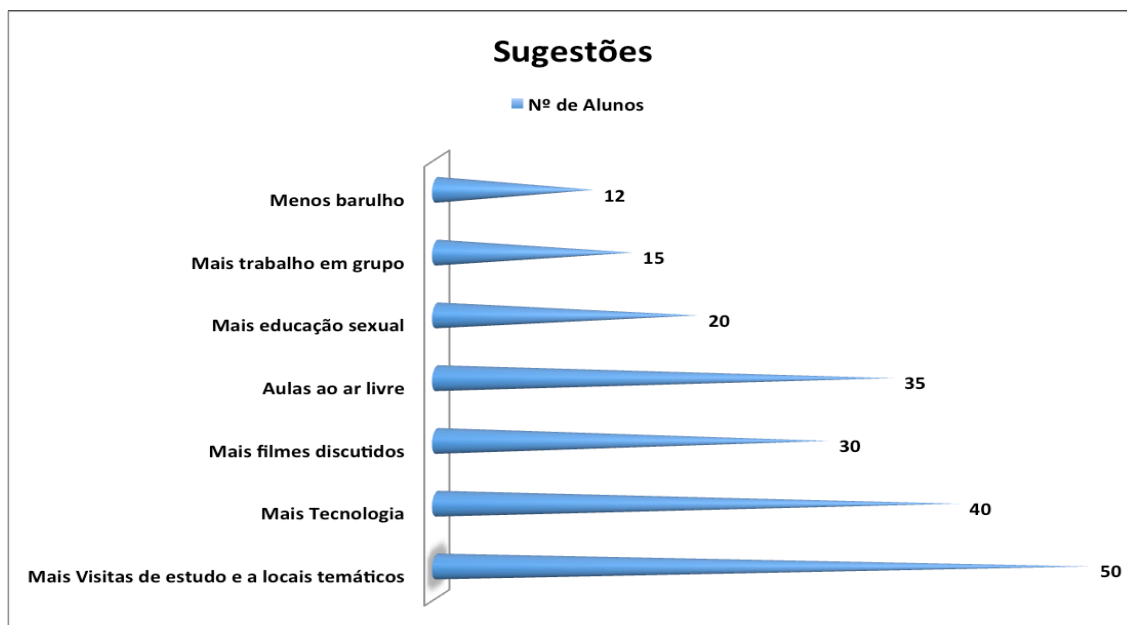


Gráfico nº 4 – Sugestões dos alunos

Assim à parte da satisfação geral, os alunos acabam por colocar a tónica da melhoria das suas pretensões nos métodos dinâmicos, interativos e didáticos. Neste leque inserem-se, o uso do computador, *power point*, trabalhos de grupos, vídeos, filmes, debates sobre temas como o aborto. É normal uma certa criatividade nesta idade e uma certa irreverência, contudo estes alunos ficaram-se pelas aulas ao ar livre. Noutras escolas os inquéritos foram bem mais mirabolantes nos desejos e sonhos.

Nota-se numa larga franja de alunos uma necessidade e ânsia em saber mais sobre a sua religião, igreja, Taizé, mosteiros, lugares religiosos e monumentos. É um sinal positivo de adolescentes ávidos de informação e valores para melhor adequarem os seus comportamentos, valores e opções de vida. Não deixaremos de salientar que os alunos pretendem sempre ambientes relaxados e atrativos. Lembremos que a educação deve ser vista como desenvolvimento integral harmonioso e progressivo da pessoa humana até à sua maturidade. É gradativa e um desenvolvimento contínuo, dinâmico e não linear.⁹

A nossa leitura vai no sentido que estes adolescentes são fruto de uma sociedade que tem novas exigências e necessidades, já que houve mudança de ritmo e de padrões. Como tal o professor de *EMRC* deve saber reorganizar o tempo e o espaço na sala, estando preparado técnica e pedagogicamente. Devem ser capazes de ministrar um ensino / aprendizagem mais ativo, colaborativo, criativo e dialogante. É o chamado ensino colaborativo privilegiando a troca e partilha de experiências e o ensino dialogante, visão coletiva de partilha de ideias e pontos de vista alternativos. É uma proposta apoiante, entendida como proposta de várias ideias que provoca consensos.

Este ensino pretendido é também cumulativo, pois as várias ideias expostas conduzem a pensamentos e raciocínios e questões coerentes. É finalmente específico, pois estes professores planeiam e facilitam o seu ensino com base em metas educativas.¹⁰

Assim as novas tecnologias e o quadro interativo são mais-valias, pois aumentam o ritmo de entrega *exposição do professor*. Aumenta o uso dos recursos multimodais imagem, som e movimento. Imprimem um estilo mais interativo à aula aumentando exponencialmente o *feedback*. Tornando assim mais fácil a tarefa do professor em reconhecer, identificar, clarificar e estimular. Diremos que ajuda o professor e os alunos a explorar e gerar novas ideias.

⁹ LITTLETON, Karen, *Technology, Pedagogy and Education – Research into teaching with the whole-class interactive technologies emergent themes*, The Open University, Milton Keynes, London 2010, p. 285-292.

¹⁰ *Ibidem* p. 290.

Na realidade, na nossa lecionação da unidade: A dignidade da vida humana, tivemos isto em consideração. Com este método o professor torna-se maestro e regente de orquestra. Pois este método orquestral permite maior flexibilização. Esta flexibilização cria estímulos multimodais, fruto do uso de recursos mais ricos e diversificados, que elevam a qualidade dos trabalhos e a sua apresentação, mas sobretudo podem facilitar a colaboração / interação aluno / professor, favorecendo a visualização, compreensão e interesse do aluno. Cria mais oportunidades para a interação e discussão aumentando a criatividade na apresentação de aulas. Isto faz com que o conhecimento e a eficiência do ensino de *EMRC* aumentem, melhorando assim o comportamento dos alunos. Isto, se for feito adequadamente e profissionalmente.

A nível pedagógico, nem sempre é fácil, pois exige do professor aceitar os desafios da mudança. Sobretudo pressupõe uma liderança forte e uma abertura ao risco. Lembremos que os alunos, muitos deles, estão muito à frente dos professores tecnologicamente falando no manuseio das novas tecnologias. Por isso pode ser um elemento de duplo risco, se o professor não dominar a todos os níveis as tecnologias que usa na sala de aulas. Pode até tornar-se num autêntico desastre...

4.3- *Temas desejáveis: conteúdos*

Novamente os alunos mostraram a sua coerência e satisfação. Quase 50% dos inquiridos expressaram a sua satisfação com a temática das aulas lecionadas. É um bom indicador sem dúvida, pois a indicação ou necessidade de temas adicionais é puramente residual. Contudo podemos inferir, que os alunos procuram saber e compreender o mundo que lhe diz respeito e no qual vivem. Assim os temas escolhidos tocam-nos diretamente: atualidade, a sua religião e as religiões, o seu futuro, as suas opções, as suas decisões e a sua sexualidade.

Assim o tema da sexualidade é novamente uma necessidade para 20%. Não deixa de ser curioso, que o universo feminino sente uma maior necessidade de aprofundamento desta temática, 13% contra 7% no universo masculino. É compreensivo, como atrás explicamos por razões de maturidade psicossomática. Em seguida temos os temas que visam a sua inserção, num mundo por vezes hostil e de difícil compreensão, para adolescentes que pretendem reconhecer os valores dessa mesma sociedade, para poderem eles próprios decidirem corretamente, segundo valores e decisões justificáveis e racionalmente assumidas

(15%). Dentro desta percentagem, 10% alunos gostariam que estas aulas os preparassem ainda melhor para o futuro.

É também interessante registar em 10% dos alunos, um interesse adicional, em aprofundar mais exaustivamente a temática religiosa tanto, segundo eles, da nossa religião, como das outras, para melhor os entendermos quando interagimos ou encontramos colegas que professam outras religiões. Há a firme convicção que estas aulas poderiam explorar e melhorar a enfrentar o seu futuro, no que diz respeito às suas opções de vida e decisões importantes vindoura *busca incansável da fundamentação*.¹¹ É notório, neste inquérito, alguma inquietude e uma procura de valores e padrões de vida coerentes, que os possam ajudar nas suas futuras decisões devidamente fundamentadas. [Gráfico nº 5]

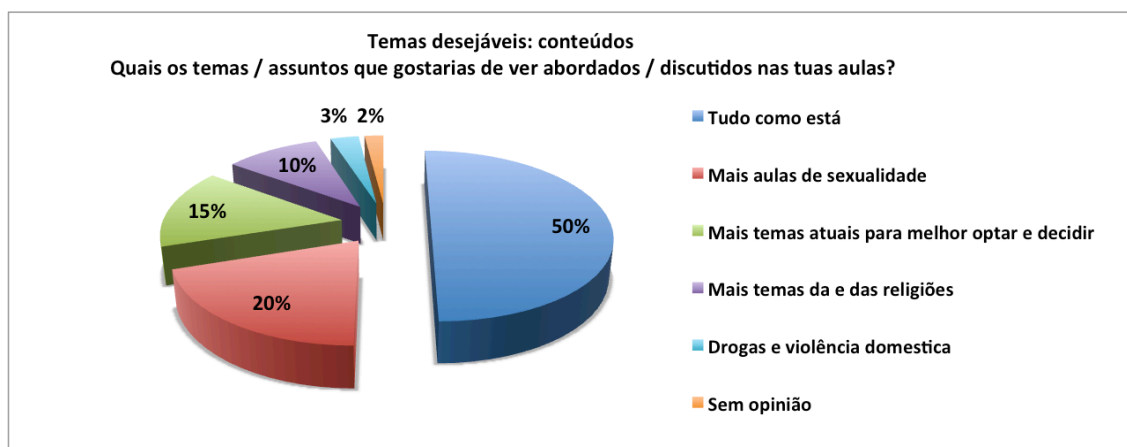


Gráfico nº 5 – Conteúdos desejáveis

Neste campo, a função do professor é crucial. O seu papel deve envolver, motivar e esclarecer. É um formador, gerando ideias e referências para um sucesso educativo. É no dizer de um dos alunos inquiridos: o professor de *EMRC* é uma espécie de psicólogo que nos ajuda a esclarecer dúvidas e a crescer.¹²

O perfil do professor é deveras importante. O êxito educativo não só depende do sistema ou método usado, mas sobretudo das qualidades e habilidades *skills* do referido professor. Qualidades, de testemunho vivo, de respeito e tolerância, relativamente à diferença. Sem dúvida que isto pressupõe, que o mesmo professor, é possuidor e dotado do “*domínio de qualidades pedagógicas e organizacionais*” para assegurar uma correta e eficaz

¹¹ VEIGA, Manuel, *Um Perfil Ético para Educadores*, Palimage Editores, Braga, 2005, p.190-193.

¹² Código do aluno inquirido: 1394F14. Testemunho interessante e a reter deste aluno sobre o papel do professor.

administração no interior dos espaços escolares.¹³ Ele não pode ser nunca um medíocre ou mero funcionário público. Não de todo. Terá de possuir atributos e qualidades adicionais, *até pela função mandato/serviço*, que lhe devem vir e provir de uma vivência de fé esclarecida e comprometida. Se tal não acontecer, os seus alunos irão rapidamente perceber esta desastrosa limitação *falha contra natura / intrínseca*.

4.4- Utilidade da disciplina de educação moral e religiosa católica

Esta disciplina tem uma grande influência nos alunos, apesar de opcional. Em 90% dos inquiridos, *melhora comportamentos, acrescenta maturidade, melhora o nosso presente e futuro, tira-nos dúvidas, alerta para os perigos, prepara-nos para a vida, torna-nos mais responsáveis, aumenta os nossos conhecimentos a nível intelectual e religioso e aumenta o nosso civismo e educação*. Eis em síntese a utilidade expressa. Também registamos, que pela primeira vez foi expresso: *acrescenta e fortifica a minha fé e compreensão da minha religião. Aprofunda o meu conhecimento de Deus e da Religião. Assim aprendo a lidar com os outros, a respeitar as suas opiniões e convicções religiosas*.¹⁴ *Cresço psicologicamente e humanamente, tornando-me mais compreensivo, compreendendo e aproximando-me do outro e do amor ao próximo*. Melhor não poderíamos esperar... Não é só um crescimento intelectual e cognitivo, mas um crescimento e fortalecimento interior e dos valores cristãos. É de facto notável a expressão clara, apontando para uma necessidade de esclarecimento e crescimento da sua fé. [Gráfico nº 6]

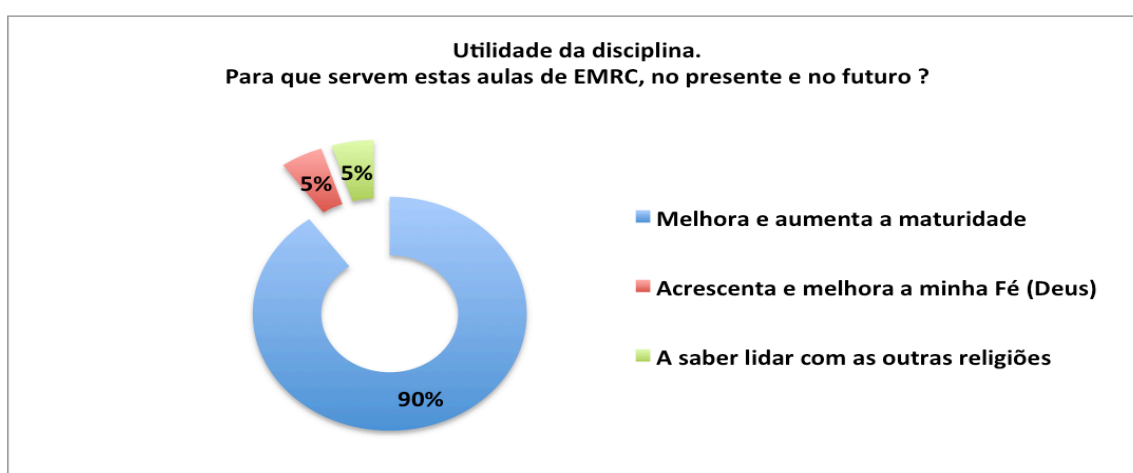


Gráfico nº 6 – Utilidade da disciplina

¹³ MENDONÇA, Alice, *O Insucesso Escolar: Políticas Educativas e Práticas Sociais*, Edições Pedagogo, Mangualde, 2009, p.38-40.

¹⁴ Códigos dos alunos inquiridos: 1094M13 e 1794F14. Ideia repetida ao longo das perguntas do questionário.

Para os alunos, *EMRC* ajuda a formar valores, morais, cívicos, princípios e ideais de vida. Ajuda simultaneamente a respeitar os outros, tornando-os menos violentos e melhores. Ao serem mais responsáveis, ajuda-os a refletir melhor sobre o seu presente e prepara-os para os desafios do futuro. Passam a se conhecerem melhor, pois encontram nesta aula um espaço de livre expressão. Neste sentido admitem, que esta disciplina com os seus ensinamentos os ajudam a moldar e a melhor vincar a sua personalidade. É fundamental esta visão: torna-os diferentes para melhor e prepara-os para enfrentar o futuro. Não deixa de ser interessante, ver nestes alunos com uma propensão para a irreverência, próprias de uma sociedade demasiadamente egoísta, individualista e relativista, verem nestas aulas uma espécie de posto de abrigo e refúgio seguro.

Há que realçar um esforço, quase titânico da igreja visando a melhoria das práticas pedagógico – científicas dos professores de *EMRC*, para estarem *up to date* e dotados de ferramentas adequadas para uma geração de alunos, tão vulneráveis como ávidos. A sociedade hodierna mudou, isso, nós não temos dúvidas, e ninguém, nem o professor de *EMRC pode perder o comboio*, sob pena de graves danos a todos os níveis, diretos e indiretos.

Os dois últimos papas estiveram sensíveis a este problema. João Paulo II disse a este respeito: “A fecundidade do ensino de moral e religião, bem como a capacidade de incidir na mentalidade e cultura e na vida de tantos jovens dependem, em grande medida da contínua atualização dos professores, da convicção interior e da fidelidade eclesial com que desenvolvem o seu serviço da paixão educativa que os anima”.¹⁵

Nesta mesma linha de orientação Bento XVI exorta os professores de *EMRC* a “promoverem um conhecimento profundo da bíblia para se poder individualizar, também hoje, as fecundas implicações culturais”.¹⁶

Pensamos que nestes inquéritos, estes objetivos estão a ser atingidos, e há que reconhecer não só as capacidades formativas, mas o profissionalismo e rigor científico subjacente. Infelizmente nem sempre será assim...

¹⁵ Cf. Discurso do Papa JOÃO PAULO II ao simpósio do Conselho das Conferências Episcopais da Europa sobre o ensino da Moral e Religião nas escolas públicas in *L'Osservatore Romano*, Roma, 15-16 Abril, 1991, p.324.

¹⁶ BENTO XVI, Exortação pós – sinodal, *Verbum Domini*, Difusora Bíblica, Lisboa, 2010, n° 111, p. 166-167.

4.5- O que aprendes?

O inquérito é de novo convincente em termos quantitativos. Os alunos expressaram que aprendem muito (50%). Este resultado vem na sequência das respostas anteriores e mostra a coerência destes alunos adolescentes. É um dado positivo a registar, a coerência intrínseca nas respostas no seu geral. Dentro desta percentagem, da aprendizagem satisfatória, estão contidos os valores, a família, o essencial da vida, o aprender a fazer escolhas, distinguir o certo do errado, o saber lidar com a vida, e saber decidir em situações difíceis. Abrange portanto todo o seu mundo existencial *modus vivendi* e emocional.

Não deixa de novo de ser relevante, que novamente 20% dos inquiridos embora satisfeitos e aprendam muito, mas gostariam ainda mais formação e informação sobre a sua sexualidade, entendida num sentido alargado *lato sensu*. Assim esta disciplina torna os alunos mais esclarecidos sobre a sexualidade, aborto, doenças, amizade, igualdade e até preconceito. Adicionalmente 10% dos inquiridos ficam esclarecidos sobre os valores cívicos e interação nas suas relações sociais.

Como respostas residuais aparecem: o aprender um pouco de tudo, e o aprofundamento da minha fé, estes últimos com ligação e compromissos e vivências de fé em ambiente paroquial, ou ainda, aula única que me permite crescer.¹⁷[Gráfico nº 7]



Gráfico nº 7 – Conteúdos de aprendizagem

Notamos de novo uma preocupação dupla, as suas melhores escolhas e a sua correta interação social numa sociedade agora bem mais exigente, fechada e seletiva para com o seu futuro próximo. A exigência de uma maior excelência, seletividade, e elitismo será a consequência colateral dos tempos de aperto e crise económico-financeira. Por essa via os

¹⁷ Códigos dos inquiridos: 1094M13, 0794M15, 1494F14, 1394F14. Reflexo de experiências paroquiais.

alunos, sentem e expressam e mostram-se mais vulneráveis e oprimidos pela perspectiva de redução drástica de oportunidades de realização profissional. A crise de valores e o mal-estar social, põe em causa as estruturas sociais, pois os desejos e, anseios e ambições, não são, e não podem ser satisfeitos, provocando descontentamento, tristeza, revolta e depressão. Estes alunos expressaram bem estas ansiedades /preocupações e *sentem na pele* esta mesma mudança. Por outras palavras são já o produto da mesma inquieta e atordoada sociedade, para o bem e para o mal.¹⁸

Por esta (s) razão o professor de *EMRC* terá que ser inovador, criativo, motivador e altamente competente e profissional, fazendo uso das melhores ferramentas técnicas e didático - pedagógicas para melhorar os conteúdos e rentabilizar as aprendizagens, maximizando assim a obtenção de novas competências. Deste modo mobiliza a participação interativa, coerente e reflexiva, que nesta fase etária é vital. Caso contrário, o efeito inovador e diferencial desta disciplina acaba por não provocar resultados positivos e implicações na sua vida, mas bem pelo contrário, torna-os amorfos e por vezes até cronicamente insatisfeitos, com propensão a/ou em vias de se tornarem adolescentes revoltados e sem referências ou *balizas* morais.

Deste modo, o professor, deve: “engage and motivate students, and increase their performance and retention of knowledge to facilitate the process of learning through reflection and participation.”¹⁹ Estes requisitos e exigências mostram-se claramente operacionalizados na lecionação como as respostas dos inqueritos nitidamente demonstram. As visões negativistas são inexistentes. Apenas pudemos detetar alguma necessidade de melhoria expositiva e técnica para alguns *poucos* alunos. É de louvar e de registar o nosso apreço pelo trabalho desenvolvido genericamente nesta escola: *aggiornamento* contínuo (maturação contínua). É um trabalho árduo, longo, por vezes penoso, não linear, invisível mas que mostra o espírito de dedicação e até de missão do educador / professor. O panorama é bem diferente noutras escolas como já pudemos comprovar *in loco* no passado recente, conforme já atrás referimos.

¹⁸ VEIGA, Manuel, *Um perfil Ético para Educadores*. Palimage Editores, Braga, 2005, p.135.

¹⁹ Cf. ALEXANDER, Robin, *Culture, Dialogue and Learning: exploring talk in school*, Eds, N. Merce & S, Hodgkinson, London, p.131-150. (O autor aborda a importância da motivação, na retenção, reflexão e participação).

4.6- *As razões da frequência das aulas de educação moral e religiosa católica*

A pergunta foi simples e direta, porque frequentas estas aulas? A coerência expressa manteve-se. Assim mais de 75% indica que foi só, ou também, uma iniciativa própria. Nas razões para esta decisão estão o gosto pessoal, o interesse que estas aulas despertam e as mais-valias que acrescentam a nível intelectual, cultural e religioso. Esta mais-valia foi mencionada por 25% dos alunos o que é notável. Este dado reveste-se de crucial importância, pois hoje é aceite pelos especialistas *da, e em* educação, o papel e a importância da construção social da educação. Isto é: a maior parte das oportunidades educacionais das nossas vidas ocorre no contexto extra e fora da escola. Estas oportunidades ocorrem sobretudo na família, através dos amigos e pais, dos meios de comunicação, organizações profissionais e das associações de que fazem parte. É neste círculo, que as oportunidades e possibilidades divergem exponencialmente. É aqui que se reflete o ambiente socioeconómico e cultural, que será determinante para um futuro desenvolvimento e sucesso educativo de cada aluno.²⁰

Um dado, quanto a nós surpreendente, é o peso e a importância das visitas de estudo. Para 17% dos alunos é uma das fortes razões da frequência. Ora se lhe juntarmos a ideia expressa de convívio com os colegas e o poder discutir com os mesmos colegas os problemas da sua idade, esta percentagem ainda se torna mais expressiva (+25%). É um dado que importaria aprofundar num outro âmbito de análise e estudo. Esta idade é em simultâneo um misto de solidão e uma necessidade interação social. Refletem a sua vulnerabilidade, mas ao mesmo tempo a necessidade de convívio num espaço muito *sui generis*, isto é o espaço da sua faixa etária onde se expressam livremente e sem complexos. Contudo é nesta fase que os valores começam a sedimentar, pelo que o testemunho do professor de *EMRC* pode revestir-se de fulcral importância. Os líderes e os guias nesta fase podem moldar certas facetas da personalidade e até influir em decisões importantes para a sua vida, tanto pessoal, como profissional. É a fase dos *posters*, da assimilação de reações, visões e comportamentos.

É com satisfação que verificamos, que apenas um aluno frequenta as aulas, porque foi obrigado e outro, que embora aconselhado pelos pais está deveras satisfeito. Em sentido inverso, os mesmos alunos já referenciados, expressam novamente, que a sua razão é: por

²⁰ PIRES, Lemos-SOUSA FERNANDES, António-FORMOSINHO, João, *A Construção Social da Educação Escolar*, Edições Asa, Rio Tinto, 1991, p.191-194.

uma questão de fé, de saber mais de, e, sobre Jesus, e porque são católicos.²¹ Não deixa de ser um bom sintoma de maturidade e de opção consciente. [Gráfico nº 8]

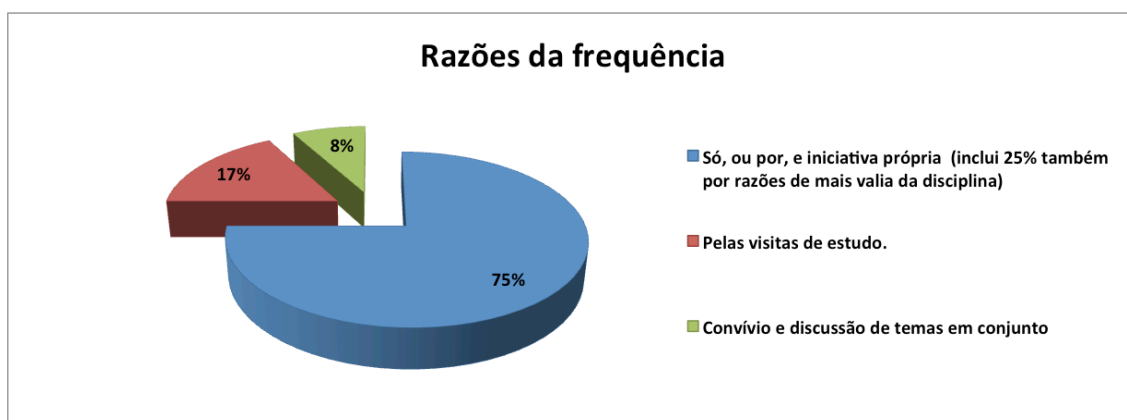


Gráfico nº 8 – Motivos de inscrição nas aulas

Concluiremos que as razões da frequência vão no sentido da valorização da importância da disciplina e dos conteúdos. Aliás há alunos que assinalam a especificidade da mesma, que deverá ser entendida sob dois pontos de vista: um no sentido da abordagem de temas que de maneira alguma, teriam ou poderiam discutir com os seus progenitores, outro, no sentido que estas aulas lhes conferem uma melhor preparação, mais-valia, a todos os níveis, já por nós referenciados, mas que abarcam o âmbito, cultural, intelectual, religioso dando e conferindo razões e valores imprescindíveis na sua vida presente, bem como futura. De certo modo, ficamos com a impressão, que os alunos apreenderam que o seu professor acredita e vivencia aquilo que ensina. É um dado a registar neste inquérito. Esta escola, e todos nós devemos estar gratos e orgulhosos desta performance.

4.7- *Análise geral e considerações finais*

O nosso inquérito mostrou um ambiente de sala de aula recetivo, favorável e sedento de formação e informação, quer cívica quer religiosa. Os alunos deram e expressaram o seu agrado e a ampla concretização das suas expectativas. Esta disciplina fornece-lhes um espaço de liberdade de expressão e livre discussão dos problemas candentes das suas próprias vidas. É para eles não só um espaço livre de exposição e de expressão de convicções, princípios e

²¹ Códigos dos inquiridos: influência parental: 9195M14 e 1994F14. Questão de fé: 1794F14, 1394F14, 1494F14. Assumida e vivida na sua comunidade.

ideais de vida, mas como também um espaço que propicia o seu melhor conhecimento de si mesmo e dos outros.

É também um espaço que os prepara melhor para a sua vida futura, aprofundando ao mesmo tempo a sua religião, a sua fé nalguns casos, e os valores para quase todos. Ao atingir este patamar, alguns alunos chegam a afirmar, que estas aulas, moldam e vinculam a sua própria personalidade, *função apelativa, atrativa e sedutora*, dos valores e mensagem cristã.

Como já referimos, não se notou conflitualidade ou atitudes ostensivas explícitas. Antes pelo contrário, sente-se uma certa empatia para com o docente, Mas não deixam de expressar uma necessidade contínua de conteúdos atrativos e interativos. Nada mais normal nesta visão...mas contudo há subjacente uma relação sedutora do professor e dos respetivos conteúdos. Aliás, recordemos o que os psicólogos e especialistas do ensino dizem: devemos *seduzir* os alunos, pela postura, competência, profissionalismo e exigência.²²

As aulas deverão ser atrativas fomentando assim a motivação pessoal. Deste modo os objetivos da lecionação poderão mais facilmente ser atingidos. Claro, que para tal, se exige cada vez mais preparação adequada e atualizada a nível pedagógico-didático. Não poderemos enveredar alunos e professores num “facilitismo alastrante” pegando nas palavras de Ernâni Lopes proferidas num contexto de análise global da sociedade portuguesa, do qual estes adolescentes fazem parte.²³ Este esforço é visível e comprova o profissionalismo e a dedicação dos docentes. Apesar de não ser fácil no dia-a-dia, pois estamos sempre condicionados por uma visão e leitura de uma disciplina opcional / confessional. Já nem falando sobre o peso e a sua avaliação no currículo geral e global do aluno. Há que encontrar um equilíbrio saudável, que beneficie sobretudo a aprendizagem de valores e conteúdos essenciais do cristianismo. Não será fácil, pois os tempos que se avizinham parecem indiciar uma maior laicização, ou pelo menos a sua manutenção, e uma menor recetividade para a vivência da fé cristã. Os adolescentes são, e serão, o espelho disso mesmo.

Ficamos deveras satisfeitos com os resultados retirados deste inquérito, mostrando um elevado nível de excelência do docente e dos docentes de EMRC. Lembremos, que estes alunos percorreram uma caminhada de aprendizagem e de aquisição de novas competências ao longo de vários anos, tendo diferentes docentes. É por via disso uma visão global e um

²² LITTLETON, Karen, *Technology, Pedagogy and Education, Research into teaching with the whole-class interactive technologies emergent themes*, The Open University, Milton Keynes, London, 2010, 19:2, p.290.

²³ Cf. LOPES, Ernâni, *Desígnios Nacionais*. Terminologia usada e proferida na Conferência no Centro Cultural de Belém em 04.09.2010.

resultado positivo, que deve ser partilhado e atribuído os louros a diferentes professores. É já um trabalho desenvolvido e operacionalizado por uma equipa ou departamento. É neste sentido que deve ser escalpelizado e analisado. E segundo o nosso ponto de vista, mais mérito acrescenta.

Ficamos com uma visão de um professor / pedagogo com mente aberta, espírito jovem, que gosta do que faz, por vocação ou paixão. Sente-se isso mesmo nas respostas dos discentes. As respostas fornecem uma radiografia de um professor dialogante conferindo confiança e até estabilidade a vários níveis. Deixam transparecer a imagem de um educador competente a nível científico e profissional. Pudemos confirmar isso mesmo, ao longo da nossa lecionação: a inteligência crítica, a adaptação constante a situações ou exigências/necessidades das várias turmas, o conselho amigo, direto e clarividente, a ajuda discreta mas presente em ínfimos detalhes, que espelham já “uma beleza e grandeza de alma”. Isto apraz-nos registar...

Estas situações concretas permitiram-nos fazer um *rewind* das nossas aulas na cadeira de didática no ano letivo de 2010/2011.²⁴ Isto é, a preocupação do professor de EMRC deve ser a de educar. Mas, mais do que ensinar a saber fazer, é o preparar para saber estar e ser. Deste modo facilita a integração, operacionaliza competências *encanto*, maximiza aprendizagens, aproveitando criativamente e seletivamente a interdisciplinaridade. Esta mobiliza recursos e conhecimentos para operacionalizar novas competências específicas.

Para educar é preciso conhecer por dentro, a realidade e a sua envolvência. Fica-nos portanto a ideia, que este substrato cognitivo assimilado pelos alunos, tem por base, um conhecimento bem profundo, do ambiente escolar, dos alunos, da realidade social e religiosa. Estes atributos são, e estão já consolidados em parte pela longa experiência e amplo conhecimento do meio e respetiva docência. A sua missão foi assumida e interiorizada como eclesial, *delegação do seu bispo*, e desempenhada com empenho e rigor, por vezes com prejuízos do seu agregado familiar e/ou interesses pessoais.

É neste patamar operativo do *modus operandi* do professor que entroncamos a ligação com a reflexão sobre o nosso tema: a dignidade da vida e da pessoa humana. O professor de EMRC contribuiu para incorporar valores éticos e cristãos a alunos que ainda procuram a sua integração e pertença, quer na sociedade, quer na sua opção e vivência religiosa. Os alunos começam a incorporar, assumir, assimilar e sedimentar um sentido de

²⁴ Notas e contributo retiradas da disciplina de Didática durante a lecionação da nossa orientadora de estágio Professora Doutora Isabel Varanda.

pertença e de identificação.²⁵ Lembremos que os alunos são o centro do processo de ensino, cabendo ao professor, com mestria, clareza e assertividade facilitar essa incorporação e assimilação aos discentes num processo criativo, interativo e dialogante visando o crescimento global dos mesmos. Será o nosso esforço na nossa reflexão sobre a dignidade humana.

Chegados a este ponto poderemos perguntar-nos: qual a ligação desta nossa reflexão, tendo como pano de fundo os inquéritos e o valor da dignidade da vida humana? A nossa resposta vai no sentido de afirmar uma relação estreita entre a necessidade de clarificação e da correta orientação e vivência dos valores e o valor primordial: a dignidade da vida humana. Para nós este é o valor fundamental, no sentido de primeiro e maior, pois dele derivam todos os outros valores sociais / cristãos.

Por outras palavras: se relativizarmos este último, iremos entrar numa espiral de pragmatismo, relativismo, instrumentalismo e até niilismo reduzindo e tornando os nossos valores a meros atos morais e juízos sem valor intrínseco. Passam a ser instrumentais, isto é, meros meios para atingir determinados fins. E isto, nós pudemos ver nos alunos do nono ano, que *bebem* esta visão individualista da sociedade, do indivíduo e das suas condutas. Foi particularmente flagrante na abordagem e na discussão alargada que tivemos em ambiente de sala de aulas sobre a questão do aborto, em que a turma se mostrou dividida. Uns, poucos, comungavam a visão cristã do valor da vida a ser preservada, outros, a maioria, regiam-se por princípios de liberdade incondicional perante a possibilidade de abortar.

Esta maioria defendia incondicionalmente a liberdade da mulher e a defesa da mesma. É segundo o nosso ponto de vista uma visão em que as paixões, *em sentido lato*, passam a controlar e a determinar a razão. A motivação é o desejo e neste sentido a moralidade é vista como restrição ao apetite e paixão.²⁶

O ponto de intercessão e de ligação da nossa reflexão é exatamente este: sentimos e captamos nos alunos uma ânsia de necessidade na clarificação dos valores, para melhor orientarem a sua vida presente e futura. Nos questionários-*inquéritos* esta necessidade de clarificação dos valores sociais e cristãos, foi constante e bem patente nas respostas, sugestões ou pedidos formulados pelos alunos. E porquê perguntamos nós?

²⁵Cf. RAHNER, Karl, *Escritos de Teología II*, Ediciones Cristiandad, S.A, Madrid, 2002², p.63. O autor explora e explicita os vários sentidos de pertença no «Zugehörigkeit» e incorporação «Gliedschaft» este sentido de membro: «Glieder». Convém referir que pertença a, no sentido amplo da palavra pode abarcar, ou poderia compreender por exemplo “capacidad de derechos y subordinación”. Esta pertença tem graus/patamares.

²⁶ GEORGE, Paul, *Choque de Ortodoxias*, Edições Tenacitas, Coimbra, 2008⁵, p.22.

Em primeiro lugar por razões de índole psicológica e psicossomática: a sua faixa etária é caracterizada pela mutação direcionada para uma posterior solidificação a todos os níveis. Isto fá-los sentir tão sós, como sociais, tão integrados, como isolados e por vezes perdidos ou desorientados.

Em segundo lugar, por razões sociais. Por todo o meio social que os envolve e que estes muitas vezes não entendem ou percecionam na sua globalidade. Assim confusos e sem maturidade para uma clarividente decisão ou opção, regem-se, ou deixam-se reger, por modas ou valores de ocasião. Tornando-se assim perigosamente as primeiras presas de posições éticas e morais apelativas, atrativas, mas instrumentalistas.

Novamente esta visão, esteve presente na discussão e reflexão sobre a vida e o aborto, que tivemos durante a lecionação. Alguns alunos emitiram opiniões e expressaram convicções, fruto e influenciados por conteúdos televisivos e não tanto como resultado de uma visão minimamente coerente e pessoal. Novamente sentiu-se em alguns alunos o sentido de impunidade, do vale tudo, a justificação pessoal e casuística tendo em vista a resolução de um problema concreto, e, ou a manutenção do seu bem-estar.

Aqui diremos que esta nossa turma é já um produto da nossa sociedade e das suas vivências bem como reflexo das carências familiares. Isto, iremos pagar bem caro... Se isto se verifica *do alto dos seus imaturos quinze anos*, nós poderemos prever o que se passará perante dilemas bem concretos na sua fase adulta. Aí, com compromissos assumidos, tanto sociais como familiares, bem mais concretos e complexos.

Numa palavra, se relativizamos o valor da vida humana, facilmente *a fortiori* teremos visões redutoras sobre o início da vida humana, do aborto do matrimónio, da sexualidade e do valor dos idosos. Neste caso as nossas opções serão norteadas, por, e de índole pragmática, individualista e relativista, tentando justificar as condutas do eu, do seu bem-estar ou da sua liberdade de decisão. É o chamado relativismo moral e situacional. É a valorização unilateral do indivíduo e da sua afetividade.²⁷

Eis, em poucas palavras a ligação para a nossa reflexão sobre a dignidade da vida humana em que procuraremos sublinhar a importância deste valor primordial, que como cristão que somos, é visto como um dom de Deus. A nossa introdução do tema na aula foi talvez, um pouco *musculada* mas pensamos na altura que seria preciso vincar claramente o

²⁷ ANTUNES, Marinho, *Motivações numa sociedade em mudança*, in *Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa, Questão Ética e Fé Cristã*, Editorial Verbo, Lisboa 1988, p.44.

valor da dignidade da vida humana como ponto de partida e de alavancagem para todos os outros valores, *noção de hierarquia*.²⁸

Finalmente, estes alunos vivem num ambiente social que deixa transparecer uma clara crise de valores, eivada e agravada pela crise económica, do aumento de alguma perturbação social e uma volatilidade alastrante e contagiante das notícias, dos feitos, desastres e desmandos. É a aldeia global ou *global village*, de que eles são elementos e instrumentos de uma sociedade consumista, que se expressa num materialismo prático consciente ou inconsciente. Passaram a viver um dia-a-dia cheio de informações, apresentando uma visão catastrofista e negativista do mundo em que vivem. Isto tem implicações e repercussões a nível da incorporação, assimilação e sedimentação dos valores que orientam e orientarão a sua práxis. Os valores não se apregoam, incorporam-se.

Se o valor inicial, *dignidade da vida humana*, não está solidificado e vivenciado no *modus vivendi*, então as suas opções, são, e serão quase sempre, guiadas por tendências instrumentalistas, oscilando ao sabor das diferentes situações ou gravidade das mesmas. Eis nestas linhas, a ligação da temática: a procura dos valores e de valores pelos alunos, como guia para as suas condutas e o principal valor, o valor dos valores: a dignidade da vida humana. A nossa introdução na primeira aula, em *power point*, tentou evidenciar isso mesmo.

Deixaremos, como na leção alguns aspetos de lado, por motivos de síntese e por motivos espaço temporais. Sem contudo emitirmos de novo a nossa modesta opinião: esta unidade letiva está bem concebida, embora vasta e longa, dá ao docente, e aluno, a possibilidade de explorar e sobrevalorizar este ou aquele aspeto, conforme a turma, e as circunstâncias. Foi o que fizemos. À partida achávamos exagerada a ênfase no aborto e nas respetivas argumentações. No terreno provou-se que foi o oposto, a julgar pela participação, explicitação e clarificação de situações e pontos de vista. Neste caso foi uma agradável surpresa.

Passaremos agora a explicar e a dissecar alguns aspetos deste vasto tema tendo sempre duas *balizas* na nossa abordagem: a valorização deste valor intrínseco e a sua correlação com uma sociedade impregnada de valores pragmáticos e utilitaristas.

²⁸ Sobre esta hierarquia de valores e direitos humanos consultamos a visão da: Comisión Teológica Internacional, *Documentos 1969-1996, Veinticinco años de servicio a la teología de la Iglesia* Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1998, p.309. Este documento (C12) tem por título: *Dignidad y derechos de la persona humana (1983)* e cita o Concílio Vat. II, Const. Pastoral *Gaudium et Spes*. 73, 73: AAS 58 (1966), 1094-1095 e o Papa João Paulo II na sua alocução aos participantes no V Colóquio Internacional de Estudos Jurídicos (10 de Março de 1984), 5 *Insegnamenti* 7/1, 566-657.

CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIDADE LETIVA 1: A DIGNIDADE DA VIDA HUMANA DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA DO 9º ANO DO ENSINO BÁSICO

1- Valor absoluto da dignidade da vida humana

Abordar sinteticamente esta problemática é uma tarefa hercúlea. Estamos conscientes das nossas limitações, mas procuraremos ser sintéticos, incisivos e assertivos quanto possível. Iremos procurar espelhar e fundamentar as ideias mestras que procuramos veicular e transmitir na nossa lecionação: o valor da dignidade humana em todas as fases biológicas do ser humano.

Como já ficou espelhado em páginas anteriores, a dignidade da vida humana é o valor primordial, direito fundamental. Sem este, o ser humano torna-se na sua própria negação, pois tudo perde. Isto é: o valor intrínseco da sua razão de existência desaparece, bem como a sua própria essência como ser racional, auto consciente e livre. Neste sentido a dignidade do ser humano não é “valor” mas o fundamento dos valores.²⁹

Haverá muitas *nuanças* na abordagem de tão complexo tema, contudo a nossa reflexão vincará sempre a dignidade da vida humana como valor primordial e como tal, ponto de partida de todos os direitos da pessoa. Pessoa essa, que necessita de ver assegurada a sua existência, para assim garantir a sua efetivação, realização e concretização vivencial da sua própria dignidade como ser racional. Ser esse racional, que vive e sofre as contingências históricas e sociais. É neste sentido que diremos, que não é por acaso que nos séculos XX e XXI a dignidade do homem, dignidade da vida humana, passou a ser de novo o centro de intensificado e reforçado interesse. Se depois da Segunda Guerra Mundial as razões eram por demais evidentes para uma sobrevalorização tão pertinente, como necessária, a fim de evitar novas atrocidades mundiais, no início deste século XXI as inquietações mantêm-se. Mas agora a juntar às antigas, há ainda as preocupações provocadas por novas ameaças como: os avanços biotecnológicos, com efeitos para a eugenia, a clonagem e outras técnicas voltadas para o utilitarismo e o pragmatismo: algo não natural e espontâneo.

Em simultâneo salientaremos sempre uma visão judaico-cristã da vida, como um dom. Por outras palavras: Deus é a origem da vida. Como dom gratuito o ser humano deve, *como crente*, estar e sentir-se grato, cultivando, tratando e respeitando a sua própria vida. Se por um lado na tradição judaica, há uma visão antropológica do Homem como *Imago Dei*,

²⁹ DUSSEL, Enrique, “Dignidade: negação e reconhecimento num contexto concreto de libertação”, in *Concilium*, 300,2 (2003), p.90-104.

por outro lado no cristianismo é o próprio Filho de Deus, que encarnando a condição humana nos oferece o plano salvífico em definitivo. Neste sentido concordamos em dizer, que a dignidade humana tem ascendência judaica, *monoteísmo ético*, e proveniência cristã.³⁰ Jesus Cristo através dos seus ensinamentos, e nomeadamente nas bem-aventuranças expressam o valor da dignidade humana como inalienável. Isto mesmo é consolidado pela inversão, que estas mesmas bem-aventuranças fazem da hierarquia social tradicional e o ministério de Jesus aos marginalizados. Aliás a igreja procurou, *e sempre deve procurar*, seguir essa linha ao tentar dar voz aos sem voz, como mais à frente abordaremos. É a opção pelos mais desfavorecidos e excluídos. Foi neste contexto que dedicamos uma sessão por completo à parábola do bom samaritano. Diga-se que se revelou ser uma opção não só acertada como adequada a julgar pela participação e interesse manifestado pela turma.

Depois de definir os parâmetros e objetivo da nossa reflexão, teremos que definir muito sucintamente o conceito em questão e o trajeto linguístico – semântico ao longo do tempo.

1.1- *Definição do conceito*

Qual a origem dos conceitos: pessoa e dignidade? Como surgiram? Como já atrás vincamos, o ser humano é por natureza racional, dotado de liberdade sendo *revestido*, de uma dignidade enquanto pessoa na qual se fundamentam direitos inalienáveis, cujo reconhecimento se impõe ao próprio Estado e devem ser garantidos pela ordem internacional.³¹

O conceito de pessoa, aplicável ao ser humano, por sua natureza racional, tem as suas raízes na civilização greco-romana, inicialmente limitado ao mundo do teatro. Aí os artistas usavam máscaras para que as suas vozes *reboassem* melhor pelo espaço aberto em que representavam. Em Roma essa máscara era chamada *persona*, pessoa. O verbo *personare*, significava ressoar. Como a máscara se adaptava ao personagem que era representado, homem ou mulher, o conceito de pessoa passou a corresponder ao papel que se representava numa peça teatral, personagem. Assim vamos encontrar no direito romano, o conceito de pessoa, com o conteúdo específico de qualificar aquele que tinha capacidade de ter direitos,

³⁰ HOGAN, Linda-MAY, D'Arcy, "Construção da dignidade humana no diálogo inter-religioso", in *Concilium*, 300,2 (2003), p. 77-89.

³¹ Cf. MOURA, Laércio, *A dignidade da pessoa e os direitos humanos. O ser num mundo em transformação*, Edições Loyola, Rio Janeiro, 2002, p.27. (Boécio no século VI afirmava: substância individual de natureza racional).

os sujeitos de direito. Aqui os escravos eram *res*, coisas, pois não eram considerados sujeitos de direitos: pessoas.

Pessoa na área do direito significava, a capacidade de exercício de um papel, de uma função na vida real. Contudo, teremos que afirmar que na filosofia grega este conceito é impraticável. O *Homem* no mundo grego está submetido às leis do fado e da necessidade que os próprios deuses não podem mudar. Com o cristianismo, a noção de pessoa aprofundou-se tanto no campo da filosofia como da teologia. O conceito aproximou-se do conceito de *hipóstase*, isto é substância de natureza racional. Por outras palavras, o conceito de pessoa não se restringe aos seres de natureza racional, mas está ligado à ideia de dignidade de um ser decorrente da sua excelência. Todos nós já usamos alguma vez, o termo pessoa ou pessoas no sentido que tem alguma dignidade: *aquilo é que é uma pessoa*.³²

Um ser, que conhece e se apreende, como sujeito e que apreende o ser conhecido como limitado, e que atinge o próprio, *esse*, o ser enquanto em si ilimitado. Aqui se funda o conhecimento explícito da nossa transcendência, da nossa dignidade de pessoa humana e da nossa abertura para o ser absoluto que é Deus. Usando uma expressão de Karl Rahner: uma “antecipação abstrativa”.³³

Debrucemo-nos agora rapidamente sobre o termo dignidade. Este vocábulo, *decus* significa: ornamento, distinção, honra e glória. Por sua vez *dignitas* está ligada à noção de reconhecimento dignitário: decoro, decência, honra e honrarias. O dignitário devia manter a sua classe, velar pela sua imagem e em compensação tinha direitos e sinais especiais de respeito. Já em Grego “axioma” tem a ver com a noção de “taken for granted like first principle and self imposing”.³⁴ Há aqui a noção de algo pensado como princípio e mais alto valor, ligado ao conceito de reconhecimento. Alguém que desfruta de uma aceitação geral. Posto isto, podemos dizer que a visão de dignidade, tem quatro grandes perspetivas. Adicionalmente, diremos que a noção de humano, como pertinente e relativo à raça humana, é recente: século XVII. Até aqui vigorava um sentido mais normativo. A partir do século XIX, a dignidade humana ganha uma proeminência temática à escala global e sobretudo evidente, nas encíclicas papais.

³² Cf. PESSINI, Leo-JUNKER-KENNY, “Em nome da dignidade”, in *Concilium*, 300,2 (2003), p. 116.

O conceito aqui aparece ligado à excelência e posição elevada: *excelentia et dignitas*.

³³ Cf. RAHNER, Carl, *Escritos de Teologia II*, Ediciones Cristiandad, S. A, Madrid, 2002², p. 232.

O autor define dignidade humana como: 1)- “dentro de la variedad del ser que reclama – ante sí y ante los otros – estima, custódia y realización. 2)- que es la própria del hombre, hay que deducirlo de la razón y de la revelación” p. 232 e 233-241.

³⁴ LEBECK, Mette, *What is Human dignity?* Maynooth Editions, Ireland, 2010, p.1-13.

A primeira perspetiva é *cosmo centrica* (base da natureza), que inclui a visão grega e romana, nomeadamente de Aristóteles e de Cícero, este, influenciado pelo estoicismo. Para Cícero, a dignidade humana era uma obrigação e imposição de permanência num estado superior à *besta*.³⁵ A procura da virtude e não do prazer. No sentido, que nada é mais divino, que a razão. Já Aristóteles favorecia a noção de respeito obtido e respeito pela justiça. Aliás, Aristóteles privilegia a aristocracia fundada ou justificada pelo mérito *decus*.

A segunda perspetiva é *Cristo centrica*. Fazem parte desta visão os nomes de Ambrósio, Tomás de Aquino, *este não muito longe em certos aspetos de Cícero*, e Alberto o Grande. Todos eles realçam a importância do ser humano em termos da crença de um Deus feito homem, em Cristo. Este dom foi concedido duas vezes: primeiro, pela criação, e segundo por intermédio do plano salvífico concretizado, *restaurado*, em Jesus Cristo, *shared believe in god made man, Christ*. Este mesmo Jesus Cristo que contribuiu decisivamente para o reconhecimento da pessoa e da dignidade através do amor ao próximo. Este aspeto é inovador. Sem este, talvez a humanidade não tivesse progredido e assimilado este valor universal, tornando-se hoje óbvio e um dado cultural, social e religioso adquirido, pelo menos em termos concetuais.³⁶

O terceiro período é a abordagem *logo centrica* própria do renascimento, iluminismo e da reforma. Aqui teremos que referir os nomes de Pico della Mirandola, Hobbes e Kant. Para Hobbes a dignidade não possui nenhum valor próprio da pessoa, mas está ligada ao poder e domínio.³⁷ Quando alguém não tem poder, falta-lhe o reconhecimento e também dignidade. Kant por sua vez é mais radical. Retira a dignidade do mundo fenomenológico, *poder e domínio*, e concentra-se na atividade sensitiva do ser humano em si. A razão, diz Kant “refere as máximas da vontade” – como legisladora universal – a qualquer outra razão, e também a toda a ação contra si mesma, e isto não em vista de qualquer outra razão prática ou de uma futura vantagem...mas sim da ideia da dignidade de um ser racional que não obedece a nenhuma lei a não ser aquela que ele próprio proclama. A lei moral dentro de mim não é acessível à lógica da fundamentação: é um fato da razão.³⁸

A razão para Kant é um meio e não o fim. Embora sem razão um ser não pode ser fim em si mesmo, pois não tem consciência da sua existência e não pode refletir a respeito da mesma. Mas a razão não é a causa. Antes, o ser humano como fim em si mesmo, possui

³⁵ MATYSKAK, Philip, *Crónicas da República Romana*, Editorial Verbo, Lisboa, 2004, p. 196.

³⁶ MOURA, Laércio, op. cit. p.74.

³⁷ PESSINI, Leo-JUNKER-KENNY, op. cit. p. 25

³⁸ KANT, Immanuel, *Werke in sechs Bänden*, Vol IV, 67s, Verlag Wilhelm, Ed. Wissenschaftliche-Buchgesellschaft, Damstadt, 1963.

dignidade e nada equivalente existe que a possa substituir. Mas não é a razão que nos confere dignidade.

Finalmente nos tempos modernos, a tônica vai para o *polis centred account* O chamado *polis centrismo ou o construtivismo social*. A tônica é nos fatores sociais e na sua inter-relação e intercessão com os fenômenos, experiências e relações político - sociais.

Claro que é uma divisão formal, mas dá-nos uma panorâmica geral sobre as *nuances* na valorização da dignidade humana. Claro, que há outras visões e autores, que dividem simplesmente estas quatro visões, desta maneira. Antiguidade de 5400 d.C. a 395 d.C. fim do império Romano por Teodósio, Idade Média de 395 d.C. a 1453, conquista de Constantinopla, Época Moderna de 1453 a 1789, e a Idade Contemporânea de 1789 (Revolução Industrial e Francesa), até aos nossos dias.³⁹ São pontos de vistas para os quais estamos sensíveis e vemos vantagens numa e noutra abordagem.

Definidos os conceitos subjacentes ao valor da dignidade humana, avancemos para a reflexão propriamente dita do valor da vida e dignidade humana e como a sociedade hodierna a valoriza. Uma sociedade vivendo uma crise de identidade e de valores, cujo espelho encontramos na nossa turma. Isto é: adolescentes à procura do valor, dos valores e da respetiva orientação. Adolescentes à procura de segurança, de um guia e de traves mestras, na correta orientação das suas condutas, presentes e futuras.

1.2- Crise de identidade e de valores

Partiremos para a reflexão sobre a dignidade da vida humana e a crise de valores na nossa sociedade, *a fortiori*, nos nossos alunos, com uma visão jurídica da dignidade da pessoa humana. Eis a definição: “ qualidade intrínseca e distintiva de cada ser humano que o faz merecedor do mesmo respeito e consideração por parte do estado e da comunidade, implicando, neste sentido, um complexo de direitos e deveres fundamentais que assegurem a pessoa tanto contra o todo e qualquer ato de cunho degradante e desumano, como lhe venham a garantir condições existenciais mínimas para uma vida saudável, além de propiciar e promover a sua participação ativa e corresponsável nos destinos da sua existência e da vida em comunhão dos e com os demais seres humanos”.⁴⁰

Notamos que há nesta visão oriunda da jurisprudência, de uma dignidade entendida como recetáculo de direitos e de deveres, visando promover e garantir a participação e

³⁹ MOURA, Laércio, op. cit. p.15-17.

⁴⁰ PESSINI, Leo-JUNKER-KENNY, Maureen op. cit. p.117.

comunhão dos seres humanos. Mas esta não esgota a problemática, nem é global nem consensual. Expliquemos: estamos perante um conceito polissémico e que carrega no seu bojo vários significados diferentes de valores éticos. E porquê, perguntamos nós?⁴¹

A resposta é, que ele é utilizado na defesa de valores antagónicos, como iremos ver mais à frente, no caso particular da eutanásia. Serve portanto, tanto para argumentar contra a sua proteção, bem como a favor da sua aprovação. Mas estas interpretações, a nosso ver, redutoras, não se ficam por aqui. Elas irão abarcar todas as temáticas das fases reprodutivas-gestativas, bem como todas as fases da vida humana.

São as consequências lógico-dedutivas de uma visão secular que valoriza e radicaliza a liberdade e a autonomia pessoal, elegendo a pessoa como a única protagonista do processo vida e da morte. É a crise de valores que perpassa e atravessa transversalmente a nossa sociedade hodierna.

Como via disso, a liberdade individual torna-se no único juiz da sua própria dignidade, não dependendo assim de forças ou seres transcendentais. O conceito de dignidade da vida humana, liga-se sobretudo a um conceito de qualidade de vida. Está aqui implícito e subjacente, de que não é qualquer vida, que merece ser vivida.

Podemos dizer que neste paradigma de interpretação, as realidades humanas, *dor, sofrimento sem perspectiva de alívio, doenças sem cura, dependência, deterioração corporal progressiva da pessoa*, justificam que é melhor morrer, que continuar a viver em condições precárias e por vezes degradantes. Esta perspetiva nega a “tábua referencial de valores que confere dignidade, a partir do exercício da autonomia responsável”.⁴²

Do lado inverso, temos a noção religiosa, em que a dignidade do ser humano, é vista sempre em ligação com a sacralização da vida. Num contexto cristão, o ser humano é uma criatura redimida por Cristo. Deus é o autor da vida, e não cabe ao homem tirar, ou abreviar a sua própria existência. Neste sentido, *não matarás*, é o grande mandamento, pois constitui uma ofensa ao Criador digna de condenação eterna. É uma visão dramaticamente oposta: a vida não se perde em situação de dependência ou de doença e de sofrimento humano. Está aqui o conceito de filiação / dependência divina.⁴³

Por outras palavras, a matriz da dignidade do ser humano, está inscrita no seu ser, como, *imagem*, e semelhança de Deus. A vida do ser humano provém de Deus, “e é um

⁴¹ Ibidem p. 117-121.

⁴² Ibidem p. 118.

⁴³ Ibidem p.117-119.

Dom imagem e participação do sopro vital de Deus. Deus é portanto o único Senhor: o ser humano não pode dispor dela, a seu bel-prazer”.⁴⁴

Por tudo isto, diremos, que a radicalização destas duas perspectivas, em nome da dignidade, alimenta posturas intolerantes, que vão negar o que é mais específico no ser humano: a sua dignidade. Seja ela proveniente de um liberalismo traiçoeiramente atraente, mas atroz, seja ela de um conservadorismo fundamentalista, ainda que religioso. Os casos reais são por demais evidentes, em que se opõe a onipotência divina e a autodeterminação humana. Digamos, que esta equação faz que a afirmação de uma, é a obrigatoriamente, a negação da outra. Mas, atenção, devemos reinterpretar o princípio da inviolabilidade da vida, sendo esta propriedade de Deus e o ser humano como mero administrador passivo. Não, o ser humano deve ter papel ativo e consciente.⁴⁵ Do nosso ponto de vista, a dignidade da vida e da pessoa humana, é um atributo intrínseco da essência da pessoa humana. Este ser humano é o único que compreende um valor interno superior, a qualquer preço, que não admite substituição equivalente. Deste modo a dignidade entranha e confunde-se com a própria natureza do ser humano.

Como cristãos, perspetivamos a divindade da pessoa humana como fundamentada na sua criação à imagem e semelhança de Deus. A sua dignidade sai para além da sua existência. Dessa vinculação, o homem tira a sua singularidade no mundo e no universo e também a sua excecionalidade. Neste sentido, podemos dizer: todos os outros seres possuem um preço, mas só o homem possui dignidade, esta entendida não só como um valor, *bonum em latim e em grego agathón*, em si, mas sobretudo como o fundamento dos valores.⁴⁶ Mais, o *Homem* não existe só biologicamente. Mas sobretudo, este *ser Humano* personifica o rico e sublime mundo espiritual, refletido no saber e nos sentimentos, inclusive religiosos, mas aqui, a aceitação desta visão entra e depende da cosmovisão de cada um.⁴⁷ É neste terreno que os secularistas e liberais exploram os seus argumentos. Isto é, os secularistas afirmam que os seus juízos religiosos e os morais e a fé não têm fundamento racional. A religião não tem portanto estatuto especial. É a chamada visão instrumentalista da visão moral, anulando o valor intrínseco dos atos e juízos morais. A razão torna-se escrava das paixões e assim a

⁴⁴ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica: *Evangelium Vitae*, (25 de Março de 1995), Edições Loyola, São Paulo. (Sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana: n.º 39. Salientando este valor como Dom, imagem e participação sopro vital de Deus), com comentários de PESSINI, op.cit.p.117-120.

⁴⁵ Cf. TAMAYO-ACOSTA, Juan José, “Dignidade e libertação perspectiva teológica e política” in *Concilium*, 300,2 (2003), p. 67-71. “O reconhecimento da dignidade interior sem transformação das estruturas que a negam continua sendo pura conversa fiada: necessita da prática da justiça e da mudança que negam essa dignidade” p. 69.

⁴⁶ DUSSEL, Enrique, “Dignidade: negação e reconhecimento num contexto de libertação”, in *Concilium*, 300,2 (2003), p.90.

⁴⁷ *Ibidem* p.93.

razão instrumental inviabiliza todo e qualquer princípio moral fundamental, até os direitos do homem.

No fundo indica e privilegia o modo como obter o que queremos. Para tal, nega os valores intrinsecamente bons, vida corporal humana, aceitando-a apenas como instrumentalmente boa. Como consequência, conduz à não-aceitação da inviolabilidade moral, respeitada e tutelada por qualquer regime juridicamente justo. Tornando-se por isso, um meio para outros fins, e não um fim em si mesmo. É o chamado relativismo liberal, relativizando os atos no interesse do próprio indivíduo. Daqui à desmoralização das políticas públicas vai um passo. Provocando uma erosão dos valores generalizada, bem evidente na família e na ética do trabalho, relações e convivência sociais, vida política e empresarial, relativismo social confrangedor e altamente mediatizado e polemizado e um individualismo doentio.⁴⁸

Ao contrário a nossa visão cristã, como tem vindo a ser salientada, pretende evidenciar o respeito da vida humana em todas as suas fases. É a defesa dos princípios e valores fundamentais morais cristãos da vida humana. Cristão, que se deve apresentar como esclarecido, atento e comprometido. Ao dizer esclarecido, pretendemos sublinhar a fé, como amiga da razão. Já João Paulo II in *Fides et Ratio* insistia nesta vertente: uma fé esclarecida e uma verdade que em última instância é um atributo de Deus”.⁴⁹

Lembremos, que este papa foi um professor de filosofia, sendo esta encíclica uma espécie de celebração da importância da dignidade e da importância da filosofia. É uma exortação aos filósofos a “pensarem em grande”. Daí que o papa não aceite a autossuficiência da fé. Como dizia Santo Agostinho, se a fé “não pensa não é nada”. Assim a fé aponta em si mesma para o papel indispensável da razão, e deste modo, para o papel da filosofia.⁵⁰

⁴⁸ GEORGE, Paul, op. cit. p. 253-254.

⁴⁹ Cf. GEORGE, Paul, op. cit. p. 317-329. Neste capítulo o autor explicita eloquentemente toda a temática “Sobre Fides et Ratio”. Voltaremos a esta temática no capítulo específico sobre a dignidade humana e o magistério.

⁵⁰ Cf. RAHNER, Karl, op.cit. p.232. Neste âmbito consultamos a sua noção abrangente da dignidade da pessoa humana: “1. En general, dignidad significa, dentro de la variedad y heterogeneidad del ser, la determinada categoría objetiva de un ser que reclama - ante sí y ante los otros - estima, custodia y realización. En último término se identifica objetivamente con el ser de un ser, entendido éste como algo necesariamente dado en su estructura esencial y metafísica y, a la vez, como algo que se tiene e encargo de realizar. Entendemos aquí por estructura esencial todo lo que el hombre es y necesariamente tiene que ser, ya se trate - cada aspecto en sí considerado - de la esencia (naturaleza) o bien, referido a una estructura fundamental del hombre, de un don libre de Dios, gracia, por tanto sobrenatural. 2. Qué dignidad es la propia del hombre, hay deducirlo de la razón y de la revelación...a) Respecto al rango objetivo, a la pretensión subjetiva de guía y la amplitud de contenido...un rango ... metafísico racional. b) En vista de la mutabilidad biológica, cultural e histórico-espiritual del hombre.

Como em tudo na vida há que encontrar um equilíbrio. Bem apropriada será por isso a frase lapidar de S. Tomas de Aquino: *virtus in medium est*

1.3- *A procura de valores*

Depois de explanarmos a nossa visão cristã da dignidade da vida humana, depois de darmos e fazermos uma pequena radiografia à nossa sociedade contemporânea, o leitor poderá pensar que estamos perante uma sociedade desprovida de valores. Não, bem pelo contrário. A sociedade hodierna, não só está mais instruída, consciente, bem como, mais politizada ideologicamente. Como consequência disso, sobretudo as elites, sabem tirar partido dessa situação, partindo para interpretações, que aparentemente inócuas, inocentes e ditas científicas conduzem a visões parcelares, redutoras, mas que visam fins precisos e específicos. Estas são e visam, a afirmação e sobrevalorização do eu, do indivíduo e da sua liberdade pessoal. São os valores da chamada ortodoxia liberal e secularista que ignora a lei natural e a justiça natural, visando *privatizar* a religião para a ser, e pretender, tornar-se na filosofia pública do país.⁵¹ Este relativismo visa a sobrevalorização do eu, e como já dissemos a deificação instrumental e volitiva. Este fenómeno é já visível e sentido no dia-a-dia, por via do mediatismo da elite dominante legislativo / judicial. Atravessa grupos sociais, *lobbies*, grupos profissionais, e é transversal a todas as dimensões sociais do indivíduo. Este *modus faciendi*, dá azo a violações graves na defesa dos mais indefesos, dos sem voz, pairando sobre estes o arbítrio da legislação das elites esclarecidas dos mais fortes ou até de um estado democrático com *tiradas totalitárias* na defesa cega dos direitos subjetivos, voluntaristas, hedonistas e individuais. É a sobrevalorização do eu, numa sociedade vergada e imbuída de uma relativização moral transversal a todo o *modus vivendi* e *modus operandi* do ser humano. Aqui entra a nossa lecionação e os nossos alunos: estes são recetáculos de visões adocicadas e bem atraentes. Contudo estes não têm ainda massa crítica, nem os instrumentos cognitivos e hermenêuticos para a sua descodificação e crítica avaliação. Como a sociedade mudou e evoluiu rapidamente, nem a sociedade em geral, nem os pais, nem os filhos souberam ou puderam adaptar-se criticamente. É o chamado fenómeno da *amoralização e anomia* provocado pela aceleração da história, numa sociedade de consumo, de confronto e por vezes choque de culturas, pela confluência simultânea de diversas

⁵¹ GEORGE, Paul, op. cit. p. 272.

culturas, que os *media* popularizou. Isto mesmo, pode ser visto em muitas turmas das nossas escolas, sobretudo nos meios mais urbanos.⁵²

Assim impreparados e movendo-se numa sociedade *facilitista* e nivelada por baixo, com vista a uma homogeneização e massificação, *beberam*, e assimilaram as visões mais atrativas. Daí à relativização geral foi um passo, tornando tudo discutível e até eventualmente justificável.⁵³

É neste mundo que encontramos os nossos adolescentes. Ávidos de valores, mas eles próprios inseguros, *atorreados*, e sempre propensos ao mais apelativo, mediático, pragmático e imediato. Tudo foi transportado para a esfera da decisão pessoal/individual sob a capa da suprema liberdade do sujeito, perante a norma e o valor moral: a ideologia do progresso. Tivemos atenção a este aspeto na lecionação.⁵⁴

Ao longo da unidade letiva fomos mostrando aos alunos, como a sua sociedade, o seu meio e as suas relações sociais são influenciadas por estas perspetivas às quais eles devem estar atentos e críticos, e não embarcar num seguidismo fácil e acrítico. A mensagem passou, a julgar pela participação e discussão, bem como pela excelência trabalhos de avaliação realizados pela turma.

Ao defender o direito à vida, procuramos mostrar que para o pensamento cristão, os direitos humanos afundam as suas raízes em bens humanos básicos e inteligíveis, direitos humanos universais. Procuramos fazer entender que a doutrina cristã e a moral é racionalmente superior ao secularismo, liberalismo, pois prova ter capacidade de proporcionar uma explicação superior, quer sobre os direitos humanos, quer sobre os direitos humanos universais, quer sobre a obrigação de respeitar, os direitos alheios.⁵⁵ Aqui diríamos que esta *explicação superior* já foi argumento utilizado noutra contexto, é certo, em pleno século II-III d.C. por Tertuliano no *Apologeticum* defendendo ele aí a veracidade, antiguidade e a superioridade da *vera religio* com raízes judaicas, antiguidade da origem e

⁵² Cf. MONTEIRO, António, *Os problemas éticos na cultura e sociedades contemporâneas*, in *Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica portuguesa – Questão Ética e Fé Cristã*, Editorial Verbo, Lisboa, 1988, p. 15-38. “O autor já nesses dias mostrava um homem que marginalizava da sua vida, quaisquer critérios de moral. A sua dinâmica é a concorrência, a competitividade dentro da qual quem tiver quaisquer escrúpulos, fica esmagado: tiranização de manhã à noite”.

⁵³ *Ibidem*, p. 19. Ocorre dizer como o autor: “Esquece as normas de ontem, porque já não as pode aplicar. Não as substitui pelas que deveria ter hoje, porque logo ficam ultrapassadas. É a tal incapacidade de fazer a síntese que fala o Concílio Vaticano II (GS, nº 10)”.

⁵⁴ *Ibidem* p. 30-33.

⁵⁵ Cf. GEORGE, Paul, op. cit. p. 22. Neste contexto o autor: “Racionalmente às alternativas propugnadas defende a autoridade da religião”.

da excelência, e com uma mensagem inovadora, bem como um plano salvífico, completo e coerente, na pessoa de Jesus tornado Cristo Redentor.⁵⁶

Se o cristianismo defende os bens básicos e os direitos universais *a fortiori* defende a dignidade da pessoa e da vida humana, e sendo assim a vida torna-se um valor absoluto. Isto ficou bem claro na apresentação dos conteúdos na nossa lecionação. Para melhor explicitar a importância e significado ético do problema, nas várias problemáticas recorreremos a várias estratégias proactivas para melhor veicular a nossa mensagem. Inclusive fizemos uso do chamado *currículo oculto*, que quase sempre é uma mais-valia motivadora e que otimiza aprendizagens. Expliquemos agora um pouco melhor o que pretendemos salientar, quando afirmamos a vida como um valor absoluto.

1.4- *A vida um valor absoluto*

Temos vindo a sublinhar a dignidade humana como tendo ascendência judaica e proveniência cristã. Sendo a dignidade da vida humana intocável a defesa da vida torna-se condição *sine qua non*. A visão judeo-cristã apresenta a pessoa humana como uma unidade de corpo e mente, espírito/pessoa.

O cristianismo afirma e defende a vida como um valor absoluto. É uma tarefa difícil pois o mundo ocidental vive, como repetidas vezes temos afirmado, uma crise de valores, esta vista especificamente no campo da sexualidade, por exemplo. Porquê? Porque os valores tradicionais estão sendo postos em causa, e por via disso, estão profundamente abalados. Este fenómeno é transversal ao mundo dos adultos e dos adolescentes. A linguagem, comportamentos e mentalidade, são prova cabal disso mesmo. Expliquemos sucintamente. Constata-se que nas famílias temos sexo sem amor, o sexo sem filhos, os filhos sem sexo. As famílias só com um filho, que não sabe o que é ter um irmão para repartir e dividir os carinhos e os pertences. Neste caso junta-se uma opção, com os imperativos económico-financeiros.

Mas mais grave ainda, há a incerteza, para o exterior, quem é o pai e a mãe. São diferentes das dos nossos avós. São as chamadas famílias nucleares, um, dois filhos no máximo, e não agregados familiares alargados, imbuídos de uma maior solidariedade para com o seu meio circundante. Os seus vizinhos são muitas vezes estranhos ao lado de

⁵⁶ Cf. MIRANDA, Carlos, *Tertuliano. Apologético*, Alcalá edição bilingue, Lisboa, 2002, p. 5-62. “À semelhança dos primórdios do Cristianismo, também o nosso mundo hodierno (século para Tertuliano) está cheio de falsas, mas sedutoras visões (Idolatria ou falsos deuses para Tertuliano) ”.

desconhecidos. Este fenómeno é assaz visível e atroz nos meios urbanos, sobretudo dentro da população idosa. Os casos noticiados pelos *media*, são a prova mais visível deste *crescendo*.

Agora na família, nem sempre é perceptível o verdadeiro pai e mãe, famílias monoparentais. Incerteza quanto ao pai na fecundação heteróloga. Onde a mãe recebe o esperma de um dador desconhecido.⁵⁷ Neste caso, quem é a mãe numa gestação alugada. As mães de aluguer ou a mãe que doou o óvulo? Este assunto no nosso contexto parlamentar é debatido e negociado em termos da correta terminologia, quando esta questão ética é muito mais profunda e complexa. Novamente aqui estão, as elites intelectuais, jurídico-legislativas eivadas pelo liberalismo secularista, fazendo prevalecer o eu, em detrimento da validade intrínseca do valor em si.⁵⁸

Mais, chega-se a uma mentalidade em que os heterossexuais querem conviver sem casamento e os homossexuais querem casar. Vão mais longe e pretendem adotar um filho. Não serão estas situações polémicas e chocantes, do ponto de vista cristão?

Será que a relação sexual pode ser reduzida ao nível biológico? Onde fica a relação amor-doação? Será que tudo se reduz na fecundidade a uma relação de laboratório? Será que respeita o valor da vida e da dignidade da pessoa humana? Do nosso ponto de vista não. Compreender é uma coisa, pisar e passar por cima do ser humano, é outra.

Esta visão secularista afirma a vida valiosa instrumentalmente, isto é, a pessoa humana como ser corpóreo, a viver num corpo não pessoal. Está aqui subjacente um dualismo implícito. Duas realidades, pessoa e um corpo subpessoal. Ao identificar o eu volitivo, apartamo-nos do organismo vivo. Como consequência, se identificarmos, o eu, corpo vivo, não reservamos papel para a dimensão consciente e volitiva de si mesmo. É um dos *calcanhares de Aquiles* das teorias ditas *liberais secularistas ortodoxas*, pois ao afirmar, “os dualismos pessoa/corpo, pretendem ser teorias sobre algo, mas acabam por ser incapazes de se constituir como teoria eles próprios”.⁵⁹

Pelo contrário, a visão judeo-cristã que preconizamos, afirma e defende intransigentemente o corpo como parte irredutível da realidade pessoal do ser humano, participante da dignidade e da vida humana. Logo por exemplo, o embrião humano possui individualidade, unidade e identidade. Passemos a exemplificar. Embora não sendo

⁵⁷Cf. RAMPAZZO, Lino, *Antropologia, Religiões e Valores Cristãos*, Edições Loyola, São Paulo, 2004³. Este autor ao longo de 282 páginas, dá-nos um relato circunstanciado e real da crise dos valores na sociedade ocidental a que o Cristianismo com os seus valores específicos, procura rebater. Os seus escritos, conferências nomeadamente: Família santuário de Vida, promovida pela associação de Médicos Católicos. Janeiro 2011.

⁵⁸ Cf. GEORGE, Paul, op. cit. p.97. “é a chamada neutralidade moral”.

⁵⁹ GEORGE, Paul, op. cit. p. 91-96.

Hermenigildo com 56 anos ou com 80, possui de *se et per se* todas as características individuais, únicas e identificativas, que o farão ser, ou foram neste caso, o Hermenigildo bebê, adolescente, adulto ou idoso. Nunca será o James, nem nunca fui o Francis ou o Marco António. É aqui que reside o pomo da discórdia e que iremos aprofundar no próximo capítulo.

A visão cristã, defende a validade intrínseca da pessoa humana em qualquer fase da vida humana, da gestação, até ao último segundo da nossa existência terrena, estando nós mais ou menos inferiorizados, ou com limitações na qualidade de vida, como seres humanos.⁶⁰ São *iuris et de iure*, seres humanos com direito à vida. Procuramos veicular esta visão à nossa turma, procurando explorar as divergências de opiniões dos alunos, para numa fase posterior os levar a refletir e assim, poderem valorizar a vida em todas as suas dimensões. Temos que admitir, que não foi pacífico e consensual, pois alguns alunos já possuíam ideias preconcebidas, embora pouco elaboradas, sedimentadas ou fundamentadas. Neste sentido podemos afirmar: nós temos os adolescentes que merecemos, sendo eles já o espelho dos adultos que temos, e somos.

2- O valor intrínseco da pessoa humana em qualquer fase

Não é nossa pretensão analisar exaustivamente as questões médico-científicas das várias fases gestativas ou etapas da vida humana. Não somos médicos, especialistas, ou geriatras. Vamos isso sim, sublinhar a visão cristã. Fizemo-lo isso sim em ambiente de sala de aula, recorrendo a imagens devidamente *tratadas*, para não ferir sensibilidades e tirando partido, de um dos meus dois *rebentos* ser especialista no Hospital de S. João. A estratégia funcionou e a discussão foi ampla e alargada.

Vamos seguir a mesma lógica, isto é fundamentar ética e moralmente os princípios na defesa da vida, nas várias fases do ser humano, do ponto de vista cristão. É uma opção consciente, visando não só não correr riscos desnecessários, como sobretudo privilegiar o essencial da nossa abordagem.⁶¹

⁶⁰ VALADIER, Paul, “A pessoa e a sua dignidade”, in *Concilium*, 300, 2 (2003), p. 45-53.

⁶¹ ANDORNO, Roberto, *Bioética y dignidade de la persona*, Editorial Tecnos, Madrid, 1998, p.95.

2.1- *A fase gestativa*

O problema coloca-se desde logo com a seguinte pergunta: quando começa a vida e em que momento é que podemos chamar pessoa a esse ser humano? O ciclo da vida inicia-se com a fecundação, mas para outros, a vida da pessoa humana começa com o *início da vida cerebral* do ponto de vista científico biológico, ganhando assim estatuto jurídico. Para outros apenas quando o feto tiver assegurada a sobrevivência extrauterina. Para outros ainda apenas, quando houver uma completa maturação anatómica e funcional dos seus diferentes órgãos e sistemas, adquirindo por via disso, capacidade de sobrevivência independente do organismo materno.⁶² Aí, adquire o *estatuto de paciente*, isto é, poder beneficiar da *legis artis* médica. Por outras palavras, o feto quando atinge a *viabilidade*, adquire em plenitude a dignidade de pessoa humana.

Como rapidamente vemos, não há uma visão, mas sim entendimentos diferentes, segundo os pontos de partida e segundo valores previamente aceites. E a igreja católica? Qual a sua posição? E quais os seus argumentos?

A igreja católica defende claramente que a vida humana tem início no momento da fecundação.⁶³ Defendendo que o desenvolvimento de um ser humano é um processo contínuo e complexo, que não permite identificar com precisão saltos de qualidade.

É aceite que a fecundação, concepção, implica do ponto de vista biológico o início de um ser vivo: a fusão de duas células, provenientes de cada um dos progenitores, contendo cada uma metade do número de cromossomas de um ser humano. Este é o primeiro facto biologicamente identificável na formação do ser humano. Nestas células está contida toda a informação genética em potência. A estas células damos o nome de gâmetas: o óvulo e o espermatozoide.

Após uma fase de reconhecimento, verifica-se a penetração do material genético do espermatozoide no óvulo. A partir daqui fica bloqueada a entrada de novos espermatozoides, formando-se uma barreira na membrana celular. Digamos que este processo de fertilização confere a qualidade de vida humana ao *zigoto*, *tertium* nome do óvulo fecundado, bem como conferindo-lhe *identidade genética*.

⁶² JORGE, Soares, *Princípios éticos e biológicos para o enquadramento da interrupção não punível da gravidez*, Medisa, Lisboa, 2007, p.42.

⁶³ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2000².

Na III parte: A vida de Cristo. Na II Secção: Os dez mandamentos, sendo o Capítulo II dedicado ao tema: Amarás o Teu próximo como a Ti mesmo n. 456-534.

Na comunidade médica a fertilização é considerada como um evento, um processo que dura cerca de 48 horas. De facto, o material genético contido no gâmeta masculino não se funde imediatamente com o feminino. Só após esta fusão se poderá, biologicamente, falar geneticamente de um novo indivíduo, com o estabelecimento de um componente hereditário único, o genoma ou genótipo”.⁶⁴

Este zigoto, é um ser vivo com características genéticas humanas. Mas não é consensual que o possamos considerar uma vida humana. Muito se debate: qual o momento a partir do qual se inicia a vida humana? Esta questão é pertinente e essencial para a medicina e para a jurisprudência para avaliar eticamente e juridicamente. Bem como *mutatis mutandis* nos reflexos e visão sobre as práticas e legislações abortivas.⁶⁵

Sabe-se que a fertilização in vivo, implantação, ocorre no terço externo da *trompa de falópio*, ou oviduto, movimentando-se em direção ao útero onde chega cerca de 6/8 dias depois como blastocisto devido a um processo de clivagem celular. Assim para a comunidade médica o início da gravidez não coincide com o início da vida humana.

Deste ponto de vista, a pílula do dia seguinte, os dispositivos intrauterinos e substâncias do tipo RU-486 não podem ser considerados como abortivos. Assim para alguns, a vida tem início quando ocorre a nidação, por que entendem que nos estádios anteriores, as células, que se vão constituir o ser humano ainda não se diferenciaram. Outros porém identificam o início da vida apenas quando a atividade cerebral começa a emitir ondas tipicamente humanas, início da vida cerebral, por analogia com a morte determinada pela paragem do funcionamento do cérebro. Para alguns setores, o início da vida humana dá-se quando a atividade cerebral emite ondas tipicamente humanas, distinguindo-o assim de qualquer animal. Finalmente outros, só reconhecem o ser humano a partir do parto, porque o feto só assume personalidade jurídica quando nasce para a sociedade. Esta polémica é milenária sobretudo nas suas implicações jurídicas.⁶⁶

Assim já Hammurabi (1792-1750 a.C.) legislou sobre o aborto, no monólito hoje no museu do Louvre. No Antigo Testamento, Ex 22-23 temos a denominada lei de talião. Na Grécia era exercido o infanticídio, como meio de controlo da população e da pureza da raça dos guerreiros. Platão e Aristóteles admitiam o aborto e infanticídio, como planeamento familiar ou demográfico. Aliás, é interessante como Aristóteles reflete sobre a vida humana

⁶⁴ Cf. JORGE, Soares, op. cit. p.44. (Não há gravidez antes da implantação, juridicamente chamada por “tentativa impossível” logo não punível).

⁶⁵ JORGE, Soares, op. cit. p. 45-50.

⁶⁶ COUTINHO, Victor, *Bioética e Teologia. Que paradigma de interação?* Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2006, p. 344-348.

intrauterina. Para ele a alma vai-se desenvolvendo em sucessivas etapas, de acordo com as diversas funções que têm: *a alma vegetativa*, nutrição e crescimento, *a alma sensitiva*, sensibilidade e movimento, e finalmente *a alma racional e intelectual* própria do Homem. É a teoria *hilemorfista* em que o feto varão é *animado* aos 40 dias e a *fêmea* aos 90 dias.

Mais famoso e conhecido é *Hipócrates*, 460-377, famoso médico e tido como pai da medicina. Hipoteticamente a ele se deve o famoso *Juramento Hipocrático* que define as normas éticas para o exercício deontológico, da profissão médica desde o início da idade média até à atualidade, com pequenas reformulações.

Em Roma, a plena autoridade e o absoluto direito de propriedade era do *pater familias*. Este aceitava o *nasciturus* levantando e apertando-o contra o seu peito, *liberum tollere*, admitindo-o na sua família e constituindo o mesmo em *suus heres*. Posteriormente Augusto, 27 a.C.-14 d.C. legislam no sentido da regeneração dos costumes romanos, bem como no século II e III os imperadores Sétimo Severo e seu filho Antonino Caracala.⁶⁷

Não iremos abordar como na sala de aulas as várias fases gestativas, pois aí achamos importante dar uma visão geral e faseada de todo o processo gestativo.⁶⁸

Porém nesta nossa reflexão achamos por bem valorizar os aspetos essenciais da visão cristã, sobre as diferentes fases da vida humana e a sua defesa intransigente. Mais do que escarpelizar a gradativa formação da vida humana no útero materno, como bem apresenta o manual desde a fecundação até às 28 semanas.⁶⁹ Diremos que vemos o processo gestativo como um *continuum* sendo a pergunta: quando começa a complexa vida humana? Mas mais complexa ainda é, a questão: quando esta mesma vida se iniciou, é já um ser humano? Para muitos, este problema é ainda mais difícil de resolver, pois se cruzam e entrelaçam aspetos científicos com os filosóficos e religiosos. É a famosa questão do estatuto biológico, e conseqüentemente moral e jurídico do embrião humano. Mas a visão da igreja, e a nossa, já ficou por nós implícita e explícita.

⁶⁷ MORÁN, Luís, Gonzalez, *Aborto – Un reto social y moral*, San Pablo, Madrid, 2009, p. 15-25.

⁶⁸ Cf. MORÁN, Luís, Gonzalez, op. cit. p.15-33.

(Para este autor: “la vida humana. Comienza en la fecundación, confirmado por la biología, embriología, fisiología molecular, celular, la genética y la inmunología).

⁶⁹ A este respeito usamos e exploramos os conteúdos: COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Horizontes de Esperança – Manual do Aluno do 9º ano, Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2010, p.12-14.

2.2- A visão cristã do aborto

Iremos novamente usar a mesma metodologia. Na aula tipificamos e abordamos os diversos tipos de aborto. Nesta reflexão apenas os enunciaremos sucintamente, partindo para uma inflexão sobre os princípios normativos e norteadores da visão católica, sobre a vida e a dignidade dessa mesma vida humana. Qual foi a visão da igreja católica sobre este assunto ao longo dos séculos? Qual a sua tradição?

Devemos deixar bem claro, que desde início a igreja, desde os seus primeiros momentos de atividade religiosa e missionária defendeu indubitavelmente a vida humana e condenou abertamente o aborto, precisamente porque este eliminava aquela. Houve sem dúvida algumas cambiantes e evoluções de pormenor nesta defesa. Contudo estas vicissitudes ou dúvidas foram devido a distintas conceções médicas e filosóficas sobre o feto e o momento da aparição da vida humana. A ciência e a medicina em particular evoluíram, mas a igreja sempre foi uma acérrima defensora da vida humana.⁷⁰

A declaração *De abortu procurato* da Congregação para a doutrina da fé de 18 de novembro de 1974, documento fundamental sobre este tema dá-nos alguns testemunhos literários e históricos provenientes da antiguidade cristã.

Recuemos então no tempo. O texto canónico mais antigo e respeitado pela tradição eclesial é o chamado *didaché*, doutrina dos doze apóstolos. É inclusive anterior a alguns dos escritos do Novo Testamento. A sua origem segundo os especialistas seria o da Síria ou Egito, datado entre os anos setenta e os primeiros anos do século II.

Contém uma direta e explícita condenação do aborto: não matarás, “no cometerás adultério ni corromperás a los jóvenes...No fornicarás...no matarás a tu proprio hijo por el aborto, ni matarás al niño que ha sido dado a luz”.⁷¹

Este livro exerceu uma notável influência na antiguidade cristã, pelo que Clemente de Alexandria, século V, o tinha por Sagrada Escritura. Outro documento é a chamada *Epistola de Barnabé XIX,5* onde condena expressamente o aborto: não matarás o filho no seio da sua mãe, nem ao recém-nascido. Foi escrito em Alexandria entre os últimos anos do século I e a primeira metade do II.

⁷⁰Cf. COUTINHO, Vítor, *Bioética e Teologia Que paradigma de interação?* Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2006, p.63. Para este autor: “uma das características distintivas da medicina moderna é precisamente a sua complexidade. Esta complexidade exprime-se de duas formas: por um lado é visível na diversidade e quantidade de problemas que estão implicados na aplicação das ciências biomédicas; por outro lado, é verificável na acentuada fragmentação que marca o estudo e o exercício da medicina. Assistimos a uma redimensionalização dos problemas médicos: em inúmeras decisões da prática biomédica emergem problemas”.

⁷¹MORÁN, Luís, Gonzalez, op. cit. p. 86.

O livro apócrifo chamado *Apocalipse de Pedro 132-135*, teve também grande importância, a ponto de Clemente de Alexandria o considerar livro canônico, ao contrário de Jerônimo. Aqui, as penas contra o aborto, são duríssimas.

Tertuliano por sua vez, nascido em Cartago, 150-225? Defende, eloquentemente a vida humana intrauterina. Ele afirma, que é um homicídio antecipado impedir o nascimento. Tanto imposto, antes, como depois de nascer. É já homem, aquele que será, *homo est qui futurus est*, pois o fruto está sempre presente na semente Apologeticum XI.⁷²

O mesmo Clemente de Alexandria, 150-215, condena as práticas e produtos abortivos. Pois considera que não só matam o embrião, como toda a humanidade.

Ainda nos finais do século II, o insigne advogado romano Marco Minúcio Felix na sua magnífica apologética *Octávio* em forma de diálogo entre três pessoas, qualifica o aborto como parricídio segundo categorias do direito romano, *Octavius XXXIII*.⁷³

Em 179 Atenágoras de Atenas escreve: *Súplice* a favor dos cristãos. Obra dirigida aos imperadores Marco Aurélio e seu filho Cómodo. Aqui refuta as acusações contra os cristãos de práticas abortivas usando medicamentos. Pois nós dizemos: cometem um homicídio e terão que dar contas a Deus *Legatio pro christianis, 35*.

Na mesma linha citamos a *Epístola a Diogneto*, autor desconhecido dos finais do século II. Este autor elogia os cristãos por não fazerem abortos.

O concílio de Elvira celebrado na *Hispania* na *Bética* perto da atual Granada, no seu cânone 63 sanciona com pena de excomunhão às mulheres que abortem. Em 314 temos o concílio de *Ancira, Capital da Galacia*, que mantém a excomunhão cânone 21.

No concílio de *Lérida* em 546, *Hispania*, a prática abortiva impedia a comunhão durante o período de sete anos. Até para os clérigos são impostas penas especiais.

Finalmente no concílio de Braga Portugal, 563-572, foi restabelecida a pena de dez anos de excomunhão para este crime. O mesmo se diga no *concílio de Maguncia, Alemanha*, em que se reafirma as penas decretadas por concílios anteriores, contra o aborto, e impõe penitências ainda mais rigorosas às mulheres que provoquem a eliminação do fruto concebido no seu seio.

A nossa rápida abordagem, apenas pretende sublinhar que desde sempre, desde bem cedo a igreja foi perentória na sua visão: não matarás. Assim os escritos continuarão ao longo dos séculos. *Santo Agostinho, 354-430, Graciano* em 1140, com o chamado decreto de Graciano, que constitui uma obra fundamental do pensamento eclesiástico até à

⁷² Ibidem p. 86-103.

⁷³ Ibidem p. 29.

promulgação do *Codex Iuris Canonici*. Santo Tomás de Aquino, 1225-1274, com a sua visão aristotélica da teoria da *animación retardada*. Isto é, o conceito de homicídio confina-se à ação de matar um embrião animado. Até Dante tem um texto na *Divina Comédia* apresentando uma roupagem poética da embriologia humana do seu tempo: *O purgatório, Canto XXV, 3775*.⁷⁴

Avançando no tempo em 1558, Sisto V promulgou a *Bula Effraenatam*. Aqui não fazendo a distinção entre o feto animado e inanimado, mas condenando a penas idênticas, ambas as formas de aborto. Portanto ainda há aqui implícita, alguma forma oficial de distinção.

Gregório XIV em 1591 publica a Constituição *Sedes Apostolica* tornando mais brandas as penas do seu antecessor. Neste período ainda podemos mencionar Martin Azpilicueta, 1493-1568, e Thomas Sánchez, 1551-1610.

Já em pleno século XIX temos a constituição *Sedes Apostolicae Sedis* de Pio IX decretando a excomunhão *latae sententiae* àqueles que pratiquem o aborto.

Chegando ao século XX o *código do direito canónico de 1917* elimina a distinção entre fetos animados e não animados. No *cânone 985-4* refere-se ao aborto do feto humano, *effectu secuto*, e no *cânone 747* ao seu batismo.

Pio XI publica a 31 de Dezembro de 1930 a encíclica *Casti Connubii*. Considerando o aborto como um gravíssimo atentado contra a vida “de la prole cuando está encerrada en el seno materno”.⁷⁵ Chegamos finalmente a Pio XII, que se pronuncia sobre este tema diversas vezes. É o caso das suas palavras ao congresso da federação católica italiana em 29 de outubro de 1951.⁷⁶

Eis assim uma rápida panorâmica sobre este tema, que continuaremos mais à frente na parte 3.2, quando abordarmos a dignidade da vida humana e magistério recente.

Mas chegados a este ponto, faremos uma enumeração rápida e sucinta dos vários tipos de aborto, hoje em dia considerados e abordados pelos especialistas sejam eles teólogos, médicos ou filósofos. Mas mais uma vez sublinhamos, a nossa visão é sempre realçar, à semelhança de Santo Ireneu de Lião, o valor intrínseco da dignidade da pessoa e da vida humana, pois a glória de Deus é o Homem vivo. Ao “Homem foi dada uma

⁷⁴ Ibidem p. 98 e 99.

⁷⁵ Ibidem p. 102.

⁷⁶ Cf. MORÁN, Luís, Gonzalez, op. cit. p. 103. “ Todo el ser humano, aunque niño en el seno materno, recibe el derecho a la vida inmediatamente de Dios y no de sus padres...La vida de un inocente es intangible y cualquier atentado contra ella es violación de las leyes fundamentales, sin las cuales no es posible una segura convivencia humana” (nº 8).

dignidade sublime, que tem as suas raízes na ligação íntima que o une ao seu Criador. De facto no Homem brilha um reflexo da própria realidade de Deus”.⁷⁷

Na nossa lecionação apresentamos o aborto, ou a interrupção da gravidez, consistindo na expulsão voluntária ou involuntária de um embrião ou de um feto Humano, quando o mesmo não tem condições de vida fora do útero. Ou ainda, o aborto ou interrupção da gravidez entendida como remoção ou expulsão prematura de um embrião ou feto do útero, resultando a morte ou sendo causada por esta.⁷⁸

Temos a noção da complexidade do tema e a diversidade das especificações e caracterizações científicas. Por isso, aos nossos alunos procuramos simplificar e clarificar muito sucintamente os vários tipos de aborto. Fazendo notar antes, que os cristãos não são os únicos a defender o valor da vida. Demos dois exemplos: os hinduístas que consideram que tudo o que existe tem alma, por isso: nós não devemos matar, os nossos *primos*. Do mesmo modo os muçulmanos afirmam: não matarás e sê justo com o teu irmão.

Há duas categorias de aborto. Um espontâneo, chamado involuntário, e o induzido, sendo este provocado voluntariamente. Ao aborto induzido, chamamos eufemisticamente, interrupção voluntária da gravidez, IVG.

As causas do primeiro, podem ser de várias ordens: desenvolvimento anormal do embrião ou do feto, problemas do útero, diabetes, alterações hormonais, tabaco, e drogas. No segundo, induzido, pode ser químico, se realizado através de medicamentos, ou cirúrgico, recorrendo a técnicas cirúrgicas como a sucção, a dilatação ou curetagem, com a *cureta*. O aborto químico é apenas realizável nas primeiras 12 semanas de gravidez, provocando a expulsão do embrião. Caso não resulte, recorre-se a técnicas cirúrgicas.⁷⁹

Explicitamos também aos alunos, que no aborto induzido há que diferenciar o terapêutico e o voluntário. O primeiro tem a ver com as malformações congénitas e o perigo eminente de vida da mãe. E o voluntário, quando tem como pano de fundo, situações de violação, mãe adolescente, falta de condições económicas, bebé não desejado.

Esta, é uma visão muito sumária desta tipificação. Outros autores preferem diferenciar entre o espontâneo e o provocado. Sendo este último ainda subdividido. São os casos do aborto a pedido da mulher, o aborto terapêutico, o aborto psicossocial, este devido

⁷⁷ Cf. SERRAS PEREIRA, Nuno, *O Triunfo da Vida*, Edição Crucifixus, Lisboa, 2006. (Este autor é um acérrimo defensor da vida, embora por vezes com uma linguagem demasiado provocativa e violenta, que não é o caso desta citação cf. EV 2).

⁷⁸ Cf. ARCHER, Luís-BISCAIA, Jorge-OSSWALD, Walter, *Bioética*, Editorial Verbo, Lisboa, 1996, p.203. (Interessante a noção de “crimes without victims or victimless crimes” Recordar que “abortacus” é o étimo latino (barco) + a palavra “aboriri” = perecer + ad significando distanciamento, “oriri” a partir de nascer).

⁷⁹ MORÁN, Luís, Gonzalez, op. cit. p. 59.

a razões de índole social ou psíquica. Aqui cabe-nos explicitar, que há autores que usam o critério de abortos: legal e ilegal segundo, se realizam ou não de acordo com a lei.⁸⁰

Há ainda o aborto criminológico, quando a gravidez resulta de um tipo de crime sexual contra a gestante: violação, incesto ou estupro. Por aborto humanitário, entende-se o que procura salvar a vida da grávida ou a sua saúde, tanto física como mental, que foi vítima de um crime de índole sexual.

Há também o aborto embriopático, quando se presume que o feto nascerá com graves malformações ou graves deficiências físicas ou mentais, embriopático = sofrimento pathos do feto – dano fetal. É uma gravidez desejada, mas devido a razões graves, condicionamentos de vida medicamente, se aconselha o aborto. Não se pode ver neste tipo de interrupção a qualificação de aborto seletivo ou eugenésico. Não há conotação com a procura de seleção de descendência, mas só evitar à mãe responsabilidades excessivas causadas precisamente pelas condições vitais do seu filho.⁸¹

Finalmente, enunciaremos de relance os métodos abortivos: 1- Aspiração como sucção que absorve, *desmembra*, o corpo do feto e da placenta; 2- A dilatação ou curetagem, geralmente com anestesia geral ou local e com o auxílio do utensílio médico chamado cureta; 3- A dilatação ou evacuação; 4- A solução hipertrófica, injetando-se no líquido amniótico uma solução salina hipertrófica ou de ureia; 5- Prostaglandinas: intraovular: Consiste na administração à mãe de substâncias prostaglandinas, oxitocina provocando a expulsão do feto; 6- A pílula do dia seguinte com efeito anovulatório, impedindo ou atrasando a ovulação, efeito de barreira no “mucus” e o efeito anti implantação, causando por isso efeitos secundários como náuseas, vômitos, dores de cabeça, vertigens, e dores no peito; 7- Mifepristone, RU 486, Misoprostol é um esteroide de anti progesterona, que bloqueia a atividade da progesterona, uma das hormonas necessárias para a continuação da gestação. Esta induz o desprendimento do útero do tecido embrionário.⁸²

Sem dúvida que o aborto comporta grandes riscos, sobretudo se realizado, depois das 10 semanas. Tem sempre consequências graves quer a nível fisiológico, como hemorragias, infeções, perfurações uterinas, lacerações cervicais, novas gravidezes, partos prematuros, esterilidade e outros. Quer a nível psicológico: aqui os efeitos são nefastos como, sentimentos de culpa, baixa autoestima, impulsos suicidas, hostilidade, frigidez, frustração e depressão.

⁸⁰ Ibidem p. 65-71.

⁸¹ Ibidem p. 60.

⁸² Ibidem p. 65-78.

Por tudo isto e pelas razões já por demais elencadas, o aborto é um flagelo e um mal social com consequências desastrosas a nível físico, psíquico...

Em Portugal até 1984 era proibido. Mas pela lei nº 6/84 tornou possível a IVG, até às 12 semanas, quando houver perigo de morte, grave risco físico ou psíquico, ou violação. E 16 semanas, para os casos de doença grave ou malformação fetal.

Com a lei nº 90/97 passou para 24 semanas para os casos de malformação, perigo de vida do nascituro e 16 semanas por violação. Com a lei nº 16/2007 nas primeiras 10 semanas a IVG por opção da mulher não necessita de qualquer justificação.⁸³

2.3- A lecionação, os alunos e outras leituras

- A adolescência e a interiorização destes valores

Não se pense, que foi pacífica e unânime a discussão e reflexão sobre a fase gestativa e sobretudo do aborto com os nossos alunos. Eles são o reflexo da nossa sociedade e dos adultos que somos e dos valores, que nos servem de padrão de vida. Não ver isso, seria um erro *crasso* e será com estes dados que devemos operacionalizar e otimizar o nosso testemunho e *trabalho de campo*. A julgar pelos trabalhos realizados pensamos que a mensagem passou. A sua vida e *práxis* futura dirá o quão profunda foi a assimilação, restamos porém a satisfação do dever cumprido.⁸⁴

Tanto esta questão, como o abandono progressivo dos idosos, bem como da eutanásia, foram amplamente discutidos. Contudo devemos referir que a questão era dos idosos, foi mais consensual, o que é natural nesta faixa etária, ainda com ligações e laços afetivos bem próximos com os seus avós. Lembremos que os avós são, ou procuram ser os pais que não foram ou não puderam ser. Aí mimam, às vezes até em demasia os *seus netinhos*.⁸⁵

Não iremos explorar os argumentos, sobre o aborto, de cada *lado da barricada*, pois esses foram devidamente ilustrados no ambiente de sala de aula. O nosso propósito foi sempre o mesmo e repetiu-se vezes sem conta: salientar o valor intrínseco da vida e pessoa humana, pois *água mole em pedra dura tanto dá, como até que fura*. Faz-nos trazer à mente,

⁸³ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Horizontes de Esperança - Manual do 9º ano – Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2010, p. 25.

⁸⁴ Como pode ser comprovado na 3ª parte da nossa reflexão, foi elaborada uma proposta de trabalho individual ou em grupos de dois, a ser entregue no final da lecionação à professora cooperante Maria José Dias, que apreciou e enalteceu o nível e esforço.

⁸⁵ KITTAY, Eva, “Incapacidade igual dignidade e cuidado”, in *Concilium*, 300, 2 (2003), p. 114.

aquele comentário tão a propósito, como cheio de graciosa ironia, do então ainda Cardeal Ratzinger aos jornalistas depois de uma conferência: “quando a maioria das pessoas se encontra amontoada num lado do barco colocando-a em perigo de soçobrar, importa que alguém ocorra ao outro extremo para evitar o naufrágio”.⁸⁶

Não poderia ser mais condizente com a nossa postura, motivação e objetivo na transmissão dos conteúdos e mensagem, aos nossos alunos, sobre esta temática.

Aliás, retivemos um argumento de um dos nossos alunos para condenar o aborto. Este usando e expressando vocabulário *sui generis* próprio da idade, faixa etária e nível intelectual, pretendia *prima facie* dizer o seguinte: matar é errado por causa da perda do futuro da vítima. Descodificando na perspetiva denominada de *descontinuação*, matar é errado, em virtude da vítima perder o valor do seu futuro. Isto é, matar crianças e bebés é errado, já que presumimos que eles têm futuro com valor.⁸⁷

Este aluno estava a mencionar sem o saber, a perspetiva segundo o qual o aspeto fundamental, que explica o mal de matar, consiste no fato da vítima perder o valor do seu futuro, e isto tem consequências óbvias para a ética do aborto.

É este futuro, que nos servirá de ligação para a introdução da próxima temática. Os nossos adolescentes vivem numa sociedade algo desumanizada. Este fenómeno é por demais evidente na publicidade televisiva, em alguns programas, imagens ou filmes e claro, da pornografia. São sintomas de uma sociedade hedonista, em que apresenta o sexo desprovido de amor e afeto. Aí a sexualidade retratada é fortemente despersonalizada e sobretudo, apelando ao desejo de posse. Os nossos alunos são extremamente vulneráveis e influenciáveis. Acríticos e sedentos de ídolos *bebem* toda esta sexualidade anárquica que está à mão de semear, neste caso à distância de *um clico*: clico, logo existo. Esta invasão da privacidade individual tem efeitos difíceis de calcular, com tendências mais gravosas nas próximas gerações, *levas de adolescentes*. A isto alguns chamam o *liberacionismo ou liberalismo sexual*, que conduz, a uma sexualidade desregulada, egoísta, impulsiva, despersonalizada, desordenada e descontrolada.⁸⁸

Deste ponto de vista o ambiente familiar tem um papel de charneira na absorção de valores e na leitura da realidade. O ambiente familiar, os paradigmas educativos, bem como os valores aí assimilados, são fundamentais nesta fase, para a correta construção e *avaliação*

⁸⁶ Cf. RATZINGER, Joseph, *Professio Fidei et Iusiurandum fidelitatis in suscipiendo officio nomine Ecclesiae exercendo una cum nota doctrinale adnexa*, AAS 90 (1980) 542-551; communicationes 30 (1998) 42-49. (A propósito da grave imoralidade da morte voluntária e direta de um ser humano).

⁸⁷ GALVÃO, Pedro, *A Ética do Aborto – Perspectivas e Argumentos*, Dinalivro, Lisboa, 2005, p.138.

⁸⁸ GEORGE, Paul, op. cit. p.136-137.

e avaliação da realidade e prática social envolvente. Claro que ao referir ambiente familiar, pretendemos abarcar este conceito *in lato sensu*, incluindo também o aspeto religioso. Se este existir como elemento importante e valorizado praticamente, por outras palavras, vivido como testemunho autêntico de vida de fé, em família, o adolescente terá aí as condições ideais para um crescimento harmónico e estruturado segundo valores morais e éticos. Valorizando assim, a vida, a sua e a dos outros, a pessoa e o homem em permanente diálogo com o seu próximo e *a fortiori* com o próprio Deus.⁸⁹

2.4- Fase procriativa

O ser humano ao nascer é extremamente indefeso. Por si só, não tem a mínima hipótese de sobrevivência, pois necessita de muitos cuidados primários, proteção, carinho e dedicação. É por isso evidente, que o adolescente necessita da família desde cedo para todas as suas necessidades mais básicas. É no seu seio, como diz o catecismo da igreja católica no n. 2207, “que assimila valores morais em que se pode começar a honrar a Deus, e a usar corretamente a liberdade”. Aliás o mesmo documento no seu n. 2212, descreve de maneira comovente essa iniciação.

Daqui resulta, que a família é o elemento natural e fundamental da sociedade e por isso, o adolescente tem direito à proteção da mesma sociedade e do estado. Nela o ser humano é “solicitado e desafiado a manifestar as suas virtudes e, exercendo-as, a crescer e robustecer-se como pessoa”.⁹⁰

A primeira vivência que experimentam um homem e uma mulher na vida matrimonial é a união íntima, doação recíproca de duas pessoas, como se expressa a *Gaudium et Spes*, no n.48. Já não são dois, mas uma só carne, como nos relata, Mt 19,6. A segunda vivência do casamento, é de dar vida aos filhos.

Pois a família “é a sociedade natural onde o homem e a mulher são chamados ao *Dom de si* no amor e no *Dom da vida*”: catecismo n. 2207.

⁸⁹ LOPES CARDOSO, *A Família na construção da Comunidade*, in *Semanas de Estudos teológicos da Universidade Católica Portuguesa – Questão Ética e Fé Cristã*, Editorial Verbo, Lisboa 1988, p.228.

⁹⁰ Cf. MOURA, Laércio, op. cit. p.105-110. Não resistimos a citar. “Em nossos irmãos e irmãs vemos os filhos de nossos pais; em nossos primos, os descendentes de nossos avós, em nossos concidadãos, os filhos de nossa pátria; nos batizados, os filhos de nossa mãe, a Igreja; em toda pessoa humana, um filho ou uma filha daquele que quer ser chamado “nosso Pai”. Assim, as nossas relações com o próximo são reconhecidas como de ordem pessoal. O próximo não é um indivíduo da coletividade humana; ele é alguém que, por suas origens conhecidas, merece atenção e respeito individuais” CIC 2212.

É neste contexto familiar, que o adolescente encontra o seu *ninho* e o seu *porto de abrigo*. Ocorre assim perguntar ao abordar esta temática. É o casamento um mero vínculo sentimental? Não.

O casamento para os cristãos, ultrapassa o mero vínculo sentimental. É um bem intrínseco e as suas razões não são meramente instrumentais, mesmo sem a revelação. É entendido como uma união de dois seres humanos numa só carne. Não se trata de um fato, *de carne*, à medida para um determinado fim, mas antes de mais, um bem humano intrínseco.

Nesta perspetiva, os atos conjugais daí decorrentes, expressam a comunhão pluridimensional, concretamente corporal, emocional espiritual e do modo de ser, de ambos os cônjuges, do compromisso que é o matrimónio. Não são meros instrumentos ao serviço da procriação, do prazer, da ternura. São, “a matriz biológica enquanto bem humano intrínseco,” já que *a fortiori* o casamento é um bem humano básico.⁹¹

Esta visão psicossomática da pessoa, contradiz a visão secularista e liberal de uma realidade subpessoal ou instrumental da pessoa humana, e do casamento como contrato. Essa unidade orgânica também não se reduz a um mero efeito procriativo, embora presente, essencial e natural. Se assim fosse, casais estéreis, ou casais em idade não fértil, ficariam fora deste bem intrínseco.

Aqui jaz de novo a visão positiva do cristianismo, «promovendo o papel promotor da nossa compreensão sexual».⁹² Por outras palavras, promovendo e afirmando a sexualidade, como fundamental para a nossa integridade. Contudo não se pense, que isto é uma inovação cristã. Não. Já Platão, Aristóteles e Rufo, bem como a tradição judaica, afirmavam, que seres humanos desintegrados não podem formar uma comunidade integrada. É neste terreno que podemos acusar a ortodoxia secularista e as tendências liberais e neoliberais de menosprezar o mal, entendido como desintegração das pessoas. Tudo se justifica em nome do indivíduo, ou da liberdade e direitos dos cidadãos, como seres individuais.

O ponto de partida, os meios e os fins são diametralmente opostos para um *secularista ortodoxo* e para um cristão. Nos primeiros, não há argumentos coerentes e racionais, pois as suas próprias premissas se contradizem. Para os segundos, há uma *coerência racional e moral* na interpretação da vida humana, embora possa ser colmatada e iluminada mais profundamente á luz dos princípios cristãos do valor intrínseco da vida

⁹¹ GEORGE, Paul, op. cit. p.99.

⁹² Ibidem p. 97-110.

humana. Deste ponto de vista nós afirmamos a superioridade da tradição religiosa moral e ética da filosofia judeo-cristã face ao secularismo redutor e relativismo liberal.⁹³

Este reducionismo é sentido na desvalorização da família designadamente em termos formais. Isto é, já não é considerada pelo menos em termos formais e públicos, a instituição com o peso e importância de funções que, noutros tempos, lhe deram o lugar central. A mobilidade social e familiar também teve o seu peso negativo, pois eliminou *mundos vivenciais e raízes*. A família e tudo o que lhe diz respeito foram reduzidos à esfera do meramente privado, por via da negação ou desvalorização do papel próprio, insubstituível e relevante da família na sociedade e no estado, ou por via da negação ou desvalorização da relação do casamento e da família com a esfera da religião e dos valores transcendentais.⁹⁴ A família foi reduzida ao plano das questões meramente do interesse privado. As próprias famílias perderam a consciência do papel social, que em qualquer sociedade têm, em virtude de funções que lhe são próprias, tais como a procriação e a socialização.

Este isolamento, afeta a muitos níveis e de várias formas, a família. Generalizou-se o interesse e a vontade individual como critério quase absoluto de valor, objetivos e organização da vida familiar.

Do mesmo modo também, se empolgou visões e expectativas *romantizadas, mitificadas* de amor, do casamento e família. Diremos, que a influência dos condicionamentos sociais, económicos, políticos e culturais sobre a família e sobre os casais, provoca riscos para a sua autonomia, liberdade e responsabilidade. Basta recordar a crescente onda de divórcios. Uns fictícios devidos a problemas financeiros, fiscais, e outros, reais, conduzindo, muitos dos nossos adolescentes a novas famílias, em que as referências ficam esbatidas e confusas.⁹⁵ Esta interiorização é não só confusa, como traumática, provocando muitas vezes consequências nefastas e terríveis, para o gradual, equilibrado e estruturado crescimento dos adolescentes.⁹⁶

Estas referências e paradigmas cognitivos, serão *balizas* para a sua vida. A sua avaliação crítica será feita, mas nem sempre organizadamente. Se tal ocorrer, fenómenos como agressividade, desenquadramento ou violência podem infelizmente ocorrer. Pois não houve um crescimento harmónico, gradual e estruturado, já que os seus progenitores, não os

⁹³ Ibidem p.30.

⁹⁴ ANTUNES, Marinho, op. cit. p.43.

⁹⁵ Cf. ARCHER, Luis-BISCAYA, Jorge-OSSWALD, Walter, op. cit. p.120. É abordada a questão das famílias disfuncionais num contexto “stressado” e “stressante”. Iremos recorrer a este belo compêndio para posteriormente abordarmos o próximo tema da tensão, solidão dos idosos e as questões relacionadas com o diagnóstico de morte, morte cerebral, eutanásia...

⁹⁶ GEORGE, Paul, *In defense of natural law*, Clarendon Press, Oxford, 1999, p 5-15.

tinham eventualmente eles próprios. A sua vida sentimental, sexual foi regida pelo imediatismo e como tal eles, mas sobretudo os filhos, acabaram por ser as vítimas diretas da falta de valores éticos, morais e religiosos. E sobretudo não souberam ou não conseguiram a valorização da dignidade da vida humana, neste caso no seu *templo sagrado*: a família e os filhos.⁹⁷

Este problema terá ligação direta com o próximo tema: o valor e o papel dos idosos na nossa sociedade eivada de um pragmatismo, utilitarismo, em que os valores económicos e financeiros produzem uma sociedade sem tempo e onde por vezes os idosos não só não têm espaço, como são vistos como um estorvo que ironicamente se resolve da maneira mais sórdida. Isto é: isolando-os, confinando-os a asilos ou instituições similares. Este será cada vez mais um dos flagelos da nossa sociedade. A falta de solidariedade, de carinho e proximidade que leva muitos anciãos à solidão e à morte incógnita. Não deixa de ser anacrónico, que no momento preciso destas reflexões, duas irmãs em Lisboa são descobertas já em adiantado estado de decomposição. Morrendo, uma de doença crónica e a outra alegadamente, à fome. Quão cruel é a nossa sociedade do progresso, da tecnologia de ponta, da nanotecnologia...em pleno século XXI. Tudo desemboca, uma vez mais, na nossa temática: crise de valores e crise de identidade que desvirtua e desumaniza, o valor da dignidade da vida humana em todas as suas vertentes etapas e manifestações do ser humano enquanto ser vivente. É uma das facetas negativas do progresso e de uma visão liberal e economicista da nova realidade humana. É a faceta cruel de um consumismo e materialismo prático.

Há que arrear caminho, pois o estado por si só, cada vez mais está limitado na sua atividade, devido a constrangimentos de política e défices orçamentais crónicos. Caberá como sempre um papel fulcral à igreja, na sua opção pelos pobres desfavorecidos e excluídos. Esta função é nos tempos que correm, por demais evidente e vital. Não foi por acaso que dedicamos uma profícua aula, refletindo e explorando Lc 10, 25-37.⁹⁸

⁹⁷ GEORGE, Paul, *Making Moral Law: Civil Liberties and Public Morality*, Clarendon Press, Oxford, 1993, p.3-25.

⁹⁸ Cf. VALADIER, Paul, op. cit. p.51. A parábola do samaritano pode instruir-nos “o samaritano que se aproxima e cuida do ferido á beira do caminho, será que o faz porque respeita nele seus títulos em matéria de razão, de vontade livre ou de memória, enquanto o infeliz jaz sem dúvida prostrado, silenciosos, gemendo, entregue à violência dos homens que o deixaram como morto? O samaritano também não o espeitou por ser membro da sua comunidade religiosa, ou por uma solidariedade que obrigaria em nome de princípios religiosos...Ele cuidou dele a título de uma humanidade desfigurada, abandonada em suas mãos, (sem toda a forma humana) ”.

2.5 Os idosos: sua valorização e dignidade

O adágio latino, *Mors certa hora incerta*, é hoje deveras adequado. A esperança média de vida à nascença aumenta a cada década que passa, fruto de vários fatores que não cabem no âmbito desta reflexão. O facto é que, em Portugal ela cifra-se hoje, para os homens em 76 anos e para as mulheres em 83 anos, o que dá uma média global de 79,5 anos *grosso modo*. Com clara tendência, para aumentar.

Este fenómeno traz consigo novos e dramáticos problemas, resultantes desta larga percentagem populacional anciã. São eles, os problemas de solidão, abandono e morte silenciosa, que a imprensa cada vez mais publicita ou relata os contornos deste cruel flagelo. Por um lado, o homem atual quer ser protagonista da sua própria história. Quer deter os processos da sua vida nas suas próprias mãos. Por outro, pretende até antecipar ou prolongar o dito *processo de morrer*, conforme as vantagens daí resultantes.⁹⁹

É um dado incontornável, que a medicina hoje é muito mais complexa e sofisticada a todos os níveis: nos cuidados de saúde, nos cuidados paliativos, nas intervenções cirúrgicas e no tratamento dos doentes terminais. A evolução da medicina nas últimas décadas foi de tal modo acelerada, que não tem paralelo em qualquer outra época da história. A capacidade e a precisão diagnósticas aumentaram notavelmente permitindo um conhecimento “ rigoroso dos processos fisiopatológicos, daqui resultando maior precocidade e maior agressividade terapêuticas”.¹⁰⁰

Se antigamente, *se morria na minha casinha, e daí se saía para o cemitério*, hoje todo esse *processo de morrer* se transformou por completo. Agora são frequentes os ambientes frios, anónimos, de solidão e de um abandono considerado moribundo. Assim sendo, a vida na nossa sociedade nem sempre é respeitada como nos diz: *Dt 5,17 Não matarás*. É que há sem dúvida muitas maneiras de matar, e a solidão é uma delas. É lenta, sórdida mas letal.

Já anteriormente, nós sublinhamos, que o ritmo da vida moderna é norteadado pelo sucesso, beleza, dinheiro e consumo. O idoso por vezes não cabe nessa categoria. Pior do que isso! Tem que *pagar* para receber carinho. Tem que pagar, *se puder*, para receber assistência, carinho, compreensão, o que nem sempre consegue. Também é verdade que por vezes é acertado dizer: *só se colhe o que se semeou, ou filho és, pai serás*. Mas estes provérbios, às vezes realistas, não esgotam nem justificam a problemática de *per se*. Os

⁹⁹ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, op. cit. p. 36.

¹⁰⁰ ARCHER, Luís-BISCAIA, Jorge-OSSWALD, Walter, op. cit. p.369.

idosos hoje estão cada vez mais vulneráveis na nossa sociedade. Foi notória a sensibilidade dos nossos alunos. A nossa aula foi muito participativa e deu amplos motivos de reflexão e aprofundamento, visando em última instância, a consciencialização para o real valor e papel dos idosos.

É inegável que o crime com, *envolvendo*, idosos tem aumentado em Portugal nos últimos tempos 20,40%. Todos nós ouvimos, lemos e vemos casos de violência, agressões, abandono e usurpação de bens, nomeadamente objetos em ouro e das suas parcas reformas.¹⁰¹

Mais aberrante, é o esquecimento deliberado de familiares em unidades hospitalares, fornecendo dados incorretos, para assim tornar impossível o contacto, a localização e a responsabilização pelos respetivos familiares. Hoje em dia a sociedade trata, *e convive mal*, com os idosos. Claro, que nem todos se comportam como tal. Mas é um fenómeno *em crescendo*. Pelo que temos que reforçar o papel do idoso e tornar o seu final de vida num espaço, com o máximo de dignidade e qualidade de vida possível, lares, casas de repouso, ou ... valorizando o seu valor e sábia experiência.¹⁰²

Nem tudo é negativo. Com os nossos alunos refletimos, que em contraciclo com este drama, os dadores de órgãos aumentaram. Que as pessoas estão mais sensibilizadas em geral e mais informadas para fenómenos como o preconceito, racismo, ou até do horrendo e maléfico nazismo. Mas estar mais informado e atento, não significa que a nossa vida espelhe em todas as vertentes, isso mesmo. Deixaremos de fora estas problemáticas afloradas na nossa lecionação. Aí, demos exemplos de vida, casos de *João Paulo II, Madre Teresa de Calcutá, Gianna Beretta Molla, Aristides S. Mendes*, de dedicação ao próximo e completa dedicação aos idosos, indefesos, pobres, na defesa da vida e ao seu valor absoluto e intrínseco. Estes e muitos outros souberam como nos diz Roberto Andorno, privilegiar a dimensão espiritual e por consequência ter uma verdadeira dedicação e «*admiración existencial ante cada ser humano*».¹⁰³

Ficou claro, que *a nossa turma* verificava no dia-a-dia, que a nossa sociedade era marcada e regido pelo ter, e não pelo ser. Daí a necessidade de valores éticos como o respeito, tolerância, carinho, paciência, solidariedade, dedicação, diálogo e justiça. Se tal

¹⁰¹ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, op. cit. p.37.

¹⁰² Ibidem p. 37.

¹⁰³ Cf. ANDORNO, Roberto, *Bioética y dignidad de la persona*, Editorial Tecnos, Madrid, 1998, p.166. «El amor es la única antítesis a la instrumentalización de la persona: que solo él nos permite escapar a una visión utilitarista y, por ello mismo, cruel del hombre. solamente el amor nos permite advertir que cuanto más débil y enferma es una persona, tanto más necesita de nuestro afecto. Se trata de suscitar en nosotros una verdadera admiración existencial ante cada ser humano».

não se verificar entramos numa espiral de violência, em que esta, gera mais violência. Na verdade Portugal já não é o protótipo de país pacífico, *à beira mar plantado*. As polémicas, os conflitos, a violência a vários níveis, insegurança sobretudo nas camadas e franjas populacionais mais indefesas, são cada vez mais, *o pão nosso de cada dia*. Sintomas da unilateralidade, radicalismo míope e individualismo pernicioso.

Esta miopia pode ser vista como processo de desculpabilização, que procura atenuantes e justificações, para explicar os desvarios individuais e individualistas.

Se lhe juntarmos a isto, como já expusemos, a desestruturação familiar temos uma mistura explosiva. Esta pode ser entendida como ausência de perspetivas futuras, pobreza, desemprego, saúde deficiente ou os sonhos desfeitos. Por esta razão o nosso manual de *EMRC* insistir, na necessidade de todos nós construirmos um projeto estruturado de vida, construir a nossa própria realização à luz dos valores por nós repetidamente referidos.¹⁰⁴

Se tal acontecer seremos eventualmente capazes de atingir uma realização profissional e familiar mais consentânea com os nossos verdadeiros ideais, anseios e valores. Ao conseguir este patamar de exigência afastamos, *o animal que há em nós*, para evitar ficarmos enredados, presos e à mercê dos nossos instintos.

Mas voltemos agora ao limiar da nossa existência, pois todo o ser humano vê-se confrontado com o problema da morte e da sua finitude. Se a vida tem um valor em si mesma, e não depende das circunstâncias ou condições qualitativas, teremos que sumariamente abordar a questão da eutanásia e da distanásia, bem como do, *not resuscitate: DNR*, estratégia seguida ou implementada por muitas unidades hospitalares.¹⁰⁵

A morte é um acontecimento inexorável, que chega mais tarde ou mais cedo a todo o ser humano, colocando-o perante um mistério: a sua vida tem um limite temporal e ele não o sabe, antecipadamente. Por isso muitos têm medo dela, vendo-a como um mal supremo e incompreensível.

Porém para nós crentes, ela não é mais que o passo para uma, a, nova vida, *dies natalis*, o dia que marca «el nacimiento a la vida eterna. Para todos, la muerte juega un papel paradójico, el de haber inteligible la vida...el hecho de ser mortal es, para el hombre, ala vez un fardo y una gracia...».¹⁰⁶

¹⁰⁴ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, op. cit. p. 47.

¹⁰⁵ ANDORNO, Roberto, op. cit. p. 154.

¹⁰⁶ Ibidem p.145-146. «En efecto, si la vida no tuviera un limite temporal, las acciones humanas, no tendrían sentido. No habría razones para realizar una acción o para omitir otra, dado que, de todas maneras, nada nos impediría realizarla en el futuro. Toda nuestra vida se prolongaría ante nosotros como un proceso indefinido y se tornaría un sin sentido...es un fardo porque puede morir en cualquier momento, es decir, porque está constantemente expuesto a abandonar este mundo. Pero también es una gracia porque el hombre necessita

Não cabe no âmbito desta reflexão aprofundar os aspetos técnicos, legais, jurídicos e criminais do apelidado, *processo de morrer*. Apenas, e como sempre, relembrar o nosso ponto de partida e de chegada: o valor absoluto da vida e da dignidade da vida humana desde a fecundação até ao último instante da nossa vida terrena. Há aqui, quem ainda faça a distinção entre morte *clínica, biológica e ontológica*. A primeira como o fim permanente do funcionamento do organismo. A segunda, como o fim da atividade de todas as células e tecidos. O qual se efetiva de modo gradual e termina com o processo da decomposição. E finalmente a terceira, entendida como separação do princípio vital que animava o organismo. Aquilo que classicamente se designava por, *psychè, anima ou alma*.¹⁰⁷

A morte é um acontecimento terrível e devastador. Na consciência da morte, manifesta-se, de modo radical, a condição trágica do homem. Contudo deve ter dignidade, no sentido romano de *dignitas*. Mas... alguns até nem ousam tocar, ou ver um cadáver. Porém para nós crentes, ela não é mais que, uma passagem do tempo para a eternidade, visando em última instância a, *estar* na presença de Deus.¹⁰⁸ Mas defendendo nós, o valor intrínseco da vida humana, como perspetivamos nós a questão da eutanásia? Será do ponto de vista cristão e católico, eticamente e moralmente aceitável?

Os mesmos argumentos, que usamos na defesa da vida contra o aborto, são válidos para a eutanásia. Sendo a vida *um dom de Deus*, o ser humano, não pode nem deve tirar ou privar a sua própria ou a vida de alguém. O *Homem* porque é fim em si mesmo, tem dignidade. Esta progressiva tomada de consciência desta dignidade, foi decisivo o conceito de pessoa, que é um legado fundamental do cristianismo ao mundo.

«Este legado da dignidade inviolável da pessoa, tornou-se património coletivo da humanidade, e assumiu garantias jurídicas, nas várias gerações dos direitos humanos».¹⁰⁹

Deste modo podemos dizer que a morte não é digna. Quem é digno é sempre o ser humano, que, por amor, é capaz de sacrificar a sua própria vida, e cuja dignidade frágil e sempre ameaçada, requer o nosso cuidado permanente. Mas um facto é certo. Não há morte impessoal e neutra. Todos mais tarde ou mais cedo iremos experienciá-la, mais ou menos

morir un dia. Max Scheler decia: la evidencia de la muerte es un elemento constitutivo de la experiencia de la vida. Cicerón llega a decir que la filosofía no es, finalmente, otra cosa más que la reflexión sobre la muerte ...».

¹⁰⁷ Ibidem p. 148.

¹⁰⁸ Ibidem p.145-157. Alguns vêm a morte: a recusa de aceitar um destino, marcado pelo destino da recusa de aceitar a morte.

¹⁰⁹ Cf. BORGES, Anselmo, *Morrer dignamente. A obstinação terapêutica*, in ARCHER, Luís-BISCAYA, Jorge-OSSWALD, Walter, *Bioética*, Editorial Verbo, Lisboa, 1996, p.363-368. Iremos citar esta científica abordagem, inserida na obra por nós consultada dado o carácter científico e abrangente das problemáticas aí tratadas, pelos inúmeros e conhecidos autores. É no fundo uma enciclopédia referente à bioética.

dramaticamente com a serenidade ou não do dever cumprido. Pois, falar de morte, é sempre referir-se a si mesmo, enquanto mortal.

Mas o que é a eutanásia? A palavra é originária do grego, *eu*, que significa bom, e *thanatos*, morte.

Significa literalmente: boa morte. O vocábulo é usado como sinónimo de morte provocada, no âmbito médico. Aqui a morte é vista como um benefício para o paciente, ou pelo menos, um não prejuízo para o mesmo. É o famoso argumento da qualidade de vida, que está subjacente para tal prática por ação ou omissão. Pois, moralmente, o paciente tem o dever de conservar a sua própria vida, e não tem sobre ela, *vida*, poder de dispor dela em absoluto.

Assim sendo, nós condenamos a *eutanásia ativa*, quando visa pôr fim à dor e ao sofrimento. É a intervenção física, administrando substâncias com a intenção de matar. Podendo ser esta: *voluntária ou involuntária*. Neste particular, devemos fazer a distinção com, *o suicídio assistido*, porque, neste caso, a provocação da morte está nas mãos do paciente.¹¹⁰

Mas existe também a *eutanásia indireta*, em que a finalidade da aplicação da terapia paliativa ou a administração de remédios psicofármacos tem uma finalidade: diminuir a dor e tranquilizar o doente. Embora indiretamente se possa abreviar a vida. Aqui não se pretende diretamente a morte, que advém como efeito secundário.

Pela *eutanásia passiva* entende-se a interrupção ou omissão de medidas tendentes a prolongar a vida. Já a *distanásia* é o encarniçamento terapêutico dos cuidados intensivos. Não se pense que este tema é pacífico.¹¹¹ Longe disso. Damos o exemplo da *chamada morte por compaixão*, que alguns teólogos católicos admitem em casos extremos: é o caso de Hans Kung.¹¹²

O mesmo se diga da eutanásia indireta, que é aceite por filósofos, moralistas, juristas e teólogos, usando estes, o argumento do duplo efeito. O próprio catecismo católico o aceita em certas situações, 486-487.¹¹³ É a rejeição do excesso terapêutico.

¹¹⁰ ANDORNO, Roberto, op. cit. p. 161.

¹¹¹ Cf. SERRÃO, Daniel, *Eutanásia e Distanásia*, in ARCHER, Luís-BISCAYA, Jorge-OSSWALD, Walter, *Bioética*, Editorial Verbo, Lisboa, 1996, p. 384.

“Este encarniçamento terapêutico com cuidados intensivos, totalmente desproporcionados em relação aos benefícios que se pretende obter, como se os médicos pretendessem negar a inevitabilidade da morte corporal”.

¹¹² KUNG, Hans, *Ewiges Leben?* Ed. Wilhelm, Munchen, 1982, p. 215.

¹¹³ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2000². «Não que assim se pretenda dar a morte; simplesmente se aceita o facto de a não poder impedir. Afirma a dignidade da vida humana, mas reconhece que a cessação de tratamentos médicos onerosos, perigosos, extraordinário ou desproporcionado ao resultado possa ser legítima. Mas mantém a omissão ou ação de per si ou na intenção».

Finalmente, iremos concluir esta genérica abordagem dizendo: quão polémica e complexa é esta problemática. E o caso bem flagrante, está na prática em alguns hospitais de muitos países, ordens para, *não ressuscitar, do not resuscitate*, que continua a levantar muitos problemas, para todos os profissionais implicados no tratamento destes doentes. É o chamado carácter desproporcional dos tratamentos, em que está em causa o injustificado prolongar da vida por qualquer meio e preço.

2.6. *A sensibilidade dos alunos*

Como habitualmente, fazemos a transposição da temática para o ambiente de sala de aulas. E uma vez, mais teremos que sublinhar ter havido uma grande sensibilidade à problemática da dignidade da vida humana, nas suas vertentes diretas e relativas à sua própria vida e respetivo relacionamento geracional. Foram os casos da alargada discussão criada e fomentada no que concerne à gestação do ser humano, do aborto, relações emocionais e sociais, dos idosos e a necessidade de lhes dar o máximo de dignidade e qualidade de vida na parte terminal das suas vidas terrenas.

Se na questão do aborto a turma estava claramente fraturada. Uns por convicções pessoais, ou por influências de vária ordem: familiares, sociais... Outros, era evidente a sua formação catequética, a sua vivência religiosa cristã e alguma sedimentação profunda dos valores cristãos. Isto apraz-nos registar.

Mas também é verdade, e temo-lo repetido vezes sem conta, que estes mesmos adolescentes vivem numa sociedade orientada para o facilitismo. Até a aprendizagem tem que ser *agradável*, o que concordamos, mas também dizemos que o que é feito com esforço e mérito tem um sabor especial.¹¹⁴

O mundo do trabalho e das empresas, ao invés é extremamente elitista, proselitista até, escolhendo *the real very best*.¹¹⁵ Aí não há contemplanções, é a lei do mais forte, mais inteligente, *da cunha, ou da selva*. Quem não estiver preparado nunca chegará ao seu sonho ou ideal, à sua realização máxima, nem ao topo, sendo este de que índole for. Poderá vaguear ao longo da sua vida, com uma mediocridade de sobrevivência, conveniência ou impotência. Talentos escondidos ou não utilizados.

¹¹⁴ MAGALHÃES, Vasco, *Vocação e vocações*, Editorial A.O., Braga, 1992, p.28-34.

¹¹⁵ Vem a talhe de foice” referir os 11 conselhos (regras) que Bill Gates recentemente ditou em uma conferência, numa escola Secundária sobre 11 coisas, que estudantes não aprendiam na escola. Sobre “como a política educacional de vida fácil” para crianças tem criado uma geração sem conceito de realidade, e como esta política tem levado as pessoas a falharem...na vida.

Dissemos facilitismo, mas acrescentamos utilitarismo e hedonismo, que culmina ou provoca uma desresponsabilização que se torna inconscientemente interiorizada e absorvida. Mas seríamos tendenciosos se não elogiássemos a sua abertura e até sede de informação, adequada e profunda do seu ponto de vista, próprias de uma idade em autoconstrução cognitivo-concetual. As suas argumentações expressam uma apreensão pragmática destes problemas. Que serão os seus próprios problemas na sua vida real, já amanhã. Por isso consideramos importante: o professor ter uma profunda, adequada e correta abordagem destas problemáticas. Pois se tal acontecer os alunos irão recordar, absorver, interiorizar e vivenciar, se não todas, alguns pontos fulcrais da lecionação. É neste contexto, que achamos bem pertinente e assaz pictórico a visão descritiva de Isabel Varanda da escola: “como corpo vivo onde corre sangue e lágrimas, e risos, onde se toma o pulso e se escuta os ritmos da sociedade...”.¹¹⁶

Nesta faixa etária caracterizada por alguma instabilidade emocional, a sua abertura, paciência e diplomacia são limitadas a gostos e a modas. Mas contudo eles, rapidamente se apercebem se estão perante um professor com profundos conhecimentos e capaz de testemunhar com convicção o que transmite. Pelo que além da bagagem cultural, das convicções fortes e corretas, à luz dos princípios cristãos, o *currículo oculto* é uma forte alavancagem na empatia, na transmissão da mensagem e dos valores, bem como, na consequentemente operacionalização efetiva das aprendizagens.¹¹⁷

Ao alcançar este desiderato teremos conseguido efetivar aprendizagens, conhecimentos importantes para a concretização real nas suas vidas. Que servirão de *bitolas* de vida no seu contexto real social como, cidadãos, chefes de família, cristãos e homens responsáveis, sempre prontos a defender a vida, como valor absoluto em si mesmo. Assim Deus queira...

3- Valorização da vida

Inflitiremos agora a nossa reflexão, para um contexto bíblico e das orientações emanadas pelo magistério da igreja católica. Será uma abordagem muito sumária e assaz breve. Não queremos por um lado negligenciar estas duas visões, mas por outro não

¹¹⁶Cf. VARANDA, Isabel, “Multiculturalidade e Diversidade Religiosa”, in *Communio*, XXXIII (2006), p.397. Não resistimos em contextualizar a referida citação “ A escola não é um sistema descarnado, não é uma estrutura rígida, dada uma vez por todas; é um corpo vivo..., onde, de sala em sala, e por todos os espaços, circulam correntes de conhecimento, dinâmicas de aprendizagem, desenvolvimento e prática de autonomia, princípio que instrui o direito inalienável à auto determinação do projeto de vida de todo e cada cidadão” p.397

¹¹⁷ Cf. MAGALHÃES, Vasco, op. cit. p. 34. “ É o chamado efeito de Pigmaleão na escola”.

queremos tornar este trabalho demasiado longo. Diz o adágio popular: *nem oito nem oitenta*, nem tanto ao mar nem tanto à terra, ou então: *muita cera queima a igreja*. Mas reconhecemos, que sem ela ficaria incompleta.

3.1- *A defesa da vida e a bíblia*

O que diz a bíblia sobre a dignidade da vida humana? Como defende a bíblia a vida? Como poderemos ler e transpor as ideias mestras para o século XXI?

Na nossa lecionação da unidade letiva 1 para a nossa turma do 9º ano turma 4 privilegiamos, como iremos mais à frente evidenciar, *não matarás*, Dt 5,17, e a parábola do bom samaritano, Lc 10,25-37, como exemplos paradigmáticos na defesa da vida e da dignidade do ser humano, na mensagem bíblica.

Não será uma visão exaustiva, mas apenas recolheremos alguns aspetos que possam ilustrar a constante defesa da vida nos seus mais variados aspetos.

A sagrada escritura certamente não usa, e não seria de esperar, o vocabulário moderno na defesa da vida humana. O contexto histórico, social e cultural dos autores sagrados era bem distinto, da realidade hodierna. O emissor e o recetor teriam que estar em sintonia linguística, cultural, religiosa e cognitiva. Porém, a linguagem contém as premissas das quais se podem deduzir uma doutrina desenvolvida sobre a dignidade e os direitos da pessoa humana.

Dizemos isto porque, o fundamento da vida moral e social do povo de Israel é a aliança entre Deus e as suas criaturas. Assim na visão bíblica, refletindo o pensamento de Deus que se manifesta na revelação, nenhuma criatura é indiferente. “Este é certamente o significado daquelas palavras de Jesus quando quis ressaltar a Providência de Deus aos discípulos: não se vendem cinco passarinhos por cinco asses? E, entretanto, nem um só deles passa despercebido diante de Deus. Até os cabelos da vossa cabeça estão contados” Lc 12,6-7.¹¹⁸

Sendo assim no antigo testamento, é clara a defesa do pobre, do indefeso e do idoso, que a mensagem e plano salvífico de Jesus Cristo irão clarificar, universalizar e especificar a opção pelos desfavorecidos através da linguagem e vivência do amor ao próximo numa visão radical: ama até o teu inimigo.

¹¹⁸ MOURA, Laércio, op. cit. p. 73.

O Deus de Israel privilegia a misericórdia para com os pobres. Mas contudo mostra a sua justiça, *Sedaqua Yahveh*, e exige obediência dos homens às suas instituições. Nesta observância da lei está incluída a reverência para com os direitos dos outros homens, no que diz respeito à vida, à honra, à verdade, à dignidade do matrimónio, bem como ao uso adequado dos próprios bens.

De facto verificamos que os *Anawim Yahveh*, os pobres e oprimidos, devem ser honrados e respeitados de um modo especial. Deus exige do Homem um espírito de misericórdia e fidelidade, *besed weemeth*. Por outras palavras, aos direitos das pessoas correspondem obrigações e deveres, para com essa mesma pessoa.

Esta visão irá ser explorada e aprofundada por Paulo, resumindo à caridade a segunda parte do decálogo do antigo testamento: *Rom 13, 8-10*.

Os profetas no antigo testamento apelaram para a urgência na observação das condições da aliança no íntimo do coração de cada cidadão de Israel *Jer 31, 31-35; Ex 36*. Estes protestaram veementemente contra as injustiças, seja das nações, como dos indivíduos. A sua função aliás, era aumentar a esperança do seu povo no salvador futuro.¹¹⁹

Este salvador futuro é Jesus Cristo que pregou, anunciou e iniciou, na sua pessoa e na sua obra, o novo e o último reino de Deus. Por isso, Ele exige dos seus discípulos *metanoia*, anunciando-lhes a nova justiça na fiel imitação do Pai Celeste *cf. Mt 5,48; Lc 6,36*, e consequentemente considerem e tratem a todos os homens como irmãos. É o mandamento do amor, numa clara opção pelos pobres e desfavorecidos, atacando assim Jesus de modo incisivo a dureza de coração dos soberbos e ricos, que confiam e se *amarram* aos seus próprios bens. É neste contexto que citamos e nos “apropriamos das palavras de Pozo, Blasquez e do ainda Cardeal Ratzinger: Na sua morte e ressurreição pascal “ propugnó con sus palabras y ejemplos, la pró-existència. Es decir, el don supremo, el sacrificio de su vida.¹²⁰No considero como algo que ha de ser avidamente, arrebatado (Flp 2,6) tener sus derechos divinos y humanos, sino se rehusó imponerlos y así se anodó a si mismo, (Flp 2,7). Hecho obediente hasta la muerte (Flp 2,8), derramó y ofreció su sangre en una alianza nueva (Lc 22,20) para el bien de todos”.¹²¹

¹¹⁹ Ibidem p. 75-80.

¹²⁰ POZO, Cândido-BLASQUEZ, Ricardo-RATZINGER, Joseph, in *COMISIÓN TEOLOGICA INTERNACIONAL, DOCUMENTOS 1969-1996. VEINTICINCO AÑOS DE SERVICIO A LA TEOLOGIA DE LA IGLESIA*, Biblioteca de autores Cristianos, Madrid, 1998, p.310, (307-325). Texto oficial latino en comision Theologica Internationalis, Documenta (1969-1985) Città del Vaticano , Libreria EditriceVaticana, 1988, 420-460.

¹²¹ Ibidem p. 311.

Os escritos apostólicos, seguem a mesma linha de orientação, mostrando a igreja dos discípulos de Jesus, como uma criação do Espírito Santo. De facto como consequência operativa, as pessoas humanas são dotadas da dignidade de filhos adotivos de Deus. Na relação com os outros, *próximo*, os *frutos do Espírito Santo* “son caridad, paz, paciencia, benignidad, bondad, longanimidad, mansedumbre. Por otra parte se excluyen las enemistades, luchas, emulsiones, iras, riñas, disensiones, sectas, envidias, homicidio... (cf. Gal 5,19-23) “. ¹²²

Como é óbvio, esta mensagem na defesa da dignidade do ser humano, abarca todas as fases da vida. Sendo assim, tanto defenderá a vida de um indefeso, *não nato*, como de uma criança, adulto, no matrimónio ou nos e dos idosos. Não iremos, nem temos a veleidade ou pretensão de cobrir extensivamente esta problemática. Apenas cumpre-nos fornecer as linhas mestras, para salientarmos a defesa intransigente da vida humana tanto no antigo testamento como no novo testamento. Os exemplos bíblicos são inúmeros. A narrativa bíblica após a criação, e de Adão e Eva, põe-nos de imediato os exemplos de Caim e Abel. Neste episódio, a vida não é respeitada, à semelhança do que tem acontecido inúmeras vezes ao longo dos últimos séculos: *Gen 4, 1-16*.

Amar e obedecer a Deus, era eleger a vida, separar-se Dele era perecer: *Dt 30,15*. Neste sentido a vida era um bem supremo e a morte, como o maior dos males. É sintomático em *Gen 3,3*, com a narrativa da árvore da vida, *Gen 3,19-22*, como senhor da morte e da vida, na renovação da aliança, depois do *dilúvio* com Noé e seus filhos, dando-lhes o domínio da terra, mas com limitações.

Poderíamos, vezes sem conta, enumerar citações. Desde as promessas a Abraão a Isaac e Jacob que é extensiva a todos os israelitas que escolheram obedecer à lei: *Dt 30,16*.

O mesmo se diga sobre as crianças que são vistas com um dom de Deus e como recompensa pela fé Nele. São a recompensa que pode esperar o crente: *Sal 128, 1-3; Sal 127,3*.

Os judeus acreditavam que “ el niño nonato está formado por Dios, se encontra en el segundo libro de los Macabeos”. Ainda que este livro não esteja no cânone hebreu, representa sem dúvida o pensamento de uma parte importante da comunidade judaica. ¹²³

¹²² Ibidem p.311.

¹²³ Cf. GRISEZ, German, *El aborto - mitos, realidades y argumentos*, Ediciones Sigueme, Madrid, 1972, p. 199, (185-284).

“De esta forma el origen del hombre está unido a una nueva vida que vencerá la misma muerte. Entre un Pueblo que consideraba a la vida como el paradigma del valor que la miraba como un Don de Dios y que estaba sometido a su dominio, que consideraba la sangre como algo sagrado, que protegía especialmente la vida inocente, que miraba a los niños como una bendición y la esterilidad como una vergüenza, que aceptaba la

Se, no antigo testamento é clara a defesa da vida e da dignidade humana, no novo testamento a mensagem, ainda mais evidente se torna em todas as suas vertentes, partindo sempre da mensagem inovadora de Jesus Cristo, com o seu *mandamento do amor*, abrangendo não só os *nossos*, mas os outros em que se incluem até os nossos adversários, os nossos inimigos.¹²⁴

Esta mensagem radical causou cisões e incompreensões, num mundo ainda muito condicionado pela visão bélica e vingativa, ou pelo menos *reparadora* do código de conduta ou antiga *lei de talião*.

O mundo e o império romano, levou tempo a compreender e a absorver este novo conceito da e na defesa da dignidade de cada ser humano. Era *contra natura* num império de índole expansionista, dominador e pragmático, esta mensagem conciliadora e reconciliadora do cristianismo. Aqui reside a especificidade, originalidade e excelência desta nova religião, que se espalhou fulgurantemente por todo o império romano, e que a levará a ser considerada a religião oficial do império.

O mundo iria mudar radicalmente do ponto de vista ético – moral. A civilização ocidental e europeia em particular, muito devem nos seus valores ao cristianismo e à nova maneira de *ler* a realidade, nos seus valores e respetivos comportamentos sociais. A visão humana, os seus direitos e deveres e a defesa da sua dignidade irá impregnar os novos tempos e civilizações ao longo dos tempos até ao século XXI.

Resumindo, pelo exposto, e tal como veiculamos aos nossos alunos, a *ortodoxia judaico-cristã* defende intransigentemente a dignidade da vida humana como o valor dos valores, fazendo depender deste, todos os demais. Pensamos que a nossa turma compreendeu em última instância uma das essenciais exigências do cristianismo: a defesa da vida e da dignidade e valor incondicional da mesma no ser humano, tido como filho de Deus. Seja ele rico ou pobre, bonito ou não, criança ou adulto, novo ou idoso. Neste último caso dos idosos os alunos, apesar de tudo mostraram-se sensíveis e até chocados, com a crescente depreciação do papel do idoso na nossa sociedade. A sociedade da tecnologia e da eficiência, dos telemóveis e dos computadores, do monetarismo aflitivo da vida moderna, esqueceu flagrantemente os idosos. O problema será dramático, pois na nova sociedade, o idoso perdeu o seu papel de conselheiro experiente e prudente, para ser um estorvo que não

noción del poder creador de Dios formando la persona en el seno de su madre, que podía incluso creer en una relación entre Dios y el niño que aún no había nacido, en un Pueblo de esta clase la práctica del aborto provocado encontraría muy poco sitio. Por eso el silencio del AT sobre el aborto provocado indica más bien que este tipo de legislación era innecesaria: reprobación”.

¹²⁴ COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, op. cit. p. 41 e 85.

cabe nem se enquadra nos novos indicadores economicistas e tecnológicos. As nossas sociedades, sobretudo urbanas, cada vez mais estão desprovidas de valores de solidariedade e compreensão numa sociedade que deveria ser dinâmica, plurifacetada e multigeracional aproveitando as sinergias de todos os seus membros e de todas as faixas etárias. Há que rapidamente arrepiar caminho, sob pena, de uma cada vez mais exclusão geracional e social desta faixa etária. A cada ano que passa, engrossa o número de idosos nas suas fileiras, como em ambiente de sala de aulas, fizemos questão de sublinhar, dando para isso, alguns dados estatísticos, simultaneamente de Portugal e do *velho continente*.

3.2- *A dignidade da pessoa humana e magistério*

Este aspeto, da doutrina social da igreja na defesa e valorização intransigente da dignidade da vida humana, não foi explorado com profundidade no contexto de sala de aulas. Muito embora o magistério da igreja católica seja profícuo e contundente, na defesa da vida como iremos ver de seguida e na continuação da visão que apresentamos ao longo do segundo capítulo, mais precisamente na parte: 2.2.¹²⁵

Porém, achamos por bem privilegiar outros conteúdos, como a solidariedade e aprofundar a mensagem subjacente à parábola do bom samaritano à qual dedicamos uma sessão por completo e que foi bem conseguida. Aliás, como já referimos anteriormente, os alunos evidenciaram uma receptividade e uma interação muito relevante. Tivemos algum receio de que a nossa turma não compreendesse por inteiro, a importância-relevância daquela mensagem e textos. Foi uma opção, que no nosso entender visou prevenir algum alheamento, pois a exposição tinha que ser minimamente abrangente e explicativa.

Mas o magistério da igreja é de uma riqueza extraordinária e incisiva nesta matéria, por isso achamos que devemos sinteticamente abordar esta questão, já que afloramos superficialmente aos alunos na primeira unidade letiva: A dignidade da vida humana, o contributo muito especial do papa João Paulo II. Como os alunos sublinharam o seu testemunho concreto e dedicação, está ainda na nossa memória a sua abnegação e sacrifício de vida nas nossa e, *deles*, retina.

¹²⁵ Cf. POZO, Cândido-BLASQUEZ, Ricardo-RATZINGER, Joseph, op. cit. p.311. “El Magistério Romano supremo de la Iglesia Catolica propugna con fuerza, en nuestros dias, la doctrina sobre la dignidad de la persona humana y sobre los derechos humanos en muchos documentos. Recuerdense la predicación y la acción de los Romanos Pontífices Juan XXIII (Pacem in terris), Pablo VI (Populorum progressio) y Juan Pablo II (Redemptor hominis, Dives in misericordia, Laborem exercens, las alocuciones de los viajes pastorales en el mundo ...”

Cumpra-nos contudo ressaltar, que exploramos na unidade letiva dois: Deus, o grande mistério, a vida e a obra do papa João XXIII, que preocupado com o afastamento da igreja em relação à sociedade, foi o grande impulsionador de uma grande reforma da igreja católica. Convocou para surpresa de muitos, o Concílio Vaticano II 1962-1965, visando a renovação da igreja e da sua relação com o mundo, através da recuperação da mensagem originária de Jesus Cristo: *o regresso às fontes*.¹²⁶ Isto porque achamos por bem, e para nosso enriquecimento pessoal, dar duas unidades completas e seguidas. Em boa hora o pensamos e o fizemos, pois deu-nos oportunidade de planejar dois grandes blocos letivos com coerência, sequência e profundidade no supremo benefício dos nossos alunos, e respetiva gratificação e noção do dever e esforço cumprido. Neste aspeto, a nossa professora assistente Maria José foi assaz perspicaz e eficiente, tendo sempre em conta a otimização das aprendizagens por parte dos alunos. Resultando numa maior adaptação e empatia entre professor e alunos.

Assim na sequência do atrás exposto, sem dúvida que se deve prestar grande atenção à doutrina do *Concílio Ecuménico Vaticano II*, sobretudo na constituição pastoral *Gaudium et Spes* n.º 12ss sobre a dignidade humana, n.º 41, sobre os direitos humanos, no n.º 27, sobre o respeito da vida humana. Neste último se declara que, quem atenta contra a vida humana, homicídios...genocídios, aborto, eutanásia, degrada a civilização humana e o seu Criador.

O novo Código de Direito Canónico promulgado no ano de 1983, que é tido como o último ato do Concílio Vaticano II trata especificamente, dos deveres e direitos de todos os fiéis, *cânones* 208-223, na mesma vida da igreja.¹²⁷ Como seria de esperar condena com veemência o aborto no seu *cânone* 1398 com a excomunhão *latae sententiae*.

No mesmo sentido o n.º 2270 do catecismo da igreja católica diz que a vida humana deve ser respeitada e protegida de modo absoluto, a partir da conceção. Desde o primeiro momento da sua existência, devem ser reconhecidos a todo o ser humano os direitos da pessoa, entre os quais o direito inviolável à vida de todo o ser inocente.

¹²⁶ Nesta citação “apropriamos” como nossas, as palavras do nosso manual *Horizontes de Esperança do 9º ano na página* 89 versando João XXIII como um dos três exemplos apresentados e sugeridos como exemplo vivos de “Solidariedade e fraternidade” desenvolvido ao longo das páginas 86 a 89. (Unidade letiva 2: Deus, o grande mistério). Os outros dois exemplos que exploramos na sala de aulas foram: São Vicente de Paulo e Aristides Sousa Mendes). Este último, já o tinha apresentado e afluído, quando tratamos: o preconceito, o racismo e o nazismo: unidade 1. Confrontar a nossa citação nº75.

¹²⁷ Cf. POZO, Cândido-BLASQUEZ, Ricardo-RATZINGER, Joseph, op. cit. p. 311. Os autores referem nomeadamente que: “Así se há expressado muchas vezes JUAN PABLO II; por ejemplo, *Alocuciones a los Cursos de Introducción al Nuevo Código, A Obispos* (21 de noviembre de 1983), 2: *Insegnamenti* 6/2, 1144; *A jueces eclesiásticos y otros canonistas* (9 de diciembre de 1983, 3: *Insegnamenti* 6/2, 1293; *Alocución a la Sagrada Rota Romana*: AAS 76 (1984) 644; Exhortación apostólica *Redemptionis donum*, 2: AAS 76 (1984) 514.

Não iremos enumerar os vários documentos da igreja e dos seus pontífices, apenas vamos aludir alguns para expressar e vincar a importância que o magistério deu a toda esta problemática. Sobretudo João Paulo II, o defensor e paladino na valorização constante da vida, e obviamente Bento XVI. Contudo já Pio XII teve várias intervenções, como mencionado anteriormente, exortando à defesa da vida desde o seio materno.¹²⁸

A preocupação da igreja na defesa da vida, da dignidade humana, e dos idosos, tem sido uma constante preocupação. Sendo o Vaticano II um marco, terá que ser visto, como uma preocupação, que evoluiu ao longo dos séculos, procurando adaptar o discurso a problemas concretos e situações específicas históricas, sociais, políticas e laborais. É o caso da encíclica, *Rerum Novarum* em 1891 de Leão XIII, das cartas encíclicas *Quadragesimo Anno* de Pio XI em 1931, *Mater et Magistra* de João XXIII em 1961, *Populorum Progressio* de Paulo VI em 1971 e da Carta Apostólica *Octagesima Adveniens* do mesmo, em 1971. Bem como João Paulo II.¹²⁹

Os papas, estavam atentos aos novos problemas e novas conjunturas mundiais, exortando os fiéis e os *Homens* de boa vontade a seguir e a defender o valor intrínseco da vida e dignidade humana. É o caso de João Paulo II com as encíclicas em, 1981 – *Laborens Exercens*, 1987 *Sollitudo Rei Sociales* e 1991 – *Centesimus Annus*. Contudo só em 2004 com a *Doutrina Social da Igreja*, foi apresentada de um modo sistemático e orgânico no *Compendio da Doutrina Social da Igreja* fruto do trabalho do *Pontifício Conselho de Justiça e Paz*. Mas, recuando novamente a Paulo VI. Este pontífice manifesta-se, com frequência, contra a prática do aborto. São exemplo disso, o n.º 14 da *Humanae Vitae*; a sua mensagem transmitida pela televisão Francesa em 30 de janeiro de 1971, aos representantes da ordem dos médicos dos países da Comunidade Europeia, reunidos em *Roma em novembro de 1972*, a sua mensagem em 26 de abril de 1978, em 29 de junho do mesmo ano e na carta encíclica *Populorum Progressio*.

Em todas elas expressa “ que existem valores que são como pedra de toque de uma civilização”; atentar contra eles, é sobre o próprio homem que recai a ameaça. Assim

¹²⁸ Cf. ARAUJO, Silva, *Ainda o Aborto*, Edição Diário do Minho, Braga, 1998, p 37-47.

Nesta obra o autor privilegia as intervenções sobretudo de Pio XII, Paulo VI, João Paulo II, não podendo referir como é óbvio ainda Bento XVI. Procura dar uma breve síntese da posição da Igreja sobre a defesa da vida e da dignidade da vida humana, começando pela *Gaudium et Spes*, Carta dos Direitos da Família, Catecismo da Igreja Católica e Comissão Pontifícia para a Interpretação Autêntica do Código de Direito Canónico em 16 de Janeiro de 1988, nomeadamente nos cânones 1398, 1041 e 871. Em seguida diz: “Da doutrina dos Papas referirei testemunhos de Pio XI, Paulo VI e João Paulo II. Sobre o primeiro mencionamos o seu discurso em 29 de Outubro de 1951, (*Revista Eclesiástica Brasileira. Vol. 12, Fasc. I 1952*). Apenas citamos uma frase: “Todo o ser humano, até mesmo a criança, no seio de sua mãe, recebe o direito à vida imediatamente de Deus...Acima de toda a lei humana e toda a indicação, ergue-se, indefetível, à lei de Deus” (p.31).

¹²⁹ João Paulo II desempenhou um papel importante no debacle do comunismo na cortina de ferro.

desprezar a vida humana, seja qual for o pretexto, seja qual for a forma de atentado, é desprezar um dos valores essenciais da nossa civilização.¹³⁰

João Paulo II foi um acérrimo defensor da vida humana. Durante todo o seu papado, não se cansou de lutar por este valor supremo do cristianismo e do Evangelho. A sua vida foi um exemplo, levado até às últimas consequências.

Na carta encíclica *Evangelium Vitae* de 25 de março de 1995, ele expressa a sua preocupação na defesa intransigente da *cultura da vida*, em oposição, à *cultura da morte*: n.º 21.¹³¹ Alertando nomeadamente que, quem se deixa contagiar por esta atmosfera, entra facilmente na voragem de um terrível círculo vicioso: perdendo o sentido de Deus. Desta forma tende-se também a perder o sentido do *Homem*, da sua dignidade e da sua vida: “por sua vez, a sistemática violação da lei moral, especialmente, na grave matéria do respeito da vida humana e da sua dignidade, produz uma espécie de ofuscamento progressivo da capacidade de perceber a presença vivificante e salvífica de Deus”.¹³²

No n.º 23, e à semelhança da nossa reflexão, João Paulo II, refere-se ao “eclipse do sentido de Deus e do homem”, que conduz inevitavelmente “ao materialismo prático no qual prolifera o individualismo, o utilitarismo e o hedonismo”.¹³³

Mas a sua preocupação é extensiva “contra a conspiração contra a vida” explanada no n.º 15, contra as ameaças não menos graves que pesam também sobre os doentes incuráveis, ao doentes terminais, num contexto social e cultural que, tornando mais difícil enfrentar e suportar o sofrimento, aviva a tentação de resolver o problema do sofrimento eliminando-o pela raiz, com a antecipação da morte para o momento mais oportuno. Aludindo em seguida para a difusão da eutanásia.

Não resistimos a citar, pois abarca todo o percurso da nossa reflexão: “Para além do motivo de presunta compaixão diante da dor do paciente, pretende-se justificar a eutanásia também como uma razão utilitarista, isto é, para evitar despesas improdutivas demasiado gravosas para a sociedade. Propõe-se assim, a supressão dos recém-nascidos, sobretudo, dos

¹³⁰ Cf. MORÁN, Luís, Gonzalez, op. cit. p. 104-110. Retiramos esta citação da mensagem de Paulo VI transmitida pela televisão francesa em 30 de janeiro de 1971. Este Papa afirmava que o compromisso da Igreja: «Neste empenho por nós posto e sofrido, de magistério ao serviço e em defesa da verdade nós consideramos imprescindível a defesa da vida humana». Esta temática é também abordada com mais detalhe pelo autor da obra citada (no n.º 83) aflorando Paulo VI a defesa da vida na p.40-43.

¹³¹ JOÃO PAULO II Carta Encíclica, *Evangelium Vitae* (25 de Março 1995), Edições Loyola, São Paulo, 1995 p.38.

¹³² Ibidem p.38.

¹³³ Ibidem p.41.

deficientes profundos, dos inválidos, dos idosos, sobretudo quando não autossuficientes e dos doentes terminais”.¹³⁴

Está aqui concentrada toda a nossa visão, que pretende afirmar o valor dos valores: a vida do ser humano em quaisquer circunstâncias. A sua defesa não deve ter tréguas, pois é sempre a defesa do inocente, do mais frágil ou do indefeso.

A igreja, como todo o cristão, deve lutar em todas as *frentes de batalha* e sobretudo pelo seu testemunho pessoal de vida, na comunidade, no seu meio social: nesta aldeia global, que tanto associa, como pode esmagar e silenciar de morte e de esquecimento.

Nesta encíclica as referências são infundáveis, *n.º 62, 58, 18,28 e 43*, este último diz nomeadamente que a “geração é a continuação da criação” na defesa das opções da, e pela, vida humana, condenando os crimes contra a vida, apresentados, como legítimas expressões da liberdade humana individual, que devem ser reconhecidas e protegidas não só como verdadeiros, mas como legítimos direitos.¹³⁵

É segundo João Paulo II, o aspeto mais subversivo e perturbador nesta tendência, que exalta e deifica a liberdade do indivíduo e as suas opções morais e sociais. É a contradição paradoxal referida no *n.º 19*, vista como um exagero e deformação do conceito de subjetividade. É a exaltação da liberdade que proclama o indivíduo de modo absoluto., não o predispondo para a solidariedade e o pleno acolhimento e serviço do, e para, o outro.

Se a *Evangelium Vitae* é um manancial riquíssimo para a nossa reflexão, poderíamos, além dos documentos atrás enunciados, a *Redemptor Hominis* em 1979, a *Tertio Millenio Adveniente* em 2000, por altura do Ano Jubileu, na *Carta às Mulheres*, *n.º 5*, na sua *alocução* em 11 de outubro de 1985, em 25 de janeiro de 1986, na *Índia* em fevereiro de 1986 e em 22 de janeiro de 1998 em *Cuba*, referindo os crimes contra a vida humana, como sempre abomináveis, devendo a família, em qualquer lugar e na sociedade inteira, proclamar que toda a vida humana é sagrada desde o momento da conceção.¹³⁶

Contudo a nossa sociedade parece ter, *um novo mandamento*, cultiva o sim à vida “ com os prazeres que lhe são inerentes, e o não a todos os medos, de um secreto destino, do mistério de Deus, do amanhã incerto e sobretudo da morte”.¹³⁷

¹³⁴ Ibidem p.29.

¹³⁵ Ibidem p.70.

¹³⁶ Cf. ARAÚJO, Silva, op. cit. p. 44-45. O Papa condena as legislações permissivas no que diz respeito nomeadamente à liberdade. A introdução da legislação permissiva do aborto foi considerada como afirmação do princípio da liberdade. Este, afirma na “Carta às Mulheres” por vezes, antes de ser uma responsabilidade atribuível à mulher, é um crime que deve ser imputado ao homem e à cumplicidade do ambiente circundante.

¹³⁷ COUTINHO, Jorge, “Do Eterno religioso do homem e das suas variações no tempo”, in *Theologica*, XXXVIII, 2 (2003), p. 282.

Nesta perspetiva a sociedade é composta por sujeitos débeis que, sem as tradições, referências e os costumes, se convertem em sujeitos passivos desde logo, sujeitos a manipulação e risco de massificação. É a chamada nova ética do *sê forte, rápido, sexy e perfeito*, que sendo valores fugazes e passageiros, tornam o indivíduo no final, só, desesperado, infeliz e solitário. É a cultura do *fast*, da moda, do voraz, do instantâneo, que aprisiona o indivíduo numa liberdade absoluta que o faz em última instância, viver no novo centro do mundo: o consumo. E os nossos jovens, são já o espelho do consumo, como centro do mundo, “baseado, no indivíduo, nas suas necessidades e desejos mais individuais”.¹³⁸

São as marcas, as modas, os telemóveis topo de gama, a internet, o computador, que sendo ótimas ferramentas, não podem tornar-se vícios absolutos paradigmáticos de uma sociedade e juventude sedenta de individualismo e hedonismo prático e vivencial.

Terminamos a nossa abordagem com o atual Pontífice Bento XVI. Novamente a preocupação deste papa é evidente e constante. As suas intervenções na defesa da vida são inúmeras: *Carta Encíclica Caritas in veritate* em 29 de Junho, na defesa da vida humana, n.ºs. 28, 32,34e 35, *Spe Salvi* em 30 de Novembro de 2007 e na *Encíclica Deus caritas est* em 25 de Dezembro de 2005, defendendo o valor da vida humana, n.ºs. 11, 12.¹³⁹

Mas este papa, tem muitos discursos e alocuções em que defende a vida perante os novos desafios da ciência e da tecnologia. É o caso do seu discurso à Pontifícia Academia para a vida. Dois anos antes em 10 de maio de 2008, Bento XVI dizia, dirigindo-se aos participantes no Congresso Internacional promovido pela Pontifícia Universidade Lateranense no 40º ano da *Encíclica Humanae Vitae*, que esta continuava atual.¹⁴⁰ Pensamos, ter vincado minimamente a preocupação e a posição do magistério, sobretudo dos referidos papas. *As Conferências Episcopais* de variados países, seriam outro manancial, que no âmbito da nossa reflexão seria demasiado exaustivo e até descabido.

¹³⁸ DUQUE, João, *Cultura Contemporânea e Cristianismo*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2004, p.116.

¹³⁹ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in veritate* (29 Junho de 2009), Editorial A.O., Braga, 2009, p. 20 e 21.

¹⁴⁰ “A verdade expressa na *Humanae Vitae* não muda, pelo contrário, à luz das novas descobertas científicas, o seu ensinamento torna-se mais atual e leva a refletir sobre o valor intrínseco que possui. A divisão entre a alma e o corpo nem sempre está sujeito apenas ao sentimento, muitas vezes fugaz e precário, mas assume a unidade de pessoas e a totalidade de partilha dos esposos, que no acolhimento recíproco se oferecem a si próprios num processo de amor fiel e exclusivo que brota de uma opção genuína de liberdade” E mais a frente: “A sexualidade não pode transformar-se numa droga...com o qual se quer submeter o partner aos próprios interesses e desejos”. Ainda esta quaresma, Bento XVI, na sua alocução de 22 de fevereiro se referia a uma certa *anestesia espiritual* própria do secularismo que grassa na nossa sociedade contemporânea.

4- O tema, a turma e os inquéritos

Nesta parte final do nosso trabalho iremos debruçar-nos mais concretamente em aspetos que incidiram na nossa lecionação. Sempre na dupla articulação do nosso propósito a citar: a defesa do valor da dignidade da vida humana como valor basilar e primordial e a sua erosiva, incorreta, individualista e individualizante aplicação na nossa sociedade contemporânea. É a chamada *era do vazio*, segundo Lipovetsky, mas poderemos colocar outros epítetos como, pós-modernismo, *New Age* e outros.¹⁴¹

Nesta nova era e sociedade em que o pós modernismo, pode ser entendido e visto, como a incredulidade em relação às meta narrativas. É o chamado gosto pelo efémero, com a respetivas perda de referências fortes, valores sólidos e universais bem como dos costumes morais. É uma cultura que valoriza excessivamente as vivências pessoais e a autonomia individual. Isto está espelhado, na nossa escola, nas famílias dos nossos alunos, e na sociedade em geral.

É uma busca desenfreada pelo bem-estar, do apelativo, do agradável, do culto da imagem e da eficiência, que a nova sociedade de consumo e tecnológica nos impõe como objetivo único de sobrevivência e de sucesso. Usando as palavras de Mardones: “ Nesta busca não se conhece limites: nada está proibido e tudo deve ser explorado. Alcança-se assim frequentemente, a pluralidade de visões fragmentárias”.¹⁴²

A nossa turma está, em parte, eivada desta visão, e tornar-se-ão, *grosso modo*, adultos deificando e protagonizando nas suas vidas, profissionais, familiares e sociais este individualismo hedonístico e doentio, que muitas vezes sufoca e amarfanha o seu próximo. Uma das nossas, *do professor*, tarefas será de tentar minimizar esse impacto tentando incutir nos alunos a pertinência dos valores ético – morais e cristãos, por nós aqui expostos, e sobretudo a solidariedade e encontro com o nosso próximo concreto do dia-a-dia procurando valorizar, compreender e ajudar o negligenciado, o débil, o esquecido, o idoso e o sem voz. Ao conseguir isso tornaremos a sociedade futura mais aberta, solidária e menos individualista na sua práxis.

¹⁴¹ LIPOVETSKY, Gilles, *A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Relógio d'Água, Lisboa, 1987, p.64.

¹⁴² MARDONES, José, *Capitalismo y Religión. La religión política neoconservadora*, Sal Terrae, Santander, 1991, p.56.

4.1- Os Valores cristãos, como ajuda e suporte de vida

Nas últimas décadas, a vida nos pequenos e grandes pormenores do dia-a-dia, mudou radicalmente. Os nossos jovens, e a nossa turma não será exceção, recebem fluxos de informação massivos e instantâneos. O fluxo dos *media* exalta o individualismo. Mas, paradoxalmente, assistimos hoje em dia à massificação das pessoas. E os adolescentes nesta faixa etária, de estruturação físico-somática e psicológica, são alvos fáceis. Pois a violência da imagem, *sofisticadamente trabalhada*, produz força e impressão *arrebatando* o espectador, para mais tarde o *aprisionar* a vários níveis, ou num termo *soft*: fidelizar.

Segundo João Duque, *do penso logo existo* cartesiano, passou-se a uma espécie de, *sou visto, logo existo*.¹⁴³ O tempo é fugaz e voraz ao mesmo tempo, e estes adolescentes querem dominar o meio televisivo, tecnológico, exemplo disso será o *zapping*, em que interessa tudo e nada ao mesmo tempo: a única pretensão é passar o tempo, sem mais inquietações.

Daqui resulta, que nunca a defesa dos valores ético-morais na defesa da verdadeira dignidade humana, foi tão pertinente. Pois a sua defesa, tornou-se sofisticadamente complexa e globalizada nas suas vertentes gerais e específicas. Nunca os princípios *Evangélicos* foram, e são, tão indispensáveis para uma sociedade mais justa e solidária.

Se os adolescentes não forem *trabalhados* e consciencializados, por via, *privilegiada*, desta disciplina, estes perderão uma das poucas e raras oportunidades para se sensibilizarem, que a vida e dignidade do outro, está numa direta ligação e interligação com a minha própria dignidade e *a fortiori*, vida.

Os jovens hoje são preparados para competir e ter sucesso, sendo selecionados segundo estes *cegos* princípios, padrões e parâmetros de rendimento ou prestação, que por vezes são conseguidos ao atropelo dos mais básicos princípios ético-morais.

É neste sentido, que uma vez mais, nós defendemos a excelência e a *superioridade da moral judeo-cristã*, face às *ortodoxias neoliberais* e secularistas redutoras, como temos vindo incessantemente a referir e enfatizar: na defesa do valor absoluto da vida humana, e as suas diretas aplicações na vida do ser humano no seu dia-a-dia.

Enumeraremos apenas alguns princípios basilares: validade intrínseca da pessoa humana em qualquer fase, damos aqui o exemplo do casamento como bem intrínseco. Bem básico e não um mero vínculo instrumental característico de um contrato; o corpo humano,

¹⁴³ DUQUE, João, op. cit. p. 121.

sexualidade, *algo bom*, não só instrumental, pois expressa, e deve expressar, a união numa só carne. Daí resultando a luta contra o relativismo moral e situacional dos fins.¹⁴⁴

A moral cristã vê nos bens básicos inteligíveis, direitos humanos universais, direitos básicos, e que devem ser defendidos a todo o custo. É que a pessoa humana é vista como uma unidade corpo/alma. Negando assim o dualismo pessoa/corpo subpessoal muito em voga no Secularismos, no direito aplicado e nas elites político-judiciais.¹⁴⁵

Neste sentido, as razões não são redutíveis ao desejo-sentimento. E aqui está o problema...pois entra em contradição com a maneira de ser e agir dos nossos jovens das nossas escolas. O facilitismo, pragmatismo, consumismo...imperam e minam os nossos adolescentes como característica *ad intra* assimiladas consciente, ou mais das vezes, inconscientemente, mas que minam e orientam a sua praxis, Claro está, moldando definitivamente os adultos que eles irão ser nos tempos mais próximos, determinando de novo a sociedade futura, em definitivo.¹⁴⁶

4.2- *Sedimentação, docência e testemunho*

Chegados a este ponto, será imprescindível da nossa parte, expormos as principais aprendizagens por nós obtidas. E sublinharmos o que aprendemos desta oportunidade única visando por um lado, a nossa melhor preparação intelectual e científica, e por outro uma melhor adequação pedagógico-didática, da nossa pessoa, à nossa turma. Sendo certo que iremos, mais à frente descrever e quase narrar a nossa lecionação da, *de duas*, unidade letiva: a dignidade da vida humana. Achamos por bem elencar as mais-valias pessoas adquiridas, e que nos irão nortear para novas, diversificadas e futuras situações letivas.

1- Intelectualmente, saímos altamente valorizados por força de extensas e diversificadas leituras.

2- Embora já metódicos, fomos *forçados* a gerir com excelência os nossos tempos, atividades, compromissos já assumidos.

3- Interiormente, apesar de nem sempre ser detetável e observável, deu-nos uma humildade, propensa para um maior crescimento e assimilação de novos conteúdos, novas maneiras de programar e novas, atraentes e eficazes práticas pedagógicas. Deste ponto de

¹⁴⁴ GEORGE, Paul, op. cit. p. 100-102.

¹⁴⁵ CF. GEORGE, Paul, op.cit. p. 85-129. (Na mesma linha o Papa Bento XVI, em 5 de Fevereiro de 2012 apelou no Vaticano à defesa da vida humana em todas as suas fases e condições de existência, associando-se à Jornada Convocada pelos Bispos Italianos, para esta causa...A verdadeira juventude realiza-se no acolhimento no amor e serviço à vida...disse o Papa, após a oração do Angelus, desde a janela do seu apartamento sobre a Praça de S. Pedro às jornadas de obstetrícia e ginecologia das Universidades Romanas - tema: Promoção e tutela da vida humana nascente).

¹⁴⁶ Ibidem p. 103.

vista foi uma condição *sine qua non*, que nos impusemos a nós próprios: observar todos os colegas de estágio, no maior numero possível de aulas, por estes ministradas. Tiramos muitas ilações e deduções. Captamos perspicazes e argutas maneiras de ser e estar na sala de aulas, de interagir, que iremos pôr em prática, nós mesmos, em eventuais situações futuras.¹⁴⁷

4- Tecnicamente falando, também evoluímos e investimos ainda mais. Isso irá ter sem dúvida efeitos benéficos em formações, cursos ou leccionações futuras.

5- Sendo a nossa leccionação habitual, bastante diferente da protagonizada, na escola Francisco Sanches, deu-nos o ensejo de assimilar, *the other side of the coin*, dando azo a aperceber-nos das nossas próprias limitações. Neste aspeto saímos largamente enriquecidos.

6- Como, não fomos *contratados* a qualquer preço para mostrar rápidos, mensuráveis e drásticos progressos, pudemos aprender e evoluir gradativamente. Claro que nem tudo foram *rosas*, aliás, houve duas aulas, que ficaram muito aquém do por nós expectável, programado e desejado. Porém em termos gerais e finais, aprendemos como nunca: muitíssimo.

7- Como, somos criativos por natureza, neste contexto de estágio saímos beneficiados, seja em contexto de sala de aulas, seja no nosso mini trabalho de campo sobre os alunos e a disciplina de EMRC.¹⁴⁸ Como foi por nós referenciado: embora valorizando deveras o professor e a disciplina, não deixa de ser clara e gritante a dicotomia entre os valores defendidos pelos alunos, e os vividos pelos mesmos. Jovens que absorvem muito mais facilmente, o fugaz, e o agressivamente, atraente. À semelhança dos nossos adultos que correm atrás de formas regressivas de religião, manifestações mágicas e supersticiosas, atração e adulação pelo líder. É um dos aspetos típicos do ideal espiritual de expressão pós moderna: *New Age*.¹⁴⁹

Finalmente ao longo da nossa leccionação, tivemos oportunidades concretas de dar o nosso testemunho de vida, sempre que o contexto e a temática se proporcionavam. Não só

¹⁴⁷ Este aspeto foi muito relevante para nós, já que os nossos contextos são diferentes. Assim constitui uma mais-valia que irá ser potenciada, otimizada e adaptada em futuros contextos. Adaptando e revendo o nosso estilo muito próprio.

¹⁴⁸ Para nossa maior valorização pessoal e para uma maior conhecimento dos alunos da escola em geral, e da nossa turma em particular, procuramos elaborar um inquérito, que nos desse o pulsar dos alunos relativamente à disciplina e aos valores que norteiam a sua vida. Procuramos enveredar por algo prático, e simultaneamente ligado à problemática dos valores ético-morais. Sobretudo em consonância com o tema lecionado: A dignidade da vida humana. Como vimos na primeira parte da nossa reflexão os nossos adolescentes embora algo perplexos e desorientados, ainda vêm no professor de EMRC não só uma “tabua de salvação” mas um ponto de referência e porto de abrigo que norteador poderá ser uma proveitosa e eficaz bússola ao longo de toda a sua vida futura de ser humano bem como cristão. Este “pequeno trabalho de campo” deu-nos a oportunidade de aprofundar outro similar efetuado noutra (s) escola.

¹⁴⁹ PINTO, Mário, *Perspectiva de um Católico*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2003, p. 59.

como um ser humano com um razoável percurso de vida, mas como cristão solidário e empenhado e comprometido com o próximo, por vezes também, meu vizinho.

Neste campo temos dado o nosso melhor para minorar o sofrimento de algumas famílias, por exemplo arranjando colocação no *Reino Unido* em famílias por nós conhecidas. Foi um dos exemplos dados em ambiente de lecionação e em direta correspondência com a temática tratada da solidariedade humana e o exemplo do bom samaritano.¹⁵⁰

5- Síntese conclusiva

Optaremos por uma conclusão de índole descritivo-pessoal. Ao terminar esta segunda parte, não resistimos a um novo *flash* conclusivo.

Assim investimos algum do nosso tempo na verificação *in loco* na escola Francisco Sanches no inquérito a *100 alunos*, como estes alunos se situam perante a disciplina de *EMRC*: chamemos-lhe *mini radiografia religiosa*.

Partindo desta visão e recolha, para a análise de dados segundo critérios quantitativos e qualitativos. Os resultados foram deveras animadores, fossem eles assim em todas as escolas. Contudo deixaram também a nu uma visão fragmentada dos alunos, relativamente a situações concretas na defesa da vida, do ser humano.

Isto ficou claro na nossa lecionação, em que a nossa turma ficou *partida* e dividida no que concerne, ao aborto e eutanásia. Contudo, já no que concerne aos idosos, aí o fator emocional e de alguma proximidade física e sobretudo os recentes casos relatados nos meios de comunicação, fez com que a turma fosse uníssona, na sua defesa e do valor dos mesmos, na nossa sociedade.

Partindo dos inquéritos, começamos por expor a nossa linha de pensamento, do valor absoluto da vida humana. Para uma abordagem mais rigorosa, definimos os conceitos em questão, e a sua evolução histórica-religiosa, para um melhor enquadramento do problema.

Mas ao defendermos este *valor sagrado*, procuramos situar os *nostros jovens* e a *nossa turma* em particular. Isto é: como veem e operacionalizam na sua vida real este valor, e estes valores?

Por isso tivemos necessidade de prosseguir, *evoluir*, e fazer uma rápida análise. Isto é constatar como a sociedade hodierna, por vezes, se encontra *órfã* e confusa de valores,

¹⁵⁰ Na nossa perspetiva, foi uma das nossas aulas mais bem conseguidas, quer do ponto de vista do aluno, quer do ponto de vista do professor.

provocando uma crise de valores transversal na sociedade moderna e em todas as suas faixas etárias.

Os jovens são fruto dos adultos que somos. Essa crise de identidade provoca fugas *para a frente*, ou a busca desenfreada do imediato e atraente.

Assim procuramos ver como, e onde se situam, os *nostros jovens*, a *nostra turma*, na assimilação, sedimentação e apropriação destes valores na defesa da dignidade do ser humano, do seu próximo, do seu colega, do seu vizinho, seja ele bonito, feio, inteligente ou não, pobre ou rico.

Lembremos que a crise tem *duas faces*, provocação e crise, no sentido de “confronto com a realidade do confronto”. Isto porque, os laços geracionais que uniam os jovens aos adultos, esbateram-se ou romperam-se fruto de múltiplos fatores sociais.¹⁵¹

Depois destas, e doutras expostas constatações, infletimos para *o nó górdio* da nossa temática: a defesa da vida como um valor absoluto e intrínseco. Para defender este valor intrínseco à pessoa humana, tivemos que abordar o mesmo, nas várias etapas bio vivenciais deste ser, *animal*, *racional* por excelência: desde a concepção até ao *último suspiro*, usando o dito popular.

Assim sendo, impunha-se salientar a nossa visão cristã, na repulsa das práticas abortivas e as respetivas implicações médicas e ético-morais: ”Não matarás”... Contudo apesar da nossa posição assertiva na defesa da vida, constatamos que a nossa turma, estava fragmentada com posições diametralmente opostas, fruto de aquisições concetuais, vivências ou experiências familiares e influência social.¹⁵²

Cumpre-nos exercer o nosso dever, e o testemunho de um cristão pró-vida. Partindo desta premissa, avançamos para a defesa de uma sexualidade responsável. Isto é: uma visão não instrumental, não situacional, não subjetiva e não ao sabor do facilitismo, por vezes irresponsável e hedonista dos parceiros envolvidos.

Na mesma linha entendemos o casamento como matrimónio vínculo sagrado, não como um mero vínculo contratual, mas como uma união sagrada: dois numa só carne, unidos pelo amor e abençoados por Deus.

¹⁵¹ Achamos deveras feliz esta expressão, expressa por: TONELLI, Riccardo, “Juventude à procura”- Conferência em 15 de fevereiro de 2012 na XX Semana de Estudos Teológicos: *A pastoral juvenil numa Igreja jovem*, na Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia de Braga. (Conferencista convidado: da Universidade Pontifícia Salesiana – Roma).

¹⁵² Cf. ELIAZI, Francisco, *Questões da bioética*, Edições Perpétuo Socorro, Porto, 1996, p. 60. Este autor pedagogicamente e de uma maneira interessante, vai colocando perguntas e interrogações respondendo em seguida, com assinalável clareza, levando o leitor a interiorizar e assimilar a sua visão.

O conceito, multiplicai-vos, não pode ser reduzido à mera sobrevivência da espécie, nem tão pouco ao controlo da mesma, como foi feito em tempos passados nos gregos e romanos, ou ainda como no nosso tempo.¹⁵³

A próxima etapa e faixa etária, é a fase do ancião, do idoso. Se no passado era tido em consideração e altamente respeitado, hoje a situação alterou-se para pior. A nossa sociedade *convive* mal com os idosos. Aos nossos alunos, defendemos o papel do idoso, e demos o nosso testemunho concreto em sala de aula.

Fruto de uma sociedade massificada, egocêntrica, urbana e acelerada, tende por vezes, a esquecer, a isolar e até *emparedar* os idosos. Desta maneira esquecemos a sua vasta experiência e falhamos *redondamente* na gratidão, aos avós que um dia também seremos. Assim mais à frente na lecionação analisaremos rapidamente a recetividade com, e para, o valor dos idosos. Estes aspetos ficaram claros na nossa lecionação: a dignidade da vida humana, na parte dedicada ao idoso e na interpretação da parábola do bom samaritano.

Ao abordar, a valorização da vida em todas as suas manifestações e fases, o quadro ficaria incompleto se não abordássemos: como a defende o antigo testamento. E sobretudo o novo testamento. Este, com a mensagem do Evangelho protagonizada pelo momento salvífico na pessoa de Jesus Cristo, salvador e redentor de todo o ser humano.

Neste contexto ressaltamos a abordagem de excelência, superioridade e novidade do *mandamento do amor*. Este levado ao extremo, isto é: até amar o nosso inimigo. Ora isto, estava em perfeita contradição, no, e com o contexto histórico e político vigente no império romano. Este era caracterizado, por uma visão bélica, reparadora, conservadora, ritualista da vida e das relações sociais, bem como da religião.

Dizemos isto, porque foi neste mundo pragmático e expansionista que o cristianismo, se estava a inserir e a crescer exponencialmente. O novo, e qualquer, fenómeno religioso, e o cristianismo, partiram deste substrato cultural para o revolucionar e transformar definitivamente.

Os mártires e os primeiros cristãos pagaram bem caro, até com o seu próprio sangue, a nova mensagem. Por tudo isso, nunca o mundo foi mais o mesmo.

A nossa reflexão também ficaria incompleta, se não puséssemos em evidência o papel do magistério da igreja ao longo dos séculos, no que diz respeito a esta problemática. É dever da igreja defender, e dar voz aos sem voz, defender o mais débil ou desfavorecido.

¹⁵³ Cf. HAERING, Bernard, *Ética Médica*, Paoline, Roma, 1979⁵. Este autor aborda longamente o Pensamento Cristão sobre os valores fundamentais que estão no âmbito do aborto, direito à vida...proteção do direito à vida, aceitação justa e compreensiva da maternidade, ética do médico como defensor da vida (p.163).

Deste modo achamos relevante elencar cronologicamente alguns dados, no que diz respeito à emanção e promulgação dos vários documentos do magistério da igreja, cuja contribuição, foi riquíssima, na acérrima e intransigente defesa da vida humana.

Que fique claro, que neste, nem em nenhum dos capítulos temáticos abordados, tivemos a ténue presunção de ser exaustivos, antes tentamos ser genericamente abrangentes, para tentar dar uma *pintura global*, de *uma galeria* muito rica.

Em seguida infletimos, já em termos conclusivos, para os valores cristãos, como ajuda e suporte de vida. Lembremos que as duas premissas do nosso trabalho são, e foram: o valor sagrado da vida humana e a constatação da erosão deste, e doutros valores, na nossa sociedade.

Esta erosão, é visível e transversal a todas as manifestações dos adultos e dos adolescentes, na sua vida pessoal, social, escolar, profissional. As verdades absolutas e fixas são rejeitadas. É o pós-modernismo, no seu pior, pois agora toda “ a verdade é relativa e depende do contexto social em que as pessoas vivem.”¹⁵⁴

Não resistimos a repetir, que muitas vezes os jovens, e os adultos, do século XXI vivem de crenças, modas, tendências, mais do que valores intrínsecos. Mais. Nestas crenças flutuantes e incertas, encontram-se os cristãos, que já não estão ligados à igreja, e *muitos jovens e adolescentes*, a não ser através dos ritos de passagem. Ritos esses, que podem perdurar, tanto mais quanto a unidade ritual é compatível com a diversidade das vivências individuais. É novamente, *o fato à medida*.

É neste contexto, que o professor de *EMRC* se situa. É neste desafio, que o docente, deve superar-se para ser um marco sólido, na formação e assimilação dos valores aos adolescentes.

Portador dos valores fundamentais do cristianismo, *humanista*, o docente através da sua experiência, e sobretudo testemunho, poderá ser, a *alavanca viva*, e uma mais-valia sólida para os nossos jovens alunos. Adolescentes ávidos e sedentos de valores e *balizas* orientadoras, mas que *bebem* e assimilam o mediático, o consumo, o belo, o efémero e o fácil.

É a chamada homogeneização dos valores e produtos transmitida especialmente pela televisão. Este e outros áudio visuais, estimulam os nossos instintos, como a sexualidade, a ganância, a gula, a inveja e a ira. Por outras palavras: rompe com a tradição e instaura o

¹⁵⁴ Cf. CHAMPION, Françoise, *Religiosidade flutuante, ecletismo e sincretismo* in DELUMEAU, Jean, *As grandes religiões do mundo*, Editorial Presença, Lisboa, 1999, p.712.

imediate e por isso, constatamos que as grandes religiões perdem adeptos. E porquê? Porque a fronteiras do sagrado, neste *pós-modernismo* desfizeram-se.¹⁵⁵

Daí, que esta reflexão, inserida num período algo *sabático*: deu-nos a oportunidade de ver com mais profundidade este fenómeno, e de nos recentrar, consciencializar, que a vida aos 56 anos tem, e fica, com mais sentido, se continuarmos generosamente, e até *graciosamente*, a partilhar as nossas experiências, riquezas e limitações, bem como, mais-valias profissionais, intelectuais e sociais em prol do nosso próximo. Que talvez não pôde, ou não soube tirar partido, experienciar ou adquirir novas competências, objetivos, metas, ou anseios, sejam de que níveis forem. Se já estávamos atentos e alertados para esta necessidade e obrigação, e exigência cristã, mais conscientes ficamos com esta reflexão.

Debrucemo-nos agora sobre a nossa lecionação concreta e a vertente didático-pedagógica da mesma. Tentando extrair, e quase *picto grafar* e ilustrar os benefícios e as aprendizagens tanto da turma, como de nós próprios, Mas tentando detetar insuficiências e fragilidades, para numa atitude de contínua superação, procurar fazer sempre, mais e melhor. No fundo tentar a nossa superação, motivação contínua, paradigma de vida, que sempre nos tem orientado ao longo do nosso satisfatório, gratificante e multifacetado percurso de vida, Assim Deus nos proteja...para sempre novos e ambiciosos desideratos.

¹⁵⁵ MARDONES, José, op. cit. p.32.

CAPÍTULO III - DIDÁTICA E PEDAGOGIA: ITINERÁRIO EM AVALIAÇÃO

1- Caracterização e tipologia da turma 4 do 9º ano

A turma é constituída por alunos provenientes na sua maioria de um meio sociocultural baixo e com poucas expectativas em relação à escola. Embora tendo feito um esforço gradativo, ao longo das nove sessões, por nós lecionadas, da primeira e segunda unidade letiva, na aquisição de novas competências, bem como no interesse demonstrado pela temática.

Resultou da junção de duas turmas do 8º ano D + G, portanto é uma turma nova e com características específicas, pois foi agrupada apenas, com o seguinte critério: todos optaram por ter a disciplina de espanhol.

Estes alunos, não gostam de escrever muito, e nem de tratar assuntos com algum grau de dificuldade, por isso recorremos às novas tecnologias, numa tentativa de tornar mais apelativos os respetivos conteúdos. Daí, o nosso investimento no *power point*, e até num micro filme, neste caso para duas aulas da segunda unidade: Deus, o grande mistério.

Apesar de à partida de referenciados, como tendo, nem sempre, uma favorável postura ao desenvolvimento do processo ensino aprendizagem, constatamos com satisfação, que à exceção de parte de uma aula da segunda unidade, conseguimos *reter*, motivar e exponenciar a sua atenção, a sua interatividade e o seu interesse pelas temáticas expostas, em diálogo aberto.

De novo, apesar de aulas, por vezes eventualmente *musculadas* e densas, na variedade e profundidade dos conteúdos, houve empatia, professor-aluno e aluno-professor. Sendo a confirmação disso mesmo, os seus trabalhos individuais, ou grupo de dois, bem como a avaliação que fizeram ao docente, segundo padrões e parâmetros educacionais e profissionais para o efeito.¹⁵⁶

A turma de 25, ficou constituída por 24 alunos, sendo 12 do sexo feminino e 12 do sexo masculino. A faixa etária global, situa-se *grosso modo*, nos 14/15 anos, à exceção de uma aluna com 17 anos, com necessidade educativas especiais (N.E.E), devido a ser portadora de “Trissomia XXI”, ou “Síndrome de Down”.

¹⁵⁶ Cf. Anexo nº 1.

Para este caso, fomos devidamente alertados e a proceder em conformidade com procedimentos tidos pela escola em anos anteriores, tendo esta aluna um, *Plano Educativo Individual (PEI)*.

Não se registam, outros fatores de saúde relevantes para serem assinalados ou diagnosticados como graves. Mas existem casos individuais, de asma, bronquite, problemas respiratórios, sintomas alérgicos, renais e auditivos devidamente identificados.

Os progenitores apresentam em média, um baixo nível escolar e profissional, pois apenas estão identificados três mães e três pais com profissões relevantes, isto é: pressupõem cursos universitários.

As suas famílias são na sua esmagadora maioria nucleares, com um, ou muito, dois filhos, vivendo com ambos os progenitores à exceção de três deles. Outro facto notório, é que quase todos necessitam de algum tipo de ajuda extra curricular, com acompanhamento diverso, sendo relevante, expressivo e generalizado as dificuldades na disciplina de matemática. O que vem corroborar a nossa constatação *in loco*, do nível médio intelectual e cognitivo da turma. Por via desse facto, notamos esporadicamente, alguma dificuldade de atenção e concentração, deste ou daquele aluno.

Adicionalmente, diremos que esta turma, terá que ser vista e enquadrada numa escola “*TAPE*”, por ser considerado um território educativo de intervenção prioritária, com extratos sociais baixos, flutuação do número de alunos devido a fenómenos de índole migratório sobretudo Africanos, do Brasil, dos países de Leste e China, bem como de algumas etnias: elevado número de filhos oriundos de famílias de raça cigana. Situa-se numa zona urbana, com características *urbanas* muito diferenciadas. Damos como exemplo, os bairros sociais das *Andorinhas* e das *Enguardas*, que fazem parte da área educativa da escola.

Apesar de tudo, não houve nunca qualquer falha de indisciplina ou de relacionamento na turma. Antes pelo contrário. Mostraram-se sempre solícitos, interativos e interessados e propensos, quase sempre em melhorar os seus conhecimentos.

Na generalidade, foi uma turma, que cresceu na sua aprendizagem e assimilação de valores, ético-morais e religiosos, e em simultâneo deu-nos a oportunidade de crescer, adaptar e evoluir, num contexto assaz diferente do nosso âmbito letivo-formativo-profissional. Talvez possamos dizer, com alguma imodéstia à mistura, que os alunos, *cresceram*, e evoluíram connosco, mas como pessoa e docente, nós aprendemos muito mais. Nunca é demasiado tarde, para aprender, sempre, e sempre mais.

2- Apresentação do plano e da unidade letiva do 9º ano

Já afirmamos no nosso trabalho, que a estruturação *da primeira unidade do nono ano* está excelentemente concebida e conseguida. Começar o ano letivo com esta temática, é propor a estes alunos numa faixa etária crítica o valor fundamental: a dignidade da vida humana. É propor, e tentar *fazer entender*, que este é o valor dos valores. O valor primordial, a partir dos quais todos os outros derivam e encontram justificação.¹⁵⁷

Numa perspetiva judaico-cristã e islâmica, Deus é a origem da vida. Esta é entendida como dádiva e como tal, deveremos não só cuidar adequadamente da mesma, como mostrar gratidão por este dom que nos foi concedido de forma completamente gratuita.

Só que na vida real os atentados contra este valor são inúmeros e sucessivos. Por isso a unidade letiva explora as etapas gestativas, o aborto, os idosos, preocupando-se sobre a extrema necessidade e dever na defesa intrínseca da vida e dignidade da vida humana seja em que fase for.

A ênfase no aborto e a defesa / argumentação dos prós e contras poderá parecer excessiva à primeira vista, mas de facto no terreno comprovamos que não. É que esta faixa etária está ávida e sedenta de informação correta e adequada sobre este assunto, que os toca bem de perto. Aliás podemos sentir e comprovar, que foi a temática mais interativa e participativa que tivemos, e adicionalmente a melhor conseguida por nós. Esta necessidade e desejo de maior informação, estão bem patentes nos inquéritos que efetuamos sobre as praticas letivas desejadas num universo de 100 inquiridos frequentando o nono ano, na escola Francisco Saches.

A segunda unidade letiva “ Deus, o grande mistério ” está perfeitamente enquadrada, pois é pertinente depois de refletir, sobre a dignidade da vida humana como valor primordial, introduzir a questão, e a abordagem de Deus.

Ao definir o ser humano, como profundamente religioso procurando o transcendente, a divindade e o sagrado, procura dar uma visão global dos diferentes posicionamentos perante este fenómeno. Assim os alunos poderão melhor compreender a amplitude do problema, pois nem todos enriquecem e complementam a sua visão do fenómeno religioso com a fé esclarecida. Assim achamos muito pertinente a abordagem do ateísmo, do agnosticismo em simultâneo com a adesão confiante.

¹⁵⁷ Cf. COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, op. cit. p. 8-45. Seguimos nesta exposição a proposta de conteúdos do nosso manual: *Horizontes de Esperança*.

Para sermos cristão convictos, deveremos ser também cristãos esclarecidos e cultos. Nesta perspectiva deveremos ter conhecimentos e informação histórica e religiosa sobre outras concepções do fenómeno religioso que estiveram direta ou pelo menos indiretamente ligados à nossa visão judaico-cristã. Assim a abordagem da religião na civilização egípcia antiga, grega e romana faz todo o sentido.

São uma espécie de introito ao Deus apresentado na Bíblia. No antigo testamento com a noção do monoteísmo, da presença pessoal, presente e atuante. É a passagem do *Deus Nacional* para o *Deus Universal* que culminará com o *Jesus Cristo Salvador Universal*. É já o *Deus Bom* que se torna presente no amor e na salvação oferecida a todo o ser humano. É o amor total, global e infinito, sem discriminação, seja de que tipo for. É numa palavra o Deus protetor e amigo, que se encontra subjacente ao *Bom Pastor*, que cuida, dá segurança e é o refúgio e abrigo seguro *das suas ovelhas*. Jesus é assim o já *Deus-connosco*, o *Bom Pastor*, o rosto visível, do Deus invisível.

Pelo seu gesto, pelo seu testemunho deve impelir-nos à solidariedade e fraternidade, pois assim estaremos abertos e atentos aos outros, isto é, abertos ao mundo e a Deus: a chamada relação horizontal e vertical. Aí a história do passado e o presente mostra-nos muitos exemplos desta dedicação e abnegação do amor a Deus e ao próximo. O programa mostra-nos alguns dos muitos exemplos.

A terceira unidade letiva trata das religiões orientais. É não só uma necessidade cultural, mas também uma exigência de uma visão e fé esclarecida. Para melhor conhecer a nossa religião, devemos conhecer minimamente aqueles, que milhões e milhões de crentes, seguem. Assim seremos cristãos e pessoas mais esclarecidas, e eventualmente mais clarividentes nas nossas posições e convicções.

Todas elas, religiões, têm particularidades e ensinamentos, que promovem a sabedoria e a santidade da vida. Todas elas oferecem recursos éticos para que todos possam viver em harmonia com a própria consciência, com os outros, com a natureza e com Deus. Assim deveremos estar abertos e procurar entender a religiosidade oriental, nomeadamente: o hinduísmo, o budismo, o tauismo, o confucionismo, o judaísmo bem com o Islão. Devemos ser, e possuir uma mente aberta e compreensiva de outras visões do mundo, bem como do fenómeno religioso.

Não perdendo a nossa identidade deveremos estar sempre abertos ao diálogo entre as religiões. Este diálogo é essencial para a criação de um mundo mais fraterno, evitando assim, os radicalismos e o conflito. Neste capítulo João Paulo II prosseguiu o diálogo com as religiões não cristãs.

Finalmente a unidade letiva quatro: projeto de vida. É uma temática assaz pertinente para adolescentes de catorze e quinze anos, tanto do ponto de vista curricular, como do ponto de vista emocional e vivencial.

Nesta faixa etária, *os nossos adolescentes*, são chamados a fazerem escolhas perspetivadas para um futuro profissional. Portanto este tema é deveras adequado. Por outro lado o seu projeto de vida, a sua vocação, a sua felicidade começa a entroncar em estados de vida, opções pessoais, valores e relações interpessoais mais profundas. Este projeto de vida, seja qual for, visa a felicidade do próprio. Para tal, necessita de ser esclarecido através da descoberta pessoal dos seus próprios talentos, qualidades e aptidões para os mobilizar, otimizar, para melhor poder construir quotidianamente a sua vida. Assim duas ideias mestras nesta unidade são: a descoberta da vocação e a felicidade como projeto.

O mundo atual é caracterizado por transformações rápidas e radicais. Os jovens vivem nesse mundo aparentemente contraditório. Por um lado, a ciência e tecnologia que eles tanto apreciam, e melhoram as condições de vida. Contudo, por outro lado, os conflitos e os dramas sociais são por demais evidentes. Como tal os adolescentes apreendem e vivenciam esta instabilidade evidente a vários níveis. Eles próprios, são e serão, em parte, vítimas desta situação.

Para tal, é necessário fortalecer a sua capacidade e aspiração de liberdade e autonomia, numa atmosfera de responsabilidade e de procura criativa. Porém, nem todos terão a mesma capacidade e sucesso. Por isso torna-se importante ajudar os adolescentes a crescer para melhor escolherem e tomarem as melhores opções pessoais. São chamados *vocare* a assumirem estados de vida, *vocação*, e orientações de vida, *profissão*.

Neste sentido, vocação é o modo concreto como damos sentido à nossa própria vidas. Isto é, a maneira como nós respondemos às nossas aspirações profundas, aos nossos sonhos de felicidade. Esta tem sempre uma orientação futura que se realiza no presente. É algo livre como decisão e resposta, bem como cheia de objetivos e ideais.

A vida, sem eles é vazia e absurda. Como tal, necessita de reflexão e lucidez, pois caso contrário poderemos pagar bem caro a falta de persistência e serenidade. Este projeto em construção é um caminho repleto de decisões pessoais, com maior ou menor coerência. Se o adolescente tiver um ideal bem definido, as suas decisões, são mais óbvias e esclarecidas, pois terá sempre de escolher entre várias opções, diferentes valores e situações. Quando o projeto é bem definido e sustentado, o crescimento será linear e gradual na persecução de uma felicidade, que se constrói em cada momento. A tomada das decisões

corretas e autênticas, estruturarão a nossa personalidade, e ajudarão a distinguir o essencial do acessório, do ser e do parecer.

Se formos felizes, poderemos partilhar a nossa felicidade, construindo assim uma sociedade mais justa e solidária, onde todos possam ser felizes. Como tal, assumimos valores éticos fundamentais no nosso dia-a-dia e no nosso *modus vivendi*. Somos numa palavra cidadãos responsáveis, solidários e atentos aos outros.

Transformamo-nos num agente ativo e participativo da comunidade onde estamos inseridos. Somos parte da solução e não parte do problema. Para tal necessitamos de qualidades, que tornam a pessoa criativa, que estão bem elencadas no manual.

A decisão nem sempre é fácil, como o não foi para Abraão. Mas necessitamos de persistência e acreditar no nosso projeto, tentando sempre superar-nos cada dia que passa. Deus existindo, a nossa vida, como em Abraão, teremos sempre esperança, superando obstáculos, tendo em vista um projeto de vida plena, para nós e para o mundo.

Foi verdade para Abraão como para Paulo, que sofreu na carne obstáculos de toda a ordem, mas que lhe permitiu ser um exemplo de fé e tenacidade.

Concluiremos que a experiência religiosa dá um significado definitivo à vida, e consistência à esperança. Torna-nos mais abertos à vida e ao serviço dos outros. Elimina o desejo egocêntrico tornando-a em doação gratuita.

Esta temática embora extensa e variada nos conteúdos é imprescindível nesta fase etária, em que a tentação do facilitismo atraente induz os adolescentes a uma preguiça mental, intelectual e religiosa que terá sequelas graves na vida adulta. Na nossa humilde opinião este manual está muito bem conseguido, elaborado e estruturado dando imensas possibilidades de reflexão pessoal e aprofundamento temático.

3- Planificação da unidade letiva: grelha de planificação, descrição, recursos e autoavaliação

Optamos por simplificar o sistema descritivo, subdividindo apenas os subcapítulos por cada aula como um todo único, analisando sequencialmente em primeiro lugar a grelha de planificação, apresentando em seguida a descrição em texto, os recursos e a nossa autoavaliação. É uma opção de índole sequencial, pragmática e logística.

Em primeiro lugar iremos elencar e justificar as competências específicas na unidade letiva do nono ano: A dignidade da vida humana.

Na generalidade das cinco aulas lecionadas, eis as competências específicas, que escolhemos e decidimos privilegiar. Estas em nossa opinião espelham na perfeição a

necessidade de competências, que os alunos deverão ser capazes de operacionalizar nos seus vários contextos de comportamentos e decisões, tanto na sua vida presente, como futura.

1ª Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da vida humana (nr.1).

2ª Interpretar criticamente episódios históricos e fatos sociais, a partir de uma leitura fundada em valores humanistas e cristãos (nr.6.)

3ª Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã (nr.9).

4ª Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas da vida quotidiana (nr.24).

5ª Mobilizar princípios éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano (nr.10).

6ª Propor soluções fundamentadas para situações de conflito de valores morais a partir de um quadro de interpretação ético humanista cristã (nr.11).

7ª Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes (nr.23).

As razões para a nossa escolha, prendem-se sobretudo com a temática da unidade. Esta aborda o valor absoluto da vida humana. Um valor intrínseco. Como tal é necessário que os alunos possam reconhecer, ler e interpretar este valor à luz da mensagem cristã (*competência específica nr.1*).

Como esta unidade letiva aborda questões essenciais da vida humana, em que todos nós somos chamados a decidir e a atuar, segundo os valores do Evangelho, da mensagem e testemunho vivo de Jesus Cristo e dos ensinamentos da igreja, torna-se assim necessário, alunos, e nós próprios termos princípio claros, de interpretação e valores claros, que norteiem a nossa vida, a qualquer momento.

Nem sempre é fácil, pois a vida e a sociedade moderna colocam cada um de nós perante uma panóplia de visões, tão atraentes como expressivas de um relativismo por vezes pouco sadio, mas sim, perigosamente doentio. Torna-se portanto importante salientar na sala de aula a pertinência vital deste valor. Sobretudo nesta faixa etária (*dos 14-15 anos*) em que os nossos alunos ainda estão em crescimento psicossomático. São alunos ainda numa fase de sedimentação *estruturação* / compreensão dos valores ético / morais. Como a sua personalidade está a ser estruturada referencialmente, estes necessitam de guias, bitolas, balizas e testemunhos vivos desses mesmos valores.

Estes, e todos, alunos do nono ano são extremamente vulneráveis às atraentes e frequentemente sectárias visões de valores, como a vida e a sua inviolabilidade como valor intrínseco e sagrado. Torna-se assim necessário, estes alunos possuírem informação abrangente, profunda e consolidada, para compreenderem as situações e decisões concretas, para assim conscientemente decidirem corretamente e em conformidade.

Assim, a *competência número seis* é relevante e importante para estes alunos saberem interpretar criticamente os episódios e fatos históricos, tendo como pano de fundo uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.

Lembremos, que a nossa sociedade está mediaticamente influenciada no dia-a-dia por casos e situações limite, muitas vezes lidos e interpretados segundo visões instrumentalistas e secularistas relativizando valores em função de uma supremacia por vezes exagerada e doentia do eu. O eu, passou muitas vezes a referencial e a prevalecer nas decisões pessoais. É uma visão instrumentalizada e hedonística dos valores éticos e morais. Sendo assim torna-se necessário que os alunos possam e sejam capazes de criticamente organizar o seu universo coerente de valores. Mas, sempre a partir de um quadro referencial de interpretação ético humanista e cristã (*competência número nove*).

Se forem capazes de sistematizar criticamente esse universo de valores serão *a fortiori*, capazes de reconhecer as implicações da mensagem bíblica, nas práticas da vida quotidiana (*competência número vinte e quatro*). Foi o caso, da nossa quinta, e última aula em que procuramos interpretar a parábola do bom samaritano no contexto real e histórico, para depois a transpormos para o dia-a-dia de cada um de nós, e dos alunos da turma, em particular.

A proposta da competência específica (*número dez*) é relevante e apropriada, pois no contexto desta unidade letiva da dignidade humana e das diferentes situações de atentados à vida humana levadas a cabo, no aborto, idoso, no preconceito, no racismo, nazismo é imprescindível ter referências claras. Isto é, torna-se necessário mobilizar princípios e valores éticos, para a orientação e motivação do comportamento, em que somos chamados a decidir no nosso quotidiano. Nesta faixa etária, é importante a sedimentação, deste quadro referencial.

Claro que todos nós adultos ao longo da nossa vida, somos e sentimo-nos por vezes confrontados com situações de conflito de valores morais. Então, é fundamental que a disciplina de *EMRC*, proponha soluções fundamentadas e sustentadas para estas mesmas situações de conflito. Se possuímos e / ou conseguirmos explicar e incutir esse quadro de interpretação ético, humanista e cristã, os adolescentes, e futuros adultos, terão melhor

armas para poderem decidir maduramente e em conformidade com a mensagem cristã (*competência número onze*).

Finalmente, e tendo em atenção, que dedicamos uma sessão para a parábola do bom samaritano, achamos que se torna vital para os alunos, saberem interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes. Se souberem ler adequadamente este e outros textos bíblicos poderão criticamente interpretar acontecimentos ou decisões do seu dia-a-dia (*competência número vinte e três*).

Em segundo lugar, passaremos a descrever algo pictoricamente as nossas cinco sessões.

3.1- Primeira aula: introdução sobre a dignidade da vida humana

Apresentamos em seguida, o Sumário, a *Planificação de aula – Grelha*, bem como as competências específicas que iremos usar na explanação da nossa aula introdutória desta unidade letiva.

Sumário:

Introdução à unidade letiva dando os conceitos teóricos básicos, visando a compreensão mais aprofundada da visão cristã sobre a vida e a dignidade da vida humana.

Competências específicas:

- Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da vida humana em todas as suas vertentes.
- Interpretar criticamente episódios históricos e fatos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.
- Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.
- Propor soluções fundamentadas para situações de conflito de valores morais a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã,
- Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Atividade/ Estratégias	Material	Min	Avaliação formativa
Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da vida humana: como cristão e como ser humano	A vida como dom de Deus	Acolhimento	Vídeo projetor		Interesse pela temática apresentada
	Valor absoluto da vida humana	Introdução ao tema	Computador	10	
		Singularidade do ser humano	Apresentação dos dois casos reais/atuais	Power point	10
	Consciência da sua dignidade.		Visão genérica sobre o início da vida humana	Manual (p.8-17)	15
		Discussão de imagens e do texto multimédia	Texto para discussão	10	
		Interação com os alunos sobre situações reais	Quadro		
		Síntese	Marcador		
	Conclusão				
Sumário					

Interdisciplinaridade:

Ciências Naturais, História: II Guerra Mundial referenciando os múltiplos Atropelos e barbaridades contra a vida e contra dignidade humana.

Documentos atuais da União Europeia e esforços para com as minorias étnicas.

Planificação descritiva de aula

Passemos agora a uma breve descrição da aula e como tencionamos operacionalizá-la. Começaremos a unidade letiva, por dar os conceitos teóricos básicos, visando a compreensão mais aprofundada da visão cristã sobre a vida e a dignidade da vida humana. Como nota introdutória, o nosso trabalho tem claramente quatro partes bem distintas que iremos desenvolver depois de uma fase de acolhimento e introdutória do tema: A Dignidade da vida humana. Assim na primeira parte: O ser humano é por natureza singular no que diz respeito à sua inteligência superior, e quanto à sua interação social. Vai muito para além do mero instinto característico do mundo animal. É um ser que se distingue pela sua consciência da sua própria dignidade. A sua consciência de ser histórico permite-lhe perceber o seu papel, percebendo e interpretando a história e os factos históricos. Sendo singular a sua

dignidade deve ser preservada a todo o custo. Torna-se por isso o, *um*, valor absoluto. Por outras palavras: a vida humana é um valor absoluto. Está acima de todos os outros valores, sejam eles quais forem. Todos eles dependem da esfera deste.

Claro que para uma visão judeo-cristã, a vida tem origem em *Deus Criador* de todas as coisas. Deste modo a vida torna-se um dom precioso de Deus. Como dom, devemos defendê-lo até à exaustão.

A preocupação nesta introdução temática será portanto mostrar e explicitar aos alunos que a defesa da dignidade da vida humana implica defender a vida em todas as fases gestativas e gradativas. Desde a fecundação até ao *ultimo suspiro*, pois todas elas são dotadas de gratuidade e da mesma dignidade e valor.

João Paulo II, foi não só o defensor da vida e da dignidade humana, como revelou o seu amor por toda a humanidade. Isso ficou bem patente nas suas inúmeras viagens e escritos, dando um exemplo profundo de dedicação, sofrimento e abnegação até ao último segundo no exercício do seu ministério. Nenhum ser humano, por mais insensível que fosse, ou religião que professasse, ou não, ficou indiferente. Tal testemunho ficou na retina de todos nós *ad aeternum*.

Aqui, o santo padre, foi um exemplo vivo de amor à vida, deitando por terra qualquer tentativa de relativismo moral ou situacional, que tanto em voga está nos tempos modernos. Hoje em dia tudo se justifica, tudo vale, e a crise de valores é por mais evidente, sendo transversal a todas as faixas etárias da sociedade e a todos os níveis das relações humanas e vivenciais.

Será portanto o nosso objetivo primordial mostrar aos alunos da turma do 9º 4, o valor da vida e exortá-los a compreender e a valorizar a vida humana nas suas diferentes fases existenciais de cada ser humano.

Para ilustrar concretamente o valor da dignidade da vida humana, distribuámos duas fotocópias a cada aluno para leitura e discussão. Passamos sucintamente a explicitar.¹⁵⁸

No primeiro caso foi apresentado um caso real da minha vida pessoal. *Quando ainda tinha pouco tempo de vida a minha mãe descobriu que estava cego. Andando várias horas a pé de noite, comigo nos braços, procurou um médico que foi perentório: nada havia fazer. Mas lá foi dizendo o ditado, enquanto há vida há esperança. Contudo prepare-se para que o seu filho não consiga sobreviver, se acontecer será deficiente grave ou profundo, jamais poderá ler, escrever...na melhor das hipóteses.*

¹⁵⁸ Cf. Anexo nº 2.

A receita foi uma injeção, que custou na altura, em 1956, mil escudos. Uma fortuna para uma família pobre. No dia seguinte, voltando ao consultório essa mesma mãe, tinha ainda o filho vivo e recuperando a visão. Na sua fé, e de certa forma influenciada pelo médico, que lhe tinha dito: *agarre-se a Nossa Senhora* ela prometeu dar todo o seu parco ouro bem como ir a Fátima a pé, e a pão e água. O facto é que, em resumo, aos cinco anos por precaução mandou o seu filho tentar juntar as letras com os adultos, e para surpresa de todos, possuía uma facilidade incrível na aprendizagem.

Conclusão: uma mãe acreditou e lutou pelo valor da vida, *do seu filho*, e na dignidade, fazendo tudo o que estava ao seu alcance, para que ele fosse *normal* e lutando pela sua qualidade de vida. No segundo relato, é um caso passado na região do novo estado do Sudão do Sul de maioria católica. Em síntese o bispo missionário italiano *D. Cesar Mazzolari*, que faleceu em 2011.06.16 durante a eucaristia na Catedral da Sagrada Família em Rumbek, nos anos 90, ele resgatou pessoalmente muitos, *ex-escravos*. Pagava do seu próprio bolso 50 dólares pelas mulheres e 100 pelos homens, para os resgatar de famílias ricas da maioria muçulmana do atual Sudão do Norte. É de novo um caso concreto de defesa extrema da dignidade e do valor da vida humana. Aliás fotocopiámos também, para posterior leitura dos alunos, uma notícia do *Jornal de Notícias de 2011.10.16*, relatando o genocídio de 25 cristãos no Egito.

Os alunos poderão assim ser sensibilizados, por casos dramáticos e palpáveis.

A partir destas situações, partimos para uma explicitação visual, científico - técnica das várias fases gestativas. Todos os detalhes estão elencados por semanas, sendo nossa preocupação alterar as imagens para *sombreadas* para evitar sensibilidades, *ver parte 3 do power point*.¹⁵⁹

A nossa preocupação foi vincar e explicitar a visão cristã da defesa intransigente da vida humana no período intrauterino. O tempo aqui será escasso para grandes desenvolvimentos e para o interesse manifestado, bem como para as perguntas suscitadas, *este já será um comentário, a posteriori*.

Finalmente as conclusões: *finais parte n° 4*.¹⁶⁰

Decorre do nosso discurso expositivo, que a vida humana é um valor primordial, sendo ponto de partida para todos os outros valores. É notório que bem cedo a sociedade elaborou códigos de conduta para a sua defesa. Nomeadamente o juramento de *Hipócrates* em pleno século V a.C., na Grécia.

¹⁵⁹ Cf. Anexo n° 3 na parte 3.

¹⁶⁰ Cf. Anexo n° 3 na parte 4.

Ainda hoje válido na cerimónia e no juramento das práticas deontológicas dos nossos médicos.

Mais modernamente a Declaração de Genebra em 1948 refinou a deontologia da prática da medicina. Salientaremos ainda a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* após a segunda guerra mundial. Contexto de conflito global, que como sabemos provocou atrocidades de toda a ordem, bem como milhões de mortos.

No contexto português devemos salientar *o artigo 1º da Constituição da República Portuguesa*, apresentando a vida humana como inviolável. Já no *artigo 24º* proíbe a pena de morte.

No contexto Europeu salientamos a *Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, e em Nice 2000.12.07* é consagrado o direito à vida, como valor inviolável que deve ser protegido. Acabando por ter força jurídica no *Tratado de Lisboa em Dezembro de 2007*.

Finalmente apresentado o sumário, é formulada uma proposta de trabalho a ser entregue no final da lecionação desta unidade. Assim a turma poderá escolher entre:

1- Apresentar por escrito e relatar um caso / situação do conhecimento ou experienciado pelo aluno.

2- Um pequeno trabalho sobre: A dignidade da vida humana na modalidade de grupos de dois ou individual, sendo o formato à escolha e criatividade dos alunos, *novas tecnologias*.

AUTO AVALIAÇÃO

Passemos agora a analisar a nossa prestação, apresentando os aspetos mais bem conseguidos, bem como os menos conseguidos ou fragilidades na lecionação.

Aspetos positivos:

Em termos gerais a aula atingiu os objetivos propostos, notando-se por parte dos alunos um elevado interesse pela temática: “A dignidade da vida humana”.

Para corroborar isso mesmo, foi notório o silêncio na quase totalidade da sessão e o acompanhamento interessado das e nas várias fases do esquema, delineado para estes primeiros 45 minutos.

Foi notória a preocupação em salientar e evidenciar sintética e nitidamente as quatro fases da aula a citar:

1ª Fase – Apresentação e explicitação concetual da problemática temática.

2ª Fase – Apresentação de dois casos reais. Um pessoal e outro vivido no Sudão do Sul por *D. César Mazzorali* bispo missionário que nas suas missões lutou corajosamente pelos cristãos e pela sua dignidade da vida humana. Este caso foi subsidiado por um texto com duas páginas, entregue aos alunos para discussão e leitura pessoal *a posteriori*.

3ª Fase – Explicitação sumária das fases gestativas de uma nova vida.

4ª Fase – Conclusões Finais: sumariando os conteúdos e apresentando os vários documentos, defendendo este valor primordial até à atualidade (últimos tratados).

Este esforço esquemático foi captado e percecionado pelos alunos.

Finalmente foi proposto uma pequena reflexão / trabalho, escolhendo os alunos a modalidade: ou um relato escrito ou um trabalho multimédia sobre o tema da unidade letiva. Houve receptividade ao pedido.

Aspetos menos positivos ou menos conseguidos:

1º A avaria do vídeo projetor, que rapidamente, com a ajuda do técnico da escola foi solucionado. Contudo *fez desperdiçar* alguns, preciosos minutos, que iriam e deveriam ser aproveitados para *mais* diálogo, questões e interatividade.

2º Embora referindo como objetivo, que esta sessão introdutória seria mais expositiva, sendo as seguintes mais abertas à discussão e reflexão em conjunto, notou-se que alguns alunos no final, ficaram com questões ou perguntas em aberto. Neste sentido torna-se necessário e claro privilegiar este aspeto na próxima sessão.

3º A linguagem utilizada, aqui e ali sofisticada, foi explicitada por terminologia simples e acessível, ficando a dúvida pessoal se será a metodologia mais adequada para esta faixa etária e intelectual. Porém devemos estimular novas competências e o nivelamento deve ser “feito por cima e não por baixo”. Até porque havia toda a liberdade de questionar qualquer vocábulo não apreendido ou compreendido.

Conclusão

A satisfação pessoal foi evidente, havendo contudo ampla margem de progressão a vários níveis, que será adquirida com um melhor conhecimento dos alunos, das suas preocupações e interrogações sobre este tema tão primordial como nevrálgico.

3.2- Segunda aula: o aborto, tipos, causas e consequências

Passemos agora à planificação desta aula, apresentando a grelha, o sumário e as competências a trabalhar.

Sumário:

Continuação à unidade letiva dando os conceitos teóricos básicos, visando a compreensão mais aprofundada da visão cristã sobre a vida e a dignidade da vida humana. Apresentação da temática do aborto como atentado à vida humana: tipos, causas e consequências.

Competências específicas:

- Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da vida humana em todas as suas vertentes.
- Interpretar criticamente episódios históricos e fatos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.
- Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.
- Propor soluções fundamentadas para situações de conflito de valores morais a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã,
- Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Atividade/Estratégias	Material	Min	Avaliação formativa
Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da vida humana: como cristão e como ser humano.	A vida como dom de Deus	Acolhimento Recapitulação Chuva de ideias	Vídeo projetor	10	Interesse pela temática apresentada
Interpretar factos sociais relacionados com o aborto, a partir de um universo de valores humanista e cristão.	Valor absoluto da vida humana	Introdução ao tema: O ABORTO	Computador		
Questionar-se sobre o problema do aborto, reconhecendo a dignidade da vida humana e equacionando respostas fundamentadas de forma a organizar uma visão coerente do mundo.	O aborto / IVG	Exploração descritiva e esquemática usando o power point e imagens para melhor explicitar aos alunos:	Power point	10	Qualidade da Intervenção dos alunos
	Noção de aborto	Definição	Manual (p.18-25)		
	Tipologia	Tipos	Imagens para discussão	15	Proposta de uma pequena reflexão: escrita e / ou multimédia
	Argumentos a favor e contra o aborto	Consequências Legislação	Quadro	10	
	Conflito de valores em casos concretos	Argumentos a favor e contra: discussão de imagens e do texto multimédia			Verificação do andamento do mesmo
	Relação entre nível moral e jurídico	Interação com os alunos sobre situações reais			
	Perspetiva da Igreja, valores fundamentais em questão	Síntese			Data final:
		Conclusão			2011-11-18
		Sumário			

Interdisciplinaridade:

Ciências Naturais, História: II Guerra Mundial referenciando os múltiplos Atropelos e barbaridades contra a vida e contra dignidade humana.

Documentos atuais da União Europeia e esforços para com as minorias étnicas.

Planificação descritiva de aula

Tentaremos descrever a nossa segunda aula que versava sobre a temática do aborto, que prevíamos ser uma aula exigente mas do agrado da turma bem como muito interativa a julgar pelas primeiras reações e constatações que conseguimos compreender na primeira aula.

Atentados à vida e sua dignidade: o aborto.

Devido à falta de tempo e percalço técnico com o vídeo projetor, que nos custou uns preciosos minutos, para ser usado numa mais prolongada interação e discussão da problemática da aula nº 1, vamos privilegiar nesta sessão esta vertente pedagógica e didática. Isto porque a matéria, será tão interessante, quanto problemática, e eventualmente polêmica para alguns dos alunos. Deveremos estar devidamente precavidos.

Assim iremos recapitular rapidamente a sessão anterior, vincando de novo a *perspetiva judaico-cristã*: Deus como origem da vida, sendo esta, um dom de Deus e como tal, devemos ter para com Ele, uma dívida de gratidão. Isto é: devemos agradecer, cultivar e respeitar a plenitude da vida, sem início ou fim. Esta visão, e *exigência*, já foram expressas na bíblia nomeadamente no decálogo com a frase: *não matarás*.

Contudo, na nossa sociedade hodierna, os abusos são por demais evidentes sobretudo, no que se refere à discriminação e opressão dos mais fracos e indefesos. É que apesar, do desenvolvimento tecnológico e científico, são por demais evidentes os casos de flagrantes de pobreza, fome e doença em várias partes do globo. Contudo a sociedade está agora mais sensível, procurando legislar e impondo normas legais e jurídicas para a implementação na defesa dos mais *fracos*.

Aqui a igreja tem o dever de dar voz aos que não a têm. Contudo essa preocupação não é exclusiva dos cristãos. Não, outras religiões o fazem com outras *nuances* na ênfase e na sua formulação. Daremos só como exemplo o hinduísmo e a religião muçulmana defendendo o valor intrínseco da vida humana *não matar os primos, não matar os seres vivos, ser justo com todos e compassivo, em suma: não matar*.

Feita esta breve recapitulação, precedida pelo normal acolhimento e enquadramento da sessão, iremos mostrar como o aborto é um dos atentados à vida e à sua dignidade. Aqui iremos favorecer a interação com os alunos para criar o clima adequado para a abordagem de tão premente problema.

Nesta 2ª parte iremos introduzir o conceito de bem e do mal. Por outras palavras simples, no coração do homem habitam estes dois sentimentos. No fundo, amar sem medida tem um preço elevado e a história está cheia de atentados à vida.

A partir daqui, e com a ajuda dos alunos, iremos definir tecnicamente, o conceito de aborto, como podemos facilmente podemos verificar na parte nº 2 do *power point*.¹⁶¹

¹⁶¹ Cf. Anexo nº 4 na parte 2.

Em seguida, sempre em diálogo aberto, mas pedagogicamente controlado e guiado tipificaremos os vários tipos, e as respetivas causas, tendo sempre como pano de fundo a visão cristã e católica. Iremos demorar alguns minutos numa rápida exploração, explicitação dos vários tipos de aborto, clarificando aqui e ali alguns aspetos técnicos se necessário for *ver parte n° 3 do power point*.¹⁶²

Na parte n° 4 iremos sensibilizar os alunos, com *faixa etária média 14/15 anos* para as eventuais nefastas consequências. Aqui o diálogo irá ser privilegiado, aproveitando nós as questões e dúvidas para clarificar alguns pormenores mais técnicos, como se pode ver no *power point n° 4*.¹⁶³

Iremos fazer incidir a nossa reflexão expositiva, nas diferentes consequências negativas, quer psicológicas, quer fisiológicas.

Procurando sensibilizar os alunos para a compreensão e descoberta de tais situações. Isto implica adequar e calibrar a nossa abordagem, tendo em conta a especificidade desta fase da adolescência, ávida de informação, mas nem sempre preparada para fazer a clivagem e a crítica objetiva de todo o tipo dessa mesma informação.

É a fase das descobertas e não a fase da clarividência ou maturidade nas opções, valores ou opiniões. Nesta fase *a moda* na abordagem intelectual e comportamental é um *must*. Nisso nada há fazer...também um dia nós mesmos, já fomos adolescentes suscetíveis e propensos a certas *modernices*.

Na fase n° 5 iremos dar uma rápida “pincelada” pela legislação Portuguesa, para uma visão de conjunto e fazer compreender que esta preocupação na defesa da vida humana é transversal à sociedade civil, embora com outras *nuanças*, preocupações e visões, como é exposto no *power point n° 5*.¹⁶⁴ Uma legislação tende por natureza a ser global, abrangente e genérica, além de fortemente ideológica.

Iremos explorar na fase n° 6 os argumentos a favor, e contra o aborto, vincando sobretudo, que quase ninguém será hoje em dia a favor do aborto.¹⁶⁵ Será quanto muito, um mal a evitar para a maioria das pessoas. Passaremos então de seguida, em resenha algumas destas visões / abordagens.

De seguida daremos a visão daqueles que defendem o aborto, apresentando uma *radiografia* genérica dos respetivos argumentos para a integrar numa visão pró-vida. Aqui vai ser fomentada a interação e *confrontação positiva* com os alunos para eventuais

¹⁶² Cf. Anexo n° 4 na parte 3.

¹⁶³ Cf. Anexo n° 4 na parte 4.

¹⁶⁴ Cf. Anexo n° 4 na parte 5.

¹⁶⁵ Cf. Anexo n° 4 na parte 6.

esclarecimentos adicionais *power point n° 7*.¹⁶⁶ Uma síntese, é sempre resultado final da junção dos vários elementos de pesquisa, ou de várias abordagens com vista a um resultado final pretendido.

Na parte n° 8, aqui iremos explicar a visão da defesa da vida, algumas situações limite, bem como algumas alternativas para a defesa da vida e da dignidade do ser humano. A nossa preocupação, será mostrar que a nossa atitude, será sempre no sentido da defesa da vida e salvá-la em última instância: *teoria do mal menor*.

Claro que o esclarecimento passa por uma educação clarividente e adequada a todos, e aos adolescentes em particular, *desta faixa etária tão sui generis e com problemas tão variados como complexos*. Aqui será de prever um diálogo intenso, bem como perguntas mais ou menos divergentes, para as quais deveremos ser claros e concisos.

Antes de finalizar a aula, aligeirando por ventura algum debate, eventual críspação e discussão mais intensa, daremos algumas curiosidades sobre este vasto e polémico tema. Antes de apresentar o sumário, vamos lembrar a urgência em iniciar a preparação do pequeno trabalho pedido para o final da unidade letiva que se realizará em 2011.11.18. Assinalaremos que o tema será ainda explorado em parte na sessão seguinte: a nossa terceira aula.

Apesar de ser eventualmente interessante na próxima sessão organizar uma aula *tipo Prós e Contras*, que seria certamente deveras apelativo, achamos que seria arriscado *e talvez precipitado*, pois o nosso conhecimento da turma e da escola ainda não é profundo nem global, por isso iremos utilizar outra estratégia pedagógica e didática.

Temos perfeita noção que esta metodologia exigiria uma demorada e prévia preparação com os alunos e com a turma inteira. Nesta fase, com um conhecimento ainda embrionário que pessoalmente, temos da envolvência dos alunos, a logística para esta sessão exigiria, um perfeito entrosamento alunos / grupos ideológicos, e o papel de moderador do professor. Ora como estagiário seria eventualmente, não só pedir em demasia, como provocar alguns constrangimentos de vária ordem.

É a nossa opinião...como tal discutível, mas sempre numa atitude de contínua aprendizagem e enriquecimento.

¹⁶⁶ Cf. Anexo n° 4 na parte 7.

AUTO AVALIAÇÃO

Iremos em seguida, expressar os aspetos positivos e alguns aspetos menos conseguidos, numa aula que globalmente nos deixou muito satisfeitos com a nossa prestação e sobretudo com a turma.

Aspetos positivos:

Em termos gerais a aula atingiu largamente os objetivos propostos, sendo visível nos alunos e em toda a turma, um grande interesse no tema e na forma como foram explanados. Sintoma disso mesmo, foi o alargado leque de questões e visões postas pela turma a que procuramos responder sucintamente e com clareza.

Lembremos que este tema é vasto, complicado, polémico pelo que tentamos adaptar à faixa etária e intelectual.

Depois de uma breve recapitulação da sessão anterior e uma breve introdução, para um melhor enquadramento da temática propriamente dita, o aborto, entramos numa espécie de *brain storming* para alavancar a curiosidade participativa.

Depois de em conjunto se definir o conceito, tarefa bem conseguida sem dúvida, a interação foi a nota dominante na abordagem das consequências e nas diferentes tipologias abortivas.

Deixamos intencionalmente o campo aberto para a reflexão e partilha de opiniões, visões e até situações concretas. Foi sem dúvida positivo e uma aula bem conseguida deste ponto de vista.

Notou-se deveras um interesse e uma ânsia de alargar os horizontes desta complicada problemática, que como bem sabemos tem visões e avaliações não só díspares como até antagónicas.

Tentamos oralmente e expositivamente descrever quase *fotograficamente* casos concretos para uma melhor compreensão e interação dos alunos. Aliás estes sentiram-se bem à vontade a todos os níveis connosco, mostrando alguns até ânsia em mostrar o trabalho / avaliação previsto para 2011.11.21. Bom sintoma de interesse e participação que nos faz sentir comedido orgulhosos e satisfeitos com o nosso trabalho / dever.

Aspetos menos positivos ou menos conseguidos:

Deixamos fluir controladamente as questões e interrogações, pois notava-se avidez dos alunos pelo tema. Claro que isto resultou que 10% dos conteúdos não foram terminados. Torna-se assim necessário recomeçar na próxima sessão pelo ponto de chegada. Contudo achamos que foi por uma boa causa, para bem dos alunos, potenciando novas aprendizagens e aumentando a motivação por esta disciplina.

É, obvio que, perante o interesse manifestado, duas vezes tivemos que exercer o controlo sobre a sala para repor a cadência das questões formuladas, evitando assim o caos generalizado, que poderia ocorrer, pois vários alunos queriam colocar ou emitir as suas reações ou opiniões.

A linguagem foi adaptada havendo o cuidado de aqui ou ali explicitar previamente vocábulos ou noções mais complicadas.

Conclusão

Ficamos satisfeitos com o nosso esforço, bem como com a interação positiva de toda a turma. Os alunos absorveram certas noções e a sua abertura foi total. Pensamos estar no bom caminho para uma participação e bastante empatia entre professor versus turma – alunos.

Este esforço e este pequeno êxito impele-nos e transporta-nos a uma maior exigência pessoal a todos os níveis, pedagógico e didático.

3.3- Terceira aula: o aborto, argumentos a favor e contra

A Planificação de aula – Grelha, desta aula pretende explanar e explicitar como terminamos esta problemática do aborto, para depois fazermos a transposição para a abordagem de três novos conceitos: preconceito, racismo e nazismo. Estes irão ser abordados e debatidos na turma para uma maior clarificação e conscientização dos efeitos nefastos, que podem provocar nas relações humanas e sociais.

Sumário:

Argumentos a favor e contra o aborto. Os conceitos de preconceito, racismo e nazismo.

Competências específicas

-Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da vida humana em todas as suas vertentes

- Interpretar criticamente episódios históricos e fatos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.

- Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.

- Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.

- Propor soluções fundamentadas para situações de conflito de valores morais a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.

- Interpretar textos fundamentais da Bíblia, extraíndo significados adequados e relevantes.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Atividade/Estratégias	Material	Min	Avaliação formativa
Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da vida humana: como cristão e como ser humano	A vida como dom de Deus Valor absoluto da vida humana O aborto / IVG	Acolhimento Recapitulação Brain storming Continuação do tema: O ABORTO	Vídeo projetor Computador Power point	10	Interesse pela temática apresentada
Interpretar factos sociais relacionados com o aborto, a partir de um universo de valores humanistas	Noção de aborto Tipologia Argumentos a favor e contra o aborto	Definição Tipos Causas Consequências Legislação	Manual (p.18-26) Imagens para discussão	10 15	Qualidade da Intervenção dos alunos Proposta de uma pequena reflexão: escrita e / ou multimédia
Compreender as razões e os vários argumentos a favor e contra o aborto.	Conflito de valores em casos concretos Relação entre nível moral e jurídico	Argumentos a favor e contra: discussão de imagens e do texto multimédia Interação com os alunos sobre situações reais, nomeadamente nos preconceitos pessoais, situações de racismo e um relance pelo nazismo	Quadro Marcador	10	Verificação do andamento do mesmo
Saber interpretar os conceitos: Preconceito Racismo Nazismo	Perspetiva da Igreja, valores fundamentais em questão: Preconceito Racismo Nazismo	Síntese Conclusão Sumário			Data final: 2011-11-18

Interdisciplinaridade:

Ciências Naturais, História: II Guerra Mundial referenciando os múltiplos Atropelos e barbaridades contra a vida e contra dignidade humana. Documentos atuais da União Europeia e esforços para com as minorias étnicas.

Planificação descritiva de aula

Iremos de novo tentar planificar esta terceira aula no supremo interesse e benefício dos alunos, que se mostraram extremamente recetivos e interessados nesta temática. Assim tentaremos, por via disso mesmo, otimizar aprendizagens.

Atentados à vida e sua dignidade: o aborto.

Dado o amplo leque de perguntas dos alunos e pedidos de esclarecimentos não conseguimos apresentar a totalidade dos conteúdos como foram programados. Não ficamos arrependidos pois foi por uma boa causa e uma maior participação pró-ativa da turma do 9º ano turma 4.

Assim retomaremos a parte final da argumentação dos defensores do aborto, bem como a visão dos objetores do aborto, vulgarmente conhecido como movimento pró vida. Em seguida entraremos na sessão nº 3, propriamente dita.

Claro será escusado dizer depois de um acolhimento e enquadramento prévio num ambiente pró ativo e pedagogicamente dialogante. Fomentaremos aqui de novo um amplo debate em conjunto com a turma, refletindo sobre os argumentos a favor e contra o aborto.

Não será fácil à partida controlar completamente sempre o debate, pois prevemos uma reflexão / discussão acesa e alargada, com propensão para algum *confronto ideológico* e de intervenções simultâneas de vários alunos.

Teremos necessidade de alguma diplomacia, para tentar fomentar o diálogo e a reflexão, a mais ordeira, e pedagógica possível para evitar algum descontrolo temporário. Estamos pelo menos alertados para esta eventualidade caso ocorra.

Terá sido por isso, mas sobretudo por razões logísticas e de programação, que deixamos cair a intenção de lavar a cabo e organizar um debate reflexão em tudo semelhante ao programa televisivo *Prós e Contras*.

Sendo assim *desfiaremos* rapidamente e sucintamente os vários argumentos de cada lado da *barricada* ideológica, mas sobretudo pondo em relevo a nossa posição como cristãos católicos e pessoas de fé, acreditando nos valores em prol da defesa intrínseca da vida a todos os níveis, estados e fases da nossa vida terrena.

Em seguida na 2ª fase daremos rapidamente três importantes razões, para cada um de nós sermos e estarmos concretamente a favor da vida uterina, através de um esquema previamente delineado para favorecer uma melhor assimilação da problemática em questão: ver o n.º 2 do *power point*.¹⁶⁷

É uma visão que salienta algumas desejáveis práticas clínicas com vista à defesa intransigente da vida tentando, isso sem, minorar alguns problemas concretos resultando de situações limite e bem complicadas.

Continuaremos em seguida, a explorar a visão como proteger a vida humana recorrendo à visão defendida pela igreja católica, dos ensinamentos de Jesus Cristo e fazendo duas citações da bíblia que exemplificam a defesa tenaz e persistente da vida humana.

Neste sentido o Papa João Paulo II será como é óbvio, um exemplo de acérrimo defensor do valor da dignidade da vida humana. Foi simultaneamente defensor e exemplo vivo, disso mesmo.

Teresa de Calcutá, será também outro exemplo concreto de dedicação a crianças desprotegidas, abandonadas, desprovidas de tudo da vida e que foram acolhidas por si ou pela sua congregação.

Finalmente na parte quatro, cinco e seis tentaremos definir e ilustrar os conceitos de *preconceito, racismo e nazismo*. Aqui procuraremos recolher exemplos concretos dos alunos, para uma maior compreensão destas noções.

Esta interação e diálogo servirão para que os alunos assimilem estes valores e possam *avaliar* e avaliar a pertinência e validade na realidade e conjuntura atual destes conceitos. Diremos, que ainda hoje há graves atropelos, pelo que o tema, é tão candente, como atual.

É importante por isso alertar a turma, que ainda hoje os jovens mesmo na sua faixa etária possuem muitos preconceitos, são elitistas e até por vezes racistas.

¹⁶⁷ Cf. Anexo n.º 5 na parte 2.

Terminaremos assim esta problemática, para que na próxima sessão possamos abordar a problemática de como valorizar a vida, mesmo em circunstâncias nem sempre ideais. Aqui os nossos idosos, enfermos e situações limite serão abordados embora ao de leve. De novo iremos lembrar a necessidade de ir finalizando o trabalho / reflexão sugerido para a avaliação final da unidade letiva: A Dignidade da Vida Humana.

AUTO AVALIAÇÃO

Iremos agora constatar que estávamos corretos a não arriscar nesta aula uma estratégia semelhante a um: *prós e contras*, pois iria ser demasiado arriscado e eventualmente, os ganhos em interação e novas aprendizagens, não compensariam alguma descoordenação, anarquia e confusão na sala de aulas.

Aspetos positivos:

Esta sessão nº 3 atingiu genericamente os objetivos a que nos tínhamos proposto, já que os conteúdos foram explanados concisamente e pensamos que a mensagem, *foi passada* e assimilada.

Prova disso foi o evidente interesse e as muitas interrupções à exposição, o que corrobora a nossa opinião, no sentido que os alunos estavam bastante participativos e pró-ativos.

Dado o teor polémico desta temática e porque decidimos apresentar as duas visões opostas, a favor e contra o aborto, em quadro paralelo do *power point*, houve manifestações de diferentes e até divergentes opiniões.

Esta estratégia ajudou sem sombra de dúvida para melhor a esclarecer e justificar as duas visões em confronto.

Pedagogicamente, procuramos sempre recolher as várias sensibilidades, para numa síntese dar o nosso ponto de vista como crente e cristão.

Parece-nos que ficou bem claro aos alunos, esta visão, admitindo contudo que há sempre situações limite e bem difíceis de ajuizar e decidir, sobretudo em termos pessoais. Mas deixamos bem claro sempre a necessidade para a defesa da vida, isto é a preservação do valor intrínseco da vida e da dignidade humana.

A turma foi muito participativa na definição e abordagem dos três temas finais: preconceito, racismo e nazismo.

Ficamos agradados com este *feedback* por parte da turma em geral. Embora nos pareceu haver lacunas nos índices intelectuais e formação global abrangente, quer na abordagem, quer na defesa dos respetivos pontos de vista. É talvez uma questão linguística / cultural e de organização e precisão cognitiva / intelectual.

Aspetos menos positivos ou menos conseguidos:

Estávamos certos quando não arriscamos fazer uma sessão do género *prós e contra*. Faltava-nos o planeamento atempado e não iríamos atingir os objetivos pedagógico / didáticos para tal esforço e empenho.

A turma estava mais agitada, devido à *semana chuvosa*, pelo que se tornou necessário inverter tal situação, acalmando e sistematizando as intervenções. Temos que ter em atenção que estamos perante um faixa etária muito *sui generis*, e que necessita de se manter ligada a conteúdos na sua apresentação e exposição, apelativos.

Por isso tentamos sempre manter o diálogo aberto, mas tentando controlar estes três momentos usando, ora a pausa ou o timbre de voz para manter a turma ligada à temática. Isso foi conseguido embora possa ser melhorado.

Na próxima sessão será gizada e usada, se conveniente e necessária, outra estratégia para manter os alunos, *mais presos* embora mais livres na partilha e intercâmbio da nova problemática, dos idosos, doação de órgãos, casos de dedicação e altruísmo na preservação e defesa da vida humana. Aguardemos...

Conclusão

Continuamos satisfeitos com a prestação e interação positiva da turma em geral. Foi notória a abertura à temática e às diferentes abordagens e *nuances* sobre este problema que flagela a nossa sociedade hodierna.

Iremos manter o nível de exigência tanto pessoal, como para com a turma, tendo em vista uma aprendizagem e melhoria de competências por parte dos alunos. Tentaremos

manter os índices de empatia já criados entre aluno e professor tão essenciais nesta, e em todas as fases da adolescência.

3.4- Quarta aula: valorização da vida na nossa sociedade

Iremos agora iniciar uma nova temática. Começaremos como é habitual pela planificação de aula – grelha, de uma aula em que apresentaremos alguns aspetos positivos na sociedade moderna.

Diremos, que os alunos estiveram sobretudo mais interessados para a questão dos idosos, valor e respeito, ou muitas vezes ausência de respeito para com os mesmos. Em simultâneo, mostraram-se muito interessados e ativos na reflexão sobre a história de vida de *Gianna Beretta* em prol da sua filha *Gianna Emmanuela*. Esta médica sacrificou a sua vida para que a sua filha pudesse sobreviver. Acabando por ser santificada pelo papa João Paulo II, numa cerimónia em Roma com a presença do marido e dos filhos.

Sumário

Abordagem específica: Valorizar a vida. Aspetos positivos e negativos na nossa sociedade contemporânea. Casos concretos e Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa.

Competências específicas:

- Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da vida humana em todas as suas vertentes.
- Interpretar criticamente episódios históricos e fatos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.
- Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.
- Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas da vida quotidiana.
- Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.
- Propor soluções fundamentadas para situações de conflito de valores morais a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.

- Interpretar - textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Actividade/Estratégias	Material	Min	Avaliação formativa
Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da vida humana: como cristão e como ser humano	A vida como dom de Deus	Acolhimento	Vídeo projetor		Interesse pela temática apresentada
Saber interpretar diferentes fatos sociais concretos relacionados com a vida a partir de um universo de valores cristãos e humanistas	O valor absoluto da vida humana: como a valorizar	Recapitulação	Computador	10	Qualidade da Intervenção dos alunos
Compreender os valores e os vários casos positivos e negativos na nossa Sociedade à luz da Bíblia, dos textos do magistério da Igreja.	Os conflitos de valores: Na sociedade Nos idosos Na doença Na gravidez Na solidão No abandono Nos hospitais	Clarificações Ambiente dialogante e de Interatividade Brain storming	Power point		Proposta de uma pequena reflexão: escrita e / ou multimédia
Saber valorizar os idosos e as razões à luz do Evangelho	Ética dominante Cuidar da vida (até à morte)	Confronto pedagógico na Na análise e reflexão de casos concretos do seu Quotidiano.	Manual (p.35-39) (p. 45-46)	10	Verificação do andamento do mesmo
	A Nota Pastoral: Conferência Episcopal Portuguesa	Argumentos sobre como Valorizar a vida e o idoso	Imagens para discussão	15	Data final: 2011-11-18
	Casos: Testemunho de João Paulo II Testemunho de Gianna Beretta	Discussão de imagens e do texto multimédia	Relatos	10	
		Interação com os alunos sobre as situações reais, nomeadamente: -na sua família -nos hospitais -na sua zona (rua)	Experiências Vivas Contributo Pessoal Testemunho		
		Síntese	Quadro		
		Conclusão	Marcador		
		Sumário			

Interdisciplinaridade:

Ciências Naturais, História: II Guerra Mundial referenciando os múltiplos Atropelos e barbaridades contra a vida e contra dignidade humana.

Documentos atuais da União Europeia e esforços para com as minorias étnicas.

Planificação descritiva de aula

Iremos salientar aspetos positivos e aspetos negativos presentes na nossa sociedade no que se refere à valorização da vida em diferentes situações do nosso quotidiano.

Valorização da vida na sociedade contemporânea: o positivo e o negativo.

Depois de terminada a temática do aborto em que naturalmente a turma se mostrou, não só interessada como sobretudo participativa, vamos infletir a nossa reflexão com os alunos sobre outras variantes na valorização da vida até à morte.

Assim iremos interagir com os alunos, refletindo agora sobre a questão dos idosos. Questão essa bem atual, pois vivemos numa sociedade, por um lado mais consciente dos direitos dos cidadãos, mas contudo mais egoísta e altamente individualista.

A humanidade deve ter como objetivo a cooperação, vencendo deste modo a própria competição e ódio.

Se por um lado a ética dominante é o respeito pelas pessoas e os seus direitos, reconhecendo os valores universais e lutando contra qualquer tipo de discriminação, por outro os atropelos são cada vez mais gritantes e frequentes.

A bíblia exorta-nos a cuidar da vida até à morte. De facto a revelação bíblica mostra-nos a existência do homem como resultado da bondade Divina.

Sendo assim, como crentes, temos que mostrar gratidão e cuidar responsabilmente da vida humana.

Será este ponto de vista que tentaremos explicitar aos alunos, pois a vida não está à disposição de quem quer que seja. Por outras palavras, a vida humana é prévia a um projeto pessoal.

Ninguém é senhor absoluto de si e da vida dos outros. Isto porque como cristão tenho a visão de que só Deus é senhor da vida, sendo certo que nos compete a cada um cuidar dela, mas isso não implica dizer que esta é um objeto.

Depois deste enquadramento inicial e do acolhimento introdutório habitual, abordaremos: *A Nota Pastoral da conferência Episcopal Portuguesa* que se mostra assertiva e clara na descrição de certos aspetos da vida moderna e das conceções dominantes, nomeadamente no que se refere às liberdades individuais.

A liberdade, tornou-se um direito absoluto, em que o homem hodierno quer ser protagonista da sua própria história e ter os processos da sua vida nas suas mãos. De facto o ser humano tem investido no controlo, adaptando ou prolongando o *processo de morrer* conforme as vantagens.

A medicina hoje é cada vez mais complexa e evoluída, nomeadamente nos cuidados de saúde, nos cuidados paliativos e doenças terminais.

Contudo este *processo de morrer* foi transformado e muitas vezes pelas razões mais negativas. Hoje prevalecem os ambientes anônimos, frios e a solidão moribunda.

Falta o calor humano e o saber *gastar* tempo com as pessoas que mais precisam. Às vezes um simples sorriso, visita, presença fará toda a diferença, ajudando, aliviando a solidão e o sofrimento por vezes atroz.

Neste sentido muito mudou. As pessoas morrem, na e de solidão, e os casos mediáticos são por demais evidentes. Neste momento da aula, fomentaremos a interação e reflexão de casos pessoais ou do conhecimento dos alunos.

Terminaremos esta parte com a frase do Dt 5,1: *não matarás*.

É verdade que o ser humano tem uma maior longevidade, contudo nem sempre esta é acompanhada de maior qualidade ou maior dignidade que a mesma, *vida*, requer. Apresentaremos alguns dados estatísticos para corroborar a nossa afirmação: nomeadamente que em 2015 os idosos com mais de 60 anos serão 1200 milhões.

Os relatos na imprensa são diários, mostrando a violência e até usurpação de bens a muitos idosos. A sociedade precisa de defender mais o idoso, e reforçar positivamente o seu papel na sociedade.

Se por um lado há aspetos positivos como a doação de órgãos, torna-se necessário o apoio mais eficaz ao idoso, irmão e amigo pois como, Ary dos Santos diz na sua canção: Natal é quando o homem quiser.

A partir desta situação, partiremos para um caso exemplar de altruísmo como o da médica *Gianna Beretta* fez em prol da sua filha *Gianna Emmanuela*, sacrificando a sua própria vida.¹⁶⁸ Aqui implementaremos o diálogo, apresentando ou escutando experiências vividas tanto pessoais como dos alunos.

A sociedade por vezes é cruel e tenta a desculpabilização, procurando explicar desvarios sociais, esquecendo valores *éticos/morais* como: respeito, tolerância, carinho, paciência, solidariedade, diálogo e justiça.

Mais grave ainda é haver uma desestruturação familiar, devido a problemas de pobreza, desemprego e saúde, fazendo com que muitos sonhos sejam desfeitos.

É neste sentido, que procuraremos com a turma, levar os alunos a ficarem mais sensibilizados, modificando comportamentos e atitudes, pois devemos começar por nós próprios a valorizar a vida, os idosos.

¹⁶⁸ Cf. Anexo nº 6

Só assim construiremos uma sociedade futura com valores éticos e morais de *Cristãos* assumidos e responsáveis. O tal *fermento* ao qual todos nós, como *Cristãos* somos chamados a viver e a nos comprometer, no mundo em que estamos inseridos. Só assim poderemos ser, testemunhas vivas de fé, e do nosso próprio, compromisso batismal.

AUTO AVALIAÇÃO

Passemos uma vez mais a uma rápida radiografia descritiva: Isto é, como nós vimos, e avaliamos, a nossa prestação nesta aula, em que foi já evidente uma empatia mútua: professor-turma.

Aspetos positivos:

Fruto de um maior conhecimento das potencialidades da turma, achamos por bem do ponto de vista pedagógico e didático, aligeirar certos conteúdos desta sessão, para fomentar a interação e maior diálogo e esclarecimento de toda a turma. Penso que conseguimos, pois as interrupções para dúvidas, comentários e explicitações foram constantes.

Esta sessão nº 4 atingiu genericamente os objetivos a que nos tínhamos proposto, já que os conteúdos foram explanados concisamente e pensamos que a mensagem *foi passada* e assimilada. Houve interesse e pró atividade.

Assim depois de uma rápida introdução à temática como valorizar a vida, salientando os aspetos positivos da preocupação da humanidade via legislativa, salientamos alguns dados negativos vigentes nos comportamentos da nossa sociedade em pleno século XXI.

Aqui notou-se uma particular apetência e curiosidade para, o *novo processo de morrer*. Foi interessante a nossa interação com os alunos.

Embora limitados culturalmente e religiosamente, do ponto de vista cognitivo-concetual, da compreensão e vocabulário conseguimos, que os alunos tivessem sede de apreensão e entendimento, sobre a questão da situação dos idosos em Portugal: suas limitações, preocupações e mudança de atitudes, comportamentos e paradigmas situacionais e familiares.

A mensagem passou. O mesmo se diga sobre a doação de órgãos, estatísticas, e do exemplo concreto da médica Italiana *Gianna Beretta Molla* e o seu ato heroico oferecendo a sua vida em prol da vida da sua filha.

Os alunos em geral ficaram sensibilizados para a nova problemática dos idosos em Portugal, já que a nossa população está a envelhecer demasiado e rapidamente. Pensamos que as conclusões da nossa sessão foram assimiladas e interiorizadas e o debate foi amplo. No geral a nossa empatia com a turma manteve-se satisfatoriamente.

Aspetos menos positivos ou menos conseguidos:

Nota-se uma grande apetência pelo diálogo e vontade de saber, próprios desta faixa etária e dos hábitos já interiorizados. Contudo a interação nem sempre é perfeita, e fácil de manter, a níveis recomendáveis e satisfatórios.

Isto porque a profusão, e por vezes *confusão*, de perguntas é tamanha que tende a dispersar os temas questionados ou em discussão. Nem sempre é fácil lidar com tal situação. Claro que em ambiente de docência integral e anual, seria mais fácil adaptar e seguir um paradigma dialogante, interativo e semi-dirigido.

Não pretendemos em cinco aulas impor um sistema mais *musculado* embora interativo e dialogante. Seria a nosso ver contraproducente. Esta é já uma reflexão de muitos anos de formações, cursos, aulas, sessões parecidas ou diferentes.

Cumpre-nos adaptar-nos a uma turma, esta em particular, tentando maximizar a aprendizagem e as novas competências.

No essencial estamos deveras satisfeitos com mais esta sessão.

Conclusão

Genericamente os objetivos foram atingidos nesta sessão, sendo a satisfação mútua. Ficamos sensibilizados pela empatia e alguns *desabafos do tipo*: então na próxima aula já não vai continuar...vindo de alguns alunos. É um bom sinal sem sombra de dúvida. Modestamente é um bom incentivo a fazer sempre o nosso melhor.

3.5- Quinta aula: a parábola do bom samaritano

Esta, *Planificação de aula – Grelha*, faz parte da nossa última sessão desta unidade, em que decidimos privilegiar um só conteúdo. Fizemo-lo, depois de alguma indecisão, mas iremos ver que veio a provar-se, ter sido uma decisão acertada. A reflexão em conjunto foi muito proveitosa e muito participada pela turma em geral.

Sumário

Abordagem específica: Interpretação e explicitação da parábola do bom samaritano.

Considerações finais e conclusão da unidade letiva.

Competências específicas:

- Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da vida humana em todas as suas vertentes.
- Interpretar criticamente episódios históricos e fatos sociais, a partir de uma leitura da vida fundada em valores humanistas e cristãos.
- Organizar um universo coerente de valores, a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.
- Reconhecer as implicações da mensagem bíblica nas práticas da vida quotidiana.
- Mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano.
- Propor soluções fundamentadas para situações de conflito de valores morais a partir de um quadro de interpretação ética humanista e cristã.
- Interpretar - textos fundamentais da Bíblia, extraindo significados adequados e relevantes.
Interpretar a parábola do bom samaritano.

Operacionalização das competências	Conteúdos	Atividade/Estratégias	Material	Min	Avaliação formativa
<p>Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da vida humana: como cristão e como ser humano</p> <p>Saber interpretar diferentes fatos sociais concretos relacionados com a vida a partir de um universo de valores cristãos e humanistas</p> <p>Compreender os valores e os vários casos positivos e negativos na nossa Sociedade à luz da Bíblia, dos textos do magistério da Igreja.</p> <p>Saber interpretar a Parábola do bom Samaritano.</p> <p>Adequar todos os ensinamentos da Parábola.</p>	<p>A vida como dom de Deus</p> <p>O valor absoluto da vida humana: como a valorizar</p> <p>Os conflitos de valores: Na sociedade Nos idosos Na doença Na gravidez Na solidão No abandono Nos hospitais Ética dominante Cuidar da vida (até à morte)</p> <p>Texto completo Parábola: O samaritano.</p> <p>Interpretação: Ensinamentos Atualidade</p> <p>Conclusão final</p> <p>Avaliação: Alunos/turma Professor</p>	<p>Acolhimento Recapitulação Finalização unidade nº4 Clarificações Ambiente dialogante e de Interatividade Brain storming Texto da parábola: O bom Samaritano (Lc 10, 25-37) Leitura do texto Bíblico Por três alunos</p> <p>Confronto pedagógico na Na análise e reflexão da, e na parábola do bom samaritano</p> <p>Argumentos sobre a validade e atualidade da mesma.</p> <p>Discussão de imagens e do texto multimédia</p> <p>Interação com os alunos sobre as situações reais.</p> <p>Síntese Conclusão/ Despedida Sumário</p>	<p>Vídeo projetor</p> <p>Computador</p> <p>Power point</p> <p>Manual (p.40-47)</p> <p>Bíblia</p> <p>Imagens para discussão</p> <p>Relatos</p> <p>Texto</p> <p>Ficha Avaliativa</p> <p>Experiências Vivas Contributo Pessoal Testemunho</p> <p>Quadro</p> <p>Marcador</p>	<p>10</p> <p>10</p> <p>15</p> <p>10</p>	<p>Interesse pela temática apresentada</p> <p>Qualidade da Intervenção dos alunos</p> <p>Entrega final da pequena reflexão: escrita e / ou multimédia.</p> <p>Verificação da entrega pessoal e recomendações finais para a sua posterior entrega.</p> <p>Ficha avaliativa a ser entregue na sessão seguinte</p> <p>2011-11-25</p>

Interdisciplinaridade:

Ciências Naturais, História: II Guerra Mundial referenciando os múltiplos Atropelos e barbaridades contra a vida e contra dignidade humana.

Documentos atuais da União Europeia e esforços para com as minorias étnicas.

Planificação descritiva de aula

Esta parábola, dá-nos o ensejo de uma abordagem específica da valorização da vida personificada no samaritano. Também hoje há aspetos positivos na nossa sociedade contemporânea e caso concretos dessa valorização, da vida. Por isso decidimos privilegiar a parábola do bom samaritano, fazendo, uma interpretação e explicitação da mesma em termos religiosos e de enquadramento histórico social.

A parábola do bom samaritano: interpretação, contextualização e aplicação à nossa vida.

A estratégia para esta nossa última sessão será específica sobre a interpretação e explicitação da parábola do bom samaritano.

Assim, procuraremos salientar a atualidade e pertinência desta parábola no momento presente para todos nós, fustigados direta ou indiretamente pela situação de crise quer de valores quer por fatores financeiro - económicos.

Levaremos a bíblia sagrada para incutir aos alunos o gosto e a necessidade, de a saber ler, e consultar. Daremos também aos alunos o texto na íntegra para ser lido por três alunos, segundo as respetivas personagens.

Ajudados pelo texto e pela apresentação da interpretação em *power point*, levaremos os alunos a refletir sobre o conteúdo e ensinamentos neles contidos.

Começaremos por enquadrar a problemática explicando a definição de parábola, doutores da lei, sacerdotes, levita e samaritano. Esta metodologia visa clarificar e situar o enquadramento histórico – religiosos desta parábola.

Em seguida vamos descrever as fases, *passos*, da ação dos intervenientes desta parábola. Assim começaremos pela pergunta do doutor da lei: que devo fazer para ter direito à vida eterna?

Como sabemos, Jesus remete o seu interlocutor para as escrituras, que recomenda amar o teu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma e amar ao próximo como a si mesmo. Se tal acontecer: *terás a vida eterna*.

A questão é saber e identificar quem é o meu próximo. Então a parábola identifica-o com o homem, que é assaltado e se encontra quase morto á beirada da estrada depois de ser assaltado e maltratado. Estranhamente o sacerdote e o levita afastam-se e não socorrem o pobre samaritano, quando seriam e deveriam ser eles os primeiros a socorrê-lo devido à sua função e dever.

Porém é o estrangeiro, odiado e inimigo dos judeus, que o ampara, o trata com azeite, vinho e ligaduras e que inclusive lhe paga a pensão. Numa palavra, tratou dele do princípio ao fim com amor, dedicação e carinho.

Jesus recomenda ao doutor da lei para seguir os ensinamentos da parábola e fazer o mesmo.

Daqui depreendemos, que Jesus afirma a dignidade humana sem olhar à proveniência, querendo dizer que a natureza da religião autêntica não é a crença ou a prática, mas o amor ao próximo.

Há aqui uma armadilha do doutor da lei, vista num contexto histórico – religioso do tempo. Contudo Jesus devolve a questão com a *Lei de Moisés Dt 6,4 e Lv 19,18*. Porém a questão no tempo de Jesus era saber quem era *o meu próximo*. No seu tempo não havia consenso, qual o grupo étnico, religioso ou grupo social que seria considerado o meu próximo.

É que judeus e samaritanos estavam separados por razões históricas e por conflitos. Os judeus desprezavam os samaritanos, pois estes eram o resultado da miscigenação de judeus, *israelitas*, e outros povos estrangeiros tidos como hereges e que professavam uma religião parecida com a sua. Por sua vez os samaritanos retribuíaam o mesmo desprezo.

A parábola geograficamente situa-se, quem desce de Jerusalém para Jericó: este itinerário era, cheio de curvas e perigoso para os transeuntes devido aos inúmeros salteadores.

Perante o homem judeu que vinha de Jerusalém caído e abandonado, o sacerdote e o levita são egoístas e por medo ou pureza ritual, *não tocar num cadáver*, seguem caminho.

O Samaritano, *inimigo portanto*, mostra com o seu comportamento, que o amor não tem limite e tratou do seu próximo. Inverteu a situação, pondo em prática, o *mandamento do amor ao próximo*. Inverteu o papel: a questão não é daquele que deve ser amado, mas

daquele que deve amar pondo em prática os mandamentos *não no plano teórico, mas prático.*

Terminaremos, sempre com o recurso do *power point n° 5* com a apresentação das perspectivas futuras tendo como base esta parábola.¹⁶⁹

Aqui salientaremos, que a nossa relação com Deus, *deve ser vertical, e horizontal*, sendo esta evidenciada e provada com a disponibilidade ao próximo, amigo ou inimigo, conhecido ou desconhecido, pois devemos reconhecer em todos, a dignidade do ser humano para a defesa da realização pessoal, profissional e familiar.

Por outras palavras, cada pessoa vale por si mesma e não porque alguém a ama ou a reconhece. Neste sentido, todos temos direito a ser reconhecidos e valorizados sobretudo os mais vulneráveis e indefesos: os sem voz. Dito de outra forma: onde não há reconhecimento da dignidade, não há humanidade, pois é nossa responsabilidade, o velar e cuidar do nosso próximo.

É como nos diz o Santo Padre João Paulo II: *não pode haver paz verdadeira sem respeito pela vida.*

Terminado o conteúdo de toda esta unidade letiva, iremos recolher o trabalho/reflexão pedido à turma conforme o planejado e acordado com os alunos. Iremos simultaneamente entregar uma ficha de avaliação de desempenho do professor.

É nosso procedimento habitual em qualquer curso que ministramos, aferir da clareza, competência e receptividade por parte dos discentes dos conteúdos por nós explanados. É uma questão de profissionalismo, visando sempre a melhoria das nossas competências científicas e pedagógico/didáticas.

Concluiremos que foi uma experiência deveras gratificante esta leção da unidade letiva: a dignidade da vida humana a esta turma do 9º ano turma n° 4.

AUTOAVALIAÇÃO

A parábola do bom samaritano, interpretação e explicitação da mesma em termos religiosos e de enquadramento histórico – social no tempo de Jesus, corresponde à nossa última aula desta unidade, já que no segundo semestre lecionamos a segunda unidade: Deus, o grande mistério.

¹⁶⁹ Cf. Anexo n° 7 na parte 5

Aspetos positivos:

Esta sessão foi um pouco diferente das anteriores conforme prévia programação. Alcançou os objetivos definidos quer a nível de conteúdo, mensagem e explicitação contextual da parábola do bom samaritano. Estes foram genericamente assimilados pelos alunos a julgar pelas várias intervenções.

Houve momentos de silêncio e reflexão, nomeadamente, na e durante, a leitura por três alunos da referida parábola, Este interesse continuou aquando da contextualização das figuras e protagonistas da mesma.

Houve interação e interesse da turma na abordagem. Pensamos ter contribuído, para a interiorização de mais uma vertente da dignidade humana: o amor ao próximo seja ele quem for.

O diálogo e participação foram fluindo naturalmente e notou-se alguma empatia: aluno – professor.

Não sendo essencial, pudemos *sentir* a radiografia feita pelos alunos aos vários parâmetros avaliativos da nossa lecionação. É uma motivação extra para um trabalho de contínuo aperfeiçoamento, *aggiornamento*, nas metodologias, estratégias e competências pessoais, tendo sempre em vista o objetivo final da otimização da transmissão da mensagem e testemunho na lecionação.

Sendo assim cumpre-nos referir, que fomos adaptando gradualmente conteúdos conforme as situações. É neste sentido que para nós foi uma mais-valia e um fator de crescimento e aperfeiçoamento pedagógico e didático. As ilações foram extraídas para uma valorização nas competências e enriquecimento pessoal. Numa frase: uma experiência gratificante.

Aspetos menos positivos ou menos conseguidos:

Pensamos que a nossa quinta e última parte desta aula: *estratégias futuras*, poderia ser mais explorada. Bem como as bíblias que levamos, para a sala de aulas. Não houve tempo suficiente.

Adicionalmente houve um momento que novamente, aligeiramos o conteúdo para evitar a falta de tempo em cobrir o plano e o painel interpretativo da parábola.

Como é quase impossível, nos tempos que correm, manter toda uma turma, *presa*, à mensagem e aos conteúdos, houve um momento de inflexão / interrupção, para manter a

turma, *sob controlo*, do ponto de vista cognitivo / motivacional. Foi aí que fomentamos a interação para manter os níveis de concentração grupal letiva. Não fomos perfeitos neste indicador...

Devido às várias tarefas e questões finais: labirinto, avaliação e verificação do andamento do trabalho para esta unidade, foi necessário exercer algum semi-dirigismo não musculado.

Conclusão

Esta sessão foi na generalidade bem conseguida, alcançando assim os objetivos propostos.

Os alunos aperceberam-se da especificidade desta aula, sendo alertados antecipadamente para tal. A mensagem passou, embora seja notório, nos alunos, algumas dificuldades na explicitação das suas opiniões. Mas julgamos ser já uma questão cognitiva e intelectual, que reflete a bagagem global da turma. Será um aspeto transversal às outras disciplinas e não específico desta.

Foi uma boa experiência e notamos um crescimento gradativo em simultâneo do docente e da turma no geral. Houve ajustamento, adaptação e crescimento de parte a parte. No que concerne ao nosso, *modus operandi e modus faciendi* foi-se moldando e otimizando ao longo das cinco aulas.

Síntese final sobre a lecionação

Foi uma experiência enriquecedora do ponto de vista pessoal. Quero agradecer à Sra. Dra. Maria José a sua perspicácia, delicadeza e pertinência nas correções que me sugeriu valorizando e enriquecendo a minha prestação,

Sem mudar radicalmente de estilo progredimos em alguns aspetos, nomeadamente na interação com os alunos. Num outro contexto seríamos mais *soltos*, abertos e dialogantes interagindo constantemente. Contudo num contexto de aprendizagem e de estágio, quisemos, *talvez em demasia*, vincar e privilegiar que dominávamos os conteúdos e que tínhamos *background* cultural e religioso para tal.

Claro que aqui há sempre o risco de resvalar para um semi-dirigismo hermético. Procuramos evitá-lo, mas fica-nos a sensação, que mais soltos, poderíamos eventualmente ser mais eficazes, propiciando uma relação mais aberta e aprendizagens mais adaptáveis consentâneas com as preocupações da turma. Ninguém é perfeito e se for possível nas

próximas sessões, seremos *mais elásticos*, elevando os níveis da motivação e das novas aprendizagens da mensagem cristã e de Jesus Cristo. De facto tentamos corrigir alguns pontos na segunda unidade: Deus, o grande mistério

CONCLUSÃO

Não iremos repetir-nos, pois consideramos, que fomos fazendo ao longo das várias partes desta reflexão, sínteses parciais e globais dos três capítulos que estão bem definidos na estrutura, na articulação e na sua ligação. Pelo menos tentamos que isso ficasse claro e explícito, para uma clara e fácil leitura.

Assim, no nosso primeiro capítulo achamos ter feito um trabalho interessante de campo, que nos deu uma enorme satisfação. Sentimo-nos gratificados e agradecidos pela colaboração e abertura simultânea dos docentes e dos alunos. Tentamos analisar os dados desse inquérito, que nos mostram uma escola com bons indicadores, fruto de um trabalho continuado de um grupo de docentes que procuram dar o seu melhor, numa comunidade discente com algumas carências.

Estas carências foram referidas quando procuramos tipificar a *Escola Francisco Sanches e a nossa turma*.

Esta disciplina tem uma importância para muitos dos alunos, pois presta-se a um espaço de liberdade de discussão e expressão das suas dúvidas ou pontos de vista. Para muitos é tido como o *único*, e por isso pudemos constatar que a frequência é muitíssimo elevada, chegando mesmo *aos cem por cento* em alguns anos letivos.

No segundo capítulo, tentamos que o leque das nossas leituras fosse o mais abrangentes possível. Por vezes, a nossa leitura e reflexão tornou-se lenta e penosa. Mas depois de algum tempo tornou-se claro o que gostaríamos de refletir e de sintetizar.

A dignidade da vida humana é um tema demasiado extenso e polissémico nas possibilidades e perspectivas de o abordar. Por isso mesmo, procuramos identificar a nossa posição com a visão judeo-cristã, do valor da dignidade da vida humana em todas as fases da vida terrena do ser humano.

Procuramos definir os conceitos em causa, dando também uma perspectiva da sua evolução histórica. A partir daí, procuramos abordar as questões e temáticas mais importantes, sobre o valor absoluto da vida, nomeadamente: na conceção, gestação, o aborto, o valor da sexualidade no crescimento global, o matrimónio como valor intrínseco e união sagrada, o valor dos idosos e finalmente a questão da eutanásia.

Finalmente, para tornar a nossa reflexão mais abrangente, salientamos o papel crucial da igreja na defesa da vida, e do magistério da igreja católica, enumerando sinteticamente alguns dos relevantes documentos emanados.

Procuramos sempre relacionar esta problemática da defesa da vida, com a nossa turma concreta. Verificando que, a presente erosão deste, e dos valores em geral, é transversal a toda a nossa sociedade moderna, e nos adolescentes em particular. Foi evidente esta nossa constatação, tanto na nossa turma, como nas turmas que pudemos assistir a outras unidades lecionadas, por colegas nossos. Dissemos aliás, repetidamente, que os nossos jovens, são fruto da sociedade e dos adultos que temos e somos.

No terceiro e último capítulo, explanamos a nossa leção da unidade letiva numero um, do nono ano: a dignidade da vida humana. Como já realçamos, foi um percurso que nos permitiu crescer humana e pedagogicamente.

Humanamente, pois pudemos verificar na prática, as nossas próprias limitações, procurando a partir daí tirar as devidas ilações, tendentes a melhorar no futuro as nossas prestações. Pudemos aprender com os nossos colegas. Assim iremos, *apropriar e reapropriar*, os seus bons exemplos e mais-valias na sua leção.

Pedagogicamente, pois com a nossa professora cooperante, pudemos seguir as suas indicações e conselhos para uma maior eficácia e maximização nas aprendizagens dos alunos. Foi uma experiência profícua e que nos fornecerá novas ferramentas e métodos, visando uma maior excelência da nossa docência.

Terminaremos dizendo, que estes dois anos, constituíram um período da nossa vida diferente e altamente motivador. Não se pense que foi fácil. De facto por vezes foi difícil a coordenação da nossa vida profissional, com a intelectual. Mas saímos desta experiência muito mais ricos e convencidos que ainda poderemos ir mais além. Por via disso os nossos projetos de valorização pessoal e académica, irão continuar nos tempos futuros.

Assim do nosso ponto de vista, bastaria este último aspeto para justificar a nossa satisfação, para este esforço ao longo de dois anos. Cumpre-nos dizer, que aos cinquenta e seis anos, este esforço tem uma dimensão acrescida por diversas razões: índole pessoal, profissional, familiar, razões de frescura física e intelectual.

Por todas estas razões, sentimos que elevamos a nossa autoestima, que poderemos ser ainda mais solidários com o nosso irmão, e que poderemos ser ainda melhores e mais comprometidos como cristãos e homem de fé. Será, *e foi*, em retrospectiva, um momento alto da minha vida pessoal.

BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDER, Robin, *Culture, Dialogue and Learning: exploring talk in school*, Eds, N. Merce & S, Hodgkinson, London, 2010.
- ALVES, Palmira, *Currículo e avaliação - Uma perspetiva integrada*, Porto Editora, Porto, 2004.
- ANDORNO, Roberto, *Bioética y dignidad de la persona*, Editorial Tecnos, Madrid, 1998.
- ANTUNES, Marinho, *Motivações numa sociedade em mudança*, in *Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa - Questão Ética e Fé Cristã*, Editorial Verbo, Lisboa, 1988.
- ARAUJO, Silva, *Ainda o Aborto*, Edição Diário do Minho, Braga, 1998.
- ARCHER, Luís-BISCAIA, Jorge-OSSWALD, Walter, *Bioética*, Editorial Verbo, Lisboa, 1996.
- ARCHER, Luís, *Liberdade ética face à etologia, sociologia, e racionalidade técnica*, in *Semanas de estudos teológicos da Universidade Católica Portuguesa – Questão Ética e Fé Cristã*, Editorial Verbo, 1988.
- BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in veritate* (29 Junho de 2009), Editorial A.O., Braga, 2009.
- BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus caritas est* (25 Dezembro de 2005), Edições Paulinas, Prior Velho, 2006.
- BENTO XVI, Exortação pós – sinodal, *Verbum Domini*, Difusora Bíblica, Lisboa, 2010.
- BORGES, Anselmo, *Morrer dignamente. A obstinação terapêutica*, in ARCHER, Luís-BISCAYA, Jorge-OSSWALD, Walter, *Bioética*, Editorial Verbo, Lisboa, 1996.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2002².
- CHAMPION, Françoise, *Religiosidade flutuante, ecletismo e sincretismo*, in DELUMEAU, Jean, *As grandes religiões do mundo*, Editorial Presença, Lisboa, 1999.

- COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Horizontes de Esperança – Manual do Aluno do 9º ano, Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2010.
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Pastoral – A Igreja no mundo atual – *Gaudium et Spes* (7 de Dezembro 1965), in CONCÍLIO VATICANO II, *Documentos Conciliares e Pontifícios*, Editorial A.O., Braga, 1987¹¹.
- COUTINHO, Jorge, “Do Eterno religioso do homem e das suas variações no tempo”, in *Theologica*, XXXVIII, 2 (2003), p.270-282.
- COUTINHO, Vítor, *Bioética e Teologia: Que paradigma de interação?* Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2006.
- CRISTAS, Assunção, *Quando a vida é o mais importante*, in JORGE BACELAR-HENRIQUE MOTA, *Vida e Direito – Reflexões sobre um referendo*, Príncipeia, Lisboa, 1998.
- DUQUE, João, *Cultura Contemporânea e Cristianismo*, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2004.
- DUSSEL, Enrique, “Dignidade: negação e reconhecimento num contexto de libertação”, in *Concilium*, 300,2 (2003), p. 90-104.
- ELIAZI, Francisco, *Questões da bioética*, Edições Perpétuo Socorro, Porto, 1996.
- GALVÃO, Pedro, *A Ética do Aborto – Perspectivas e Argumentos*, Dinalivro, Lisboa, 2005.
- GEORGE, Paul, *Natural Law and Positive Law*, Clarendon Press, Oxford, 1996.
- GEORGE, Paul, *Choque de Ortodoxias*, Edições Tenacitas, Coimbra, 2008⁵.
- GRISEZ, German, *El aborto - mitos, realidades y argumentos*, Ediciones Sígueme, Madrid, 1972.
- HAERING, Bernard, *Ética Médica*, Paoline, Roma, 1979⁵.
- HOGAN, Linda - MAY, D’Arcy, “Construção da dignidade humana no diálogo inter-religioso”, in *Concilium*, 300,2 (2003), p. 77-90.
- IBAÑES LANGLOIS, José, *Doutrina Social da Igreja*, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1990.
- JOÃO PAULO II, Encíclica *Redemptor Hominis* (4 de Março de 1979), Editorial A.O., Braga, 1979³.

- JOÃO PAULO II, Discurso ao Simpósio do Conselho das Conferências Episcopais da Europa sobre: o ensino da Moral e Religião nas escolas públicas in *L'Osservatore Romano*, Roma, 15-16 de Abril de 1991.
- JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, *Evangelium Vitae* (25 Março de 1995), Edições Loyola, São Paulo, 1995.
- JORGE, Soares, *Princípios éticos e biológicos para o enquadramento da interrupção não punível da gravidez*, Medisa, Lisboa, 2007.
- KANT, Immanuel, *Werke in sechs Bänden*, Vol IV Verlag Wilhelm, Ed. Wissenschaftliche, Buchgesellschaft, Damstadt, 1963.
- KUNG, Hans, *Ewiges Leben?* Ed. Wilhem, Munchen, 1982.
- LEBECK, Mette, *What is Human dignity?* Maynooth Editions, Ireland, 2010.
- LIPOVETSKY, Gilles, *A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Relógio d'Água, Lisboa, 1987.
- LITTLETON, Karen, *Technology, Pedagogy and Education – Research into teaching with the whole-class interactive technologies emergent themes*, The Open University - Milton Keynes , London 2010.
- LOPES CARDOSO “A família na construção da comunidade”, in *Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa – Questão Ética e Fé Cristã*, Editorial Verbo, Lisboa, 1988.
- LOPES, Ernâni, *Desígnios Nacionais*. Conferência no Centro Cultural de Belém em 04.09.2010.
- MARDONES, José, *Capitalismo y Religión. La religión política neoconservadora*, Sal Terrae, Santander, 1991.
- MATYSKAK, Philip, *Crónicas da República Romana*, Editorial Verbo, Lisboa, 2004.
- MENDONÇA, Alice, *O Insucesso Escolar: Políticas Educativas e Práticas Sociais*, Edições Pedagogo, Mangualde, 2009.
- MIRANDA, Carlos, *Tertuliano. Apologético*, Alcalá edição bilingue, Lisboa, 2002.
- MONTEIRO, António, *Os problemas éticos na cultura e as sociedades contemporâneas*, in *Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa – Questão Ética e Fé Cristã*, Editorial Verbo, Lisboa.
- MORÁN, Luís, Gonzalez, *Aborto – Un reto social y moral*, San Pablo, Madrid, 2009.

- MOURA, Laércio, *A dignidade da pessoa e os direitos humanos. O ser num mundo em transformação*, Edições Loyola, Rio de Janeiro, 2002.
- NOGUEIRA PINTO, Maria, *O que está em causa neste referendo*, in JORGE BACELAR-HENRIQUE MOTA, *Vida e Direito – Reflexões sobre um referendo*, Princípia, Lisboa, 1998.
- PINTO, José, *Questões de Ética Médica*, Editorial A.O., Braga, 1990.
- PESSINI, Leo-JUNKER-KENNY, Maureen, “Em nome da dignidade”, in *Concilium*, 300,2 (2003), p. 104-117.
- PINTO, Mário, *Perspectiva de um Católico*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2003.
- PIRES, Lemos-SOUSA FERNANDES, António-FORMOSINHO, João, *A Construção Social da Educação Escolar*, Edições Asa, Rio Tinto, 1991.
- POLICARPO, José, *Parâmetros da Moral Numa Sociedade Secularizada*, in *Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa – Questão Ética e Fé Cristã*, Editorial Verbo, 1989.
- POZO, Cândido-BLASQUEZ, Ricardo-RATZINGER, Joseph, in COMISIÓN TEOLOGICA INTERNACIONAL, DOCUMENTOS 1969-1996. VEINTICINCO AÑOS DE SERVICIO A LA TEOLOGÍA DE LA IGLESIA, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1998.
- QUIVY, Raymon-CAMPENHOUDT, Luc, *Manual de Investigação em Ciências Humanas*, Edições Gradiva, Lisboa 2008⁵.
- RAHNER, Karl, *Escritos de Teologia II*, Ediciones Cristiandad, S.A, Madrid, 2002².
- RAMPAZZO, Lino, *Antropologia, Religiões e Valores Cristãos*, Edições Loyola, S. Paulo, 2004³.
- RATZINGER, Joseph, *Professio Fidei et Iusiurandum fidelitatis in suscipiendo officio nomine Ecclesiae exercendo una cum nota doctrinale adnexa*, AAS 90 (1980) 542-551.
- RIOCEREZO, Jose Maria, *Criminales de la Paz*, Studium Ediciones, Madrid, 1984².
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Ensino Básico e Secundário*, Gráfica Almondina, Lisboa, 2007.
- SERRÃO, Daniel, *Eutanásia e Distanásia*, in ARCHER, Luís-BISCAYA, Jorge - OSSWALD, Walter, *Bioética*, Editorial Verbo, Lisboa, 1996.
- SERRAS PEREIRA, Nuno, *O triunfo da vida*, Edição Crucifixus, Lisboa, 2006.

- TAMAYO-ACOSTA, Juan José, “Dignidade e libertação perspectiva teológica e política”, in *Concilium*, 300,2 (2003), p. 65-77.
- TONELLI, Riccardo, “Juventude à procura” - Conferência em 15 de fevereiro de 2012 na XX Semana de Estudos Teológicos: *A pastoral juvenil numa Igreja jovem*, na Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia de Braga.
- VALADIER, Paul, A pessoa em sua dignidade, in *Concilium*, 300, 2 (2003), p. 45-53.
- VARANDA, Isabel, “Multiculturalidade e Diversidade Religiosa”, in *Communio*, XXXIII (2006), p. 391-402.
- VEIGA, Américo, *A educação hoje – A realização integral e feliz da pessoa humana*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 2003⁸.
- VEIGA, Manuel, *Um Perfil Ético para Educadores*, Palimage Editores, Braga, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- AMMISCHT-QUINN, Regina, “Quem possui dignidade intocável? O ser humano, a máquina da dignidade”, in *Concilium*, 300, 2 (2003), p. 31-45.
- AMMISCHT-QUINN, Regina - JUNKER-KENNY, Maureen - TAMEZ, Elsa, “Fascículo sobre a dignidade: algumas ideias suplementares”, in *Concilium*, 300, 2 (2003), p. 123-129.
- BOWKER, John, *Religiões do Mundo, Estudo e Explicação das Grandes Religiões*, Editora Civilização, Porto, 2009.
- CARMO-SILVA, Carlos, *O desafio do sentido: liberdade pessoal e condição histórica*, in *Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa – Questão Ética Cristã*, Editorial Verbo, 1988.
- CLAYTON, Peter, *Crónicas dos Faraós*, Editorial Verbo, Lisboa, 2004.
- COLLINS, Michael-PRICE, Matthew, *História do Cristianismo: 2000 anos de Fé*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1999.
- CONNERY, John, *Abortion: The Development of the Roman Catholic Perspective*, Loyola University Press, Chicago, 1997.
- CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Princípia, Lisboa, 2005.
- CONSTANCE COLONNA - CESARI, *Urbi Et Orbi – A Geopolítica do Vaticano*, Editorial Caminho, Lisboa, 1993.
- CRISTOVÃO, Fernando, *A informação como via de acesso à verdade*, in *Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa – Questão Ética e Fé Cristã*, Editorial Verbo, 1988.
- FILIBECK, Giorgio, *Direitos do Homem de João XXIII a João Paulo II*, Princípia, Lisboa, 2000.
- FILORAMO, Giovani-PRANDI, Carlo, *As ciências das Religiões*, Edições Paulus, São Paulo, 1999.
- GEORGE, Paul, *In defense of natural law*, Clarendon Press, Oxford, 1999.
- GEORGE, Paul, *Making Moral Law: Civil Liberties and Public Morality*, Clarendon Press, Oxford, 1993.

- JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, *Laborem Exercens* (14 Setembro de 1981), Editorial A.O., Braga, 1981.
- JUNKER-KENNY, “O conceito da dignidade humana necessita de fundamentação histórica?” in *Concilium*, 300, 2 (2003), p. 54-65.
- KITTAY, Eva, “Incapacidade, igual dignidade e cuidado”, in *Concilium*, 300, 2 (2003), p. 104-117.
- MACEDO, Borges, *A radicalidade ética perante o pluralismo e historicidade da moral*, in *Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa – Questão Ética e Fé Cristã*, Editorial Verbo, 1988.
- MACEDO, Borges, *Motivações numa sociedade em mudança: na atividade cultural*, in *Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa – Questão Ética e Fé Cristã*, Editorial Verbo, 1988.
- MAGALHÃES, Vasco, *Vocação e vocações*, Editorial A.O., Braga, 1992.
- MAXWELL-STUART, Paul, *Crónicas dos Papas*, Editorial Verbo, Lisboa, 2004.
- MBUY BEYA, Bernadette, “Dar palavra aos sem voz: De pé, mulheres africanas”, in *Concilium*, 300, 2 (2003), p. 129-138.
- MELÉ, Domènec, *Cristãos na sociedade – Introdução à Doutrina Social da Igreja*, Diel, Lisboa, 2003.
- NEGT, Oskar, “O irrepetível: as mudanças no conceito cultural de dignidade”, in *Concilium*, 300, 2 (2003), p. 20-31.
- PARTRIDGE, Christopher, *Enciclopédia das Novas Religiões*, Editorial Verbo, Lisboa, 2006.
- RODRIGUES, Resina, *Acção e responsabilidade: a práxis como instância moral*, in *Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa – Questão Ética e Fé Cristã*, Editorial Verbo, 1988.
- ROGERSON, John, *Crónicas dos Reis do Antigo Testamento*, Editorial Verbo, Lisboa, 2004.
- SCARRE, CHRIS, *Crónicas dos Imperadores Romanos*, Editorial Verbo, Lisboa, 2004.
- SILVA, Isabel, *Dignidade humana e mecanismos de culpabilização*, in *Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa – Questão Ética e Fé Cristã*, Editorial Verbo, 1988.

TRIGO, Jerónimo, *Especificidade e novidade da moral evangélica*, in *Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa – Questão Ética e Fé Cristã*, Editorial Verbo, 1988.

VERSPIEREN, Patrick, “A dignidade nos debates políticos e bioéticos”, in *Concilium*, 300,2 (2003), p. 9-20.

WOLFF, Kurt, *Cristo*, in ROLAND GÖÖK, *Homens que transformaram o mundo*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2001⁵.

Anexo 1



Universidade Católica Portuguesa
 Centro Regional de Braga
 Faculdade de Teologia
 Mestrado em Ciências Religiosas
 Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches
 Prática de Ensino Supervisionada
 Instituto Superior de Ciências Religiosas



INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA LECIONAÇÃO PELO ALUNO

Unidade letiva nº 1: A dignidade da vida humana **Duração:** 5x45m

Docente: Hermenigildo Moreira da Encarnação

Nome do aluno (facultativo): _____

Ano 9º Turma 4 Fem. 12 Masc. 12 Total 24

A sua avaliação é fundamental para o aperfeiçoamento da nossa leção. Deste modo, solicitamos que atribua classificação, recorrendo a uma escala de 1 a 5, em que 1 significa MAU e o 5 significa MUITO BOM.

PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO	1	2	3	4	5
1. Domínio dos temas abordados					
2. Capacidade de comunicação					
3. Motivação obtida					
4. Relacionamento com os formandos					
5. Pontualidade e assiduidade					
6. Objectivos da unidade letiva					
7. Conteúdos programáticos					
8. Estruturação da Unidade					
9. Distribuição do tempo pelos vários temas					
10. Aplicabilidade da unidade					
11. Interesse suscitado pela unidade					
12. Expectativas em relação à unidade					
13. Compreensão dos temas da unidade					
14. Aprendizagem adquirida na unidade					
15. Carga horária					
16. Atividades e interação dos alunos					
17. Utilização dos meios audiovisuais					
18. Manuais de apoio/documentação disponibilizada					

SUGESTÕES/CRÍTICAS/COMENTÁRIOS

Muito obrigado

Anexo 2

O bispo libertador de escravos

M. Mazzolari
2006, 1.ª ed.

Após a proclamação da independência do tão sonhado Estado do Sudão do Sul, faleceu subitamente, na manhã do dia 16 de Julho passado, o bispo católico de Rumbek, naquela região sudanesa, D. César Mazzolari que lutou corajosamente pelos cristãos.

Ele sentiu-se mal durante a celebração Eucarística na Catedral da Sagrada Família em Rumbek. Faleceu pouco depois, no hospital, de ataque cardíaco. Eis algumas declarações do bispo de serem lembradas:

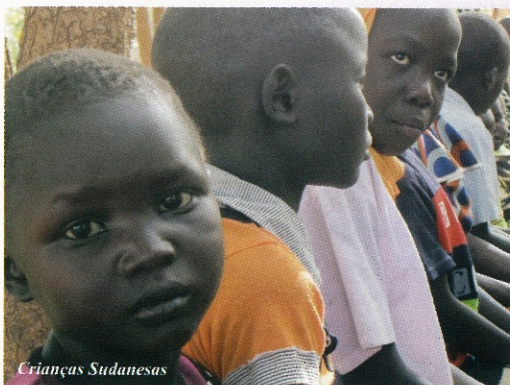
Em entrevista ao diário *Il Giornale* de Milão, ao falar sobre a perseguição dos muçulmanos contra os cristãos, ele declarou: «Aproxima-se o momento do martírio. Espero que o Senhor nos dê a graça de enfrentar este derramamento de sangue. [...] Muitos cristãos serão mortos por causa da sua fé, mas do sangue dos mártires vai nascer uma nova cristandade. Pelo menos três milhões de sudaneses do sul foram transferidos para o Norte, empurrados pela fome, e tiveram de fazer a profissão pública islâmica de fé para obter um emprego. Os convertidos ao islamismo são marcados a fogo. Marcam-nos a ferro como gado, para distingui-los dos infiéis.»

D. César ainda informou: «As minhas missões estão cheias de ex-escravos. Nos anos 90, resgatei pessoalmente 150, pagando por eles menos do que por um cão de *pedigree*: 50 dólares pelas mulheres e 100 pelos homens. Eles utilizam-nos como pastores ou põem-nos ao serviço de famílias árabes ricas de Cartum. Obrigam-nos a frequentar as escolas alcorânicas.»

O bispo Mazzolari também deixou bem claro que o Deus dos católicos não é o Alá dos muçulmanos. Grande foi a sua alegria pela consecução da independência do Sudão do Sul no dia 9 de Julho passado. Nesse dia à noite, em Juba, falando com os seus confrades, declarou ainda D. César Mazzolari: «Foi um sonho que se realizou. Estamos no início de uma nova história. Agora todos se têm de empenhar em fazer que o amanhã desta nova nação seja melhor do que o martirizado passado e nós, família comboniana, como sempre, estamos chamados a fazer a parte que nos toca.»



D. César Mazzolari



Crianças Sudanesas



Referências: Revista Catolicismo / Radio Vaticana / Por Darfur

Anexo 3

"Genocídio cristão" mancha século XXI

10 | JORNAL DE NOTÍCIAS

Religião

Perseguição aos coptas é um trágico e lamentável incidente de intolerância

- 1 Bento XVI lançou um apelo em favor do fim da violência no Egito, condenando os confrontos entre militares e cristãos coptas, no Cairo, que, no passado domingo, fizeram mais de 25 mortos e centenas de feridos.
- 2

Na audiência pública da semana passada, na quarta-feira, o Papa mostrou-se "profundamente entristecido" com a situação, criticando as "tentativas de minar a coexistência pacífica" entre as comunidades do Egito, num "momento de transição" em que é essencial "salvaguardar" a "unidade nacional".

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, também se mostrou "bastante triste" com o ocorrido e apelou "a todos os egípcios para ficarem unidos e manterem o espírito das mudanças históricas que tiveram lugar no início do ano".

A chefe da diplomacia da União Europeia, Catherine Ashton, lembrou, por sua vez, que a liberdade religiosa "é absolutamente fundamental".

O responsável da Santa Sé pelo acompanhamento das igrejas orientais manifestou preocupação com a recente onda de violência no Egito. O cardeal Leonardo Sandri qualificou como "angustiante" a repressão contra um grupo de cristãos coptas que protestava por causa da demolição, no final de Setembro, de uma igreja na província de Aswan, no Sul do Egito.

Depois de ter sido recebido em audiência pelo Papa, o patriarca latino de Jerusalém, D. Fouad Twal, agradeceu a Bento XVI a atenção que tem dedi-



Cristãos de várias igrejas ou confissões religiosas são cada vez mais perseguidos

cado à Terra Santa e à "questão da paz em todo o Médio Oriente". D. Fouad declara: "Aquilo que pedimos é liberdade de consciência, que cada um segundo a sua consciência - quer se converta ao islão quer se converta ao cristianismo - se expresse com liberdade, uma liberdade interna diante de Deus e da história".

As notícias trágicas do Egito somam-se aos incontáveis cristãos que, nos últimos tempos, têm sido assassinados, perseguidos, encarcerados, torturados e marginalizados apenas porque

frequentam as suas igrejas ou se declaram cristãos no Paquistão, Índia, Iraque, Irão, Turquia, China ou Médio Oriente.

Face ao "genocídio de cristãos", Bento XVI dedicou a sua mensagem para o Dia Mundial da Paz (1 de Janeiro deste ano) à liberdade religiosa, insistindo na necessidade da oração pelos cristãos perseguidos a fim de que os agressores se convertam.

A perseguição religiosa, contra quem quer que seja e onde quer que seja, ofende um dos direitos humanos fundamentais - a liberdade religiosa. ■

Sublinhados

LIBERDADE
A liberdade religiosa é um bem absolutamente fundamental

MÁRTIRES
Cristãos sem conta martirizados nos últimos tempos

Anexo 4



Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga Ano Lectivo 2011/2012
Faculdade de Teologia
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches
Prática de Ensino Supervisionada
Instituto Superior de Ciências Religiosas



Unidade 1

A dignidade da vida humana.

9º ano Turma 4

Hermenigildo Encarnação

Outubro de 2011



A dignidade da vida humana.



1- Introdução da Temática

- Singularidade do Ser Humano: inteligência superior e relação social
- Consciência da sua dignidade
- Visão Judeo-Cristã:
 - a) Vida dom precioso de Deus
 - b) Unidade da pessoa humana: corpo e mente
 - c) Validade intrínseca da pessoa humana em qualquer fase (gestação...)
 - d) Contra o relativismo Moral e situacional (fins justificam os meios...)
 - e) Valor absoluto da vida humana

Hermenigildo Encarnação

Outubro de 2011



2-Dois Casos para Reflexão e Discussão

- A. Amor de mãe na defesa da vida e da dignidade biológica e intelectual do seu filho
- B. Testemunho de defesa da dignidade da vida humana:
Sudão do Sul

Hermenigildo Encarnação

Outubro de 2011



3- A Vida Humana no Útero

**Fecundação:
União do gâmeta masculino
(espermatozóide)
e o gâmeta feminino (óvulo)**

**Blastócito a caminho do Útero
Implantação na parede do útero: embrião**

Hermenigildo Encarnação

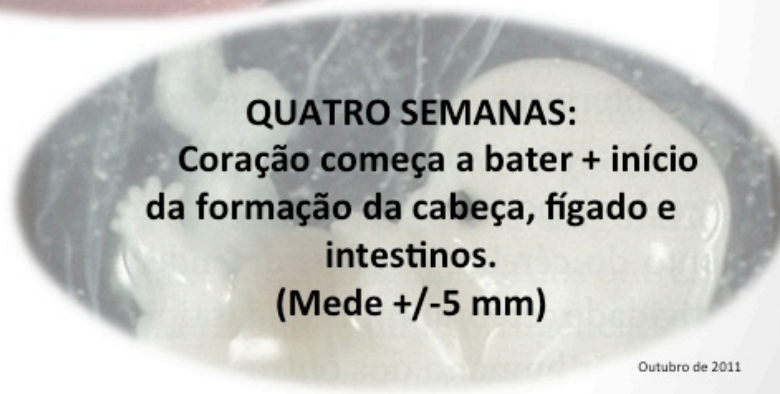
Outubro de 2011



3- A Vida Humana no Útero (cont..)



DUAS SEMANAS:
1as Células do cérebro e início das estruturas fetais e da placenta



QUATRO SEMANAS:
Coração começa a bater + início da formação da cabeça, fígado e intestinos.
(Mede +/-5 mm)

Hermenigildo Encarnação

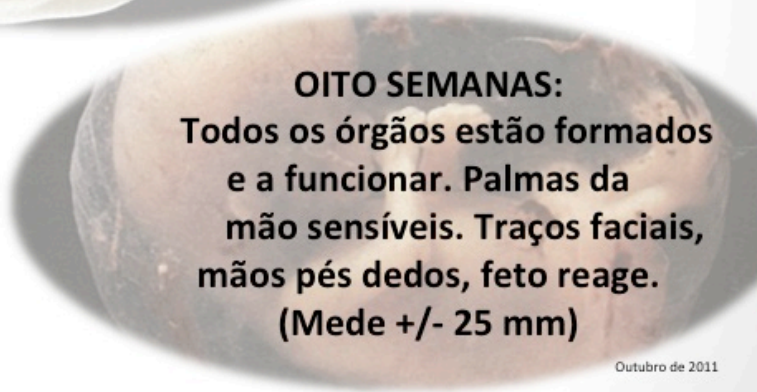
Outubro de 2011



3- A Vida Humana no Útero (cont..)



SEIS SEMANAS:
O cérebro já coordena movimentos, 20 dentes de leite, olhos na parte lateral da cabeça.
(Mede +/- 13mm)



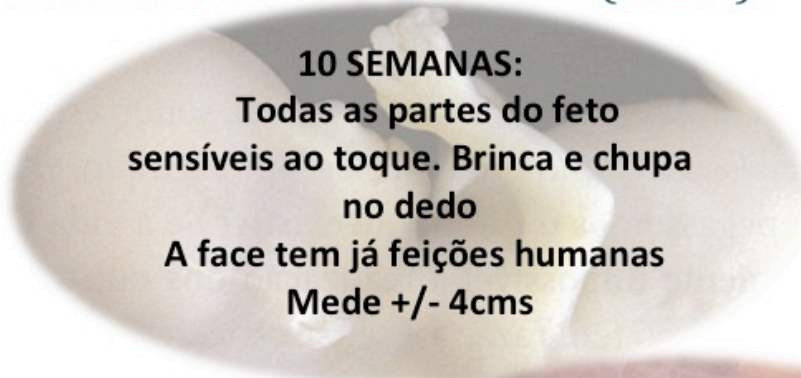
OITO SEMANAS:
Todos os órgãos estão formados e a funcionar. Palmas da mão sensíveis. Traços faciais, mãos pés dedos, feto reage.
(Mede +/- 25 mm)

Hermenigildo Encarnação

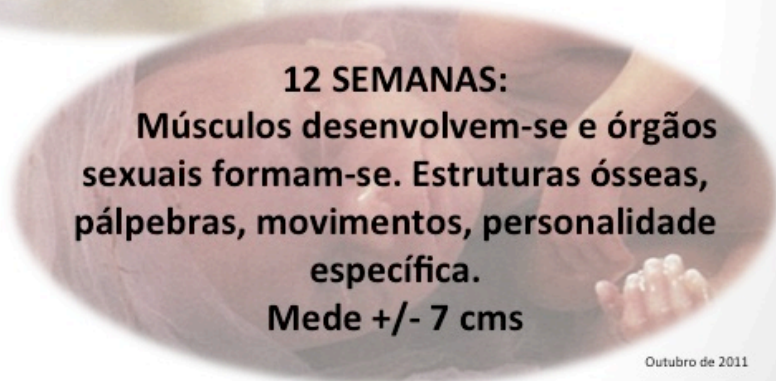
Outubro de 2011



3- A Vida Humana no Útero (cont..)



10 SEMANAS:
Todas as partes do feto
sensíveis ao toque. Brinca e chupa
no dedo
A face tem já feições humanas
Mede +/- 4cms



12 SEMANAS:
Músculos desenvolvem-se e órgãos
sexuais formam-se. Estruturas ósseas,
pálpebras, movimentos, personalidade
específica.
Mede +/- 7 cms

Hermenigildo Encarnação

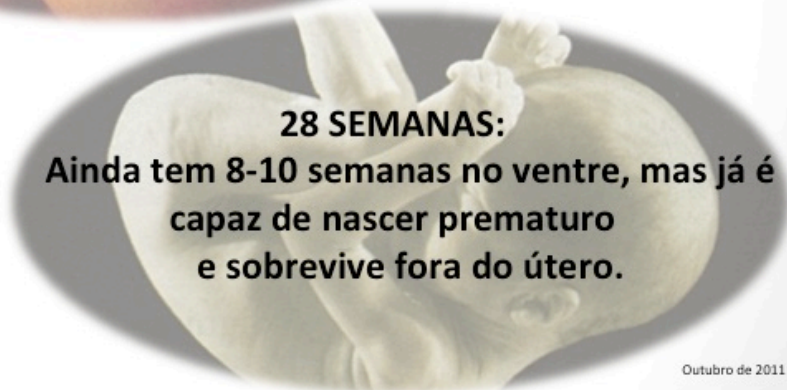
Outubro de 2011



3- A Vida Humana no Útero (cont..)



20 SEMANAS:
Rosto diferenciado, sensível à luz e ao
som. (reação: tapa os olhos)
Pele exterior passa de transparente a
opaca.



28 SEMANAS:
Ainda tem 8-10 semanas no ventre, mas já é
capaz de nascer prematuro
e sobrevive fora do útero.

Hermenigildo Encarnação

Outubro de 2011



4- Conclusões finais:

- a) Valor da vida humana: valor primordial
- b) Ponto de partida para todos os outros valores
- c) A sociedade elaborou códigos para a sua defesa
 - Juramento de Hipócrates Sec. V a.C., na Grécia
 - 1948 Declaração de Genebra: deontologia da prática da medicina.
 - Declaração Universal dos direitos Humanos: após a II Guerra Mundial
 - Constituição da república portuguesa: Vida humana inviolável artigo 1.º
 - Proibida a pena de morte artigo 24.º
 - Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia
 - Direito à vida + Inviolável + proteção - Nice 2000.12.07
 - Força jurídica - Tratado de Lisboa Dezembro 2007



5-Proposta de Trabalho / Reflexão

1. Apresentar por escrito e relatar um caso / situação do vosso conhecimento ou experienciado.
2. Um pequeno trabalho sobre : A Dignidade Da Vida Humana
 - Modalidade: Individual ou grupos de dois.
 - Formato: À vossa escolha e criatividade...novas tecnologias.

Sumário:

“A dignidade da vida humana como valor absoluto”

Anexo 5



Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga Ano Lectivo 2011/2012
Faculdade de Teologia
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches
Prática de Ensino Supervisionada
Instituto Superior de Ciências Religiosas



Unidade 1

A dignidade da vida humana.

(Continuação)

9º ano Turma 4

Hermenigildo Encarnação

Outubro de 2011



A dignidade da vida humana. (2)



1- Valor da nossa vida: não o que fazemos ou sabemos mas o que somos

Somos especiais, únicos e irrepetíveis

A vida como dádiva de Deus:

- Perspetiva Judaico-Cristã: Deus origem da vida
- Plenitude da vida sem início ou fim
- Dom de Deus – dívida de gratidão – agradecer+cultivar+respeitar
- Decálogo: não matarás
- Abusos: discriminação+opressão pelos mais fracos e indefesos
- Pobreza/fome/doença apesar do desenvolvimento tecnológico/científico
- A humanidade está mais sensível: normais legais+jurídicas
- A Igreja tem o dever de dar voz aos que não têm
- Hinduísmo: não matar os nossos primos+tudo o que existe tem alma
- Muçulmanos: Justos com todos, não matar, compassivo com os irmãos (Alcorão)

Hermenigildo Encarnação

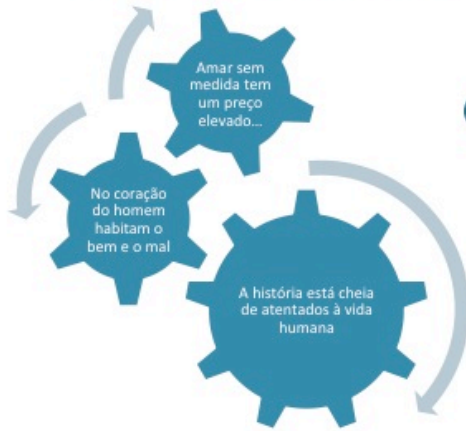
Outubro de 2011



A dignidade da vida humana. (2)



2-Atentados à vida e sua dignidade



Aborto
Consiste na expulsão voluntária ou involuntária de um embrião ou de um feto quando o mesmo não tem condições de vida fora do útero.



Causas:
Desenvolvimento anormal do embrião ou do feto + problemas no útero
Diabetes e alterações hormonais + tabaco/drogas : aborto espontâneo

Aborto induzido = eufemismo: Interrupção voluntária da Gravidez (IVG)

Católicos: Vida humana inicia no momento da fecundação – interrupção = atentado

Hermenigildo Encarnação

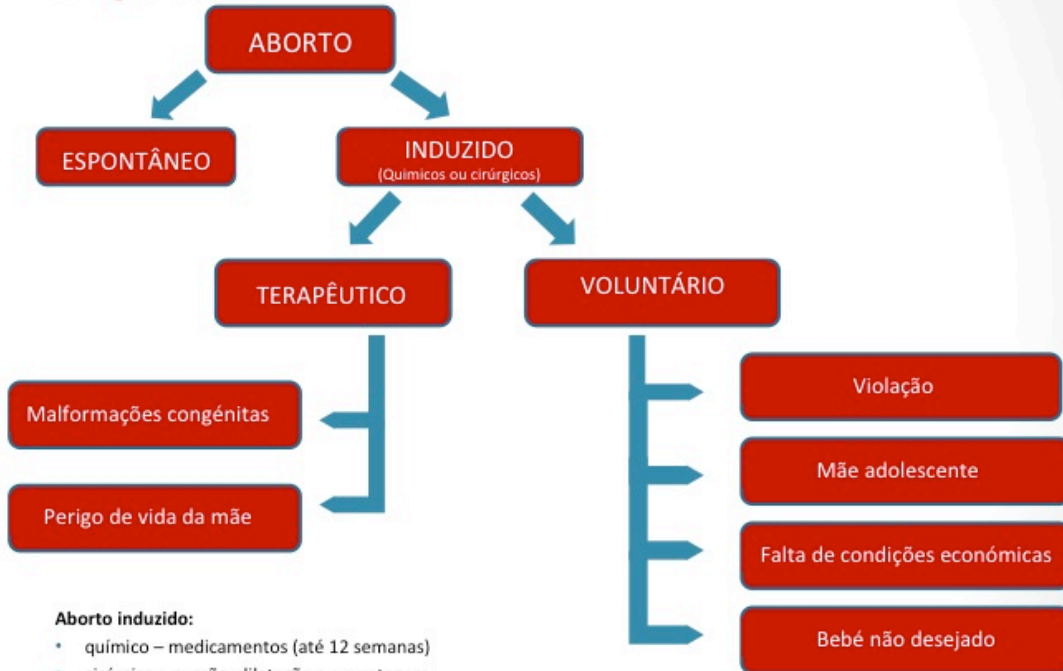
Outubro de 2011



A dignidade da vida humana. (2)



3- Tipos de aborto



Aborto induzido:

- químico – medicamentos (até 12 semanas)
- cirúrgico – sucção, dilatação ou curetagem

Hermenigildo Encarnação

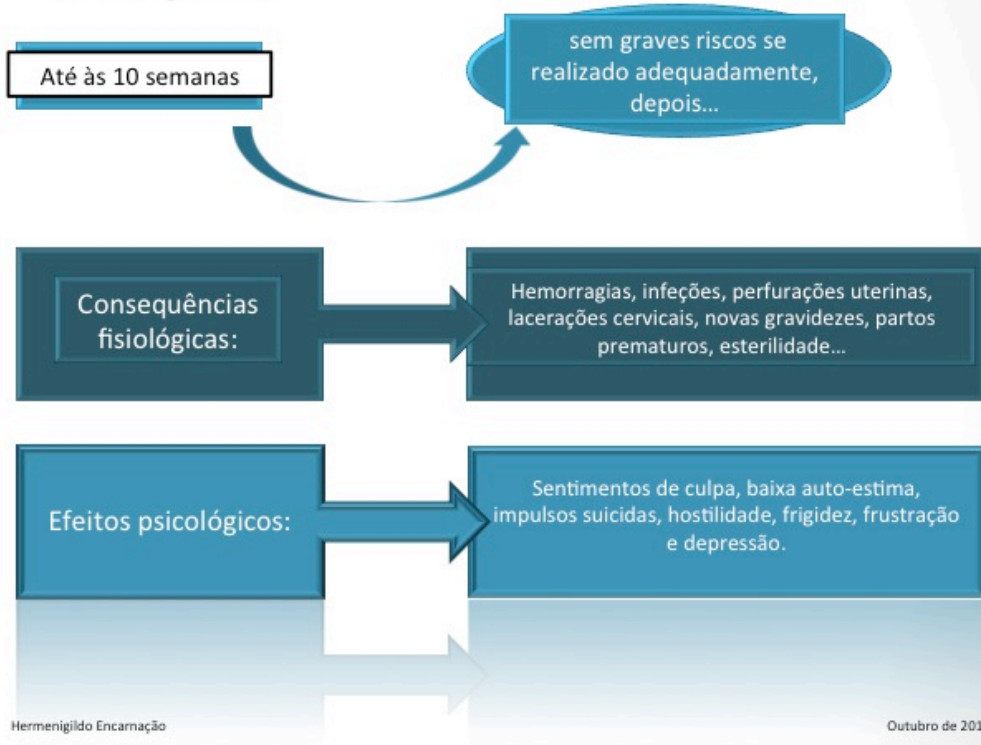
Outubro de 2011



A dignidade da vida humana. (2)



4- Consequências



A dignidade da vida humana. (2)



5- Legislação Portuguesa sobre o aborto



- Até 1984: proibido
- Lei nº 6/84: interrupção voluntária da gravidez até às 12 semanas
perigo de morte, grave risco físico ou psíquico, violação
16 semanas doença grave ou malformação fetal
- Lei nº 90/97 : 24 semanas
malformação, perigo de doença do nascituro
16 semanas por violação
- Lei nº 16/2007: primeiras 10 semanas IVG por opção da mulher
não necessita de qualquer justificação



A dignidade da vida humana. (2)



6- Argumentos a favor e contra o aborto



1- Quase ninguém é a favor do aborto:



Para a maior parte das pessoas...um mal a evitar

2- Polémica situa-se sobretudo no combate ao aborto clandestino: provoca...mortes...

3- **ALGUNS:** maneira de erradicar liberalizar → aborto voluntário em unidades com condições

OUTROS: Maior controlo e fiscalização → erradicar o aborto clandestino

Visto a outro nível: opção da mulher → liberdade do corpo, liberdade que deve ser reconhecida legalmente



A dignidade da vida humana. (2)



7- Defensores do aborto

- ✓ Defesa da dignidade da mulher...tomar decisões sobre o seu corpo
- ✓ Nenhuma mulher deve ser obrigada a levar por diante uma gravidez indesejada...criança não amada
- ✓ Há situações que exigem intervenção médica (abortiva) para que a saúde física e psíquica da mulher seja salvaguardada
- ✓ O aborto clandestino humilha e tem efeitos negativos sobre a vida e a saúde
- ✓ Não há evidência que o embrião / feto sejam vida humana em sentido pleno. Mesmo que fosse a dignidade da mulher deve prevalecer.





A dignidade da vida humana. (2)



8- Objeto do aborto: pró vida

- a) Vida humana valor inalienável e primordial: aborto = atentado
- b) Todos os seres humanos têm igual dignidade independente da idade, saúde
- c) Abortar porque o feto sofre malformações...é considerar menos dignas certas pessoas
- d) Alternativas eticamente aceitáveis para gravidez indesejada: adoção
- e) Intervenção médica aceitável quando a mulher sofre sérios riscos mesmo que resulte a morte do feto: não é matar é salvar
- f) Reduzir ou excluir o aborto. Todos defendem: planeamento familiar, apoio às famílias e mães solteiras e educação sexual dos jovens



Hermenigildo Encarnação

Curiosidades:

Primeiro a liberalizar: Lenine 1926
Hitler 1935
Islândia década de 30
Dinamarca e Suécia
Hoje legislação variada

Outubro de 2011



A dignidade da vida humana. (2)



9-Proposta de Trabalho / Reflexão

Apresentar por escrito e relatar um caso / situação do vosso conhecimento ou experienciado.

Ou

Um pequeno trabalho sobre : A Dignidade Da Vida Humana

Modalidade: Individual ou grupos de dois.

Formato: À vossa escolha e criatividade...novas tecnologias.

Sumário:

“A dignidade da vida humana como valor absoluto”

“Atentados: O aborto, tipos, causas e consequências”

Hermenigildo Encarnação

Outubro de 2011

Anexo 6



Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga Ano Lectivo 2011/2012
Faculdade de Teologia
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches
Prática de Ensino Supervisionada
Instituto Superior de Ciências Religiosas



Unidade 1

A dignidade da vida humana.

(Continuação)

9º ano Turma 4

Hermenigildo Encarnação

Outubro de 2011



A dignidade da vida humana. (3)



1- OS VÁRIOS ARGUMENTOS NA PROBLEMÁTICA DO ABORTO

A favor	Contra
A mulher tem o direito de tomar as decisões que entender a respeito do seu próprio corpo.	O Embrião é um ser distinto do corpo materno. A mulher não tem o direito de tomar decisões sobre a vida do filho.
O embrião e o feto não são um ser humano.	O Embrião é um ser humano, pois não há pessoa que não passe pelas fases embrionária e fetal.
É humilhante para a mulher ser levada a tribunal por abortar. Passa a ser duplamente vítima.	Há soluções jurídicas em que o aborto continua a ser proibido, mas a mulher, mesmo que o comete, não é penalizada. Pelo contrário, as clínicas clandestinas e os técnicos envolvidos deverão ser penalizados.

Hermenigildo Encarnação

Outubro de 2011



1- OS VÁRIOS ARGUMENTOS NA PROBLEMÁTICA DO ABORTO...

A favor	Contra
<p>Não se pode desprezar as dificuldades económicas e sociais de educar um filho não desejado.</p>	<p>Os problemas sociais e económicos resolvem-se com apoios adequados e não com aborto.</p>
<p>A despenalização é necessária para resolver o problema do aborto clandestino.</p>	<p>A lei não deve permitir o que está eticamente errado só porque o Estado não consegue ou não quer resolver os problemas, usando os meios adequados. Legalizar o que está mal não elimina o mal: torna-o bom aos olhos das pessoas . Além disso, o aborto clandestino continuará a existir, se não houver fiscalização por parte do Estado.</p>
<p>As mulheres tem direito de abortar em condições de segurança. O aborto só é perigoso quando é feito sem condições de higiene e por pessoal incompetente.</p>	<p>O Aborto não pode ser um direito, porque está em causa o valor da vida de outrem. Devem ser criadas condições para que todos possam ter filhos com dignidade.</p>

Hermenigildo Encarnação

Outubro de 2011




1- OS VÁRIOS ARGUMENTOS NA PROBLEMÁTICA DO ABORTO...

A favor	Contra
<p>O primeiro direito da criança é ser desejada.</p>	<p>O primeiro direito da criança é o direito à vida.</p>
<p>A penalização do aborto não elimina o aborto.</p>	<p>Isso é verdade, mas não é suficiente para o legalizar. A lei serve para regular o comportamento das pessoas em sociedade e para defender os seu direitos.</p>
<p>Nos casos dramáticos em que o bebé é deficiente, em que há perigo para a saúde psíquica da mãe, em que a gravidez decorreu de uma violação, ou nos casos em que a família é demasiado pobre?</p>	<p>Não se resolve uma dificuldade, fazendo uso de qualquer meio. Os meios usados têm de ser eticamente corretos. O Valor da vida humana é superior a outros valores, como a situação económica, a integridade mental ou física da criança e a saúde psíquica da mulher.</p>

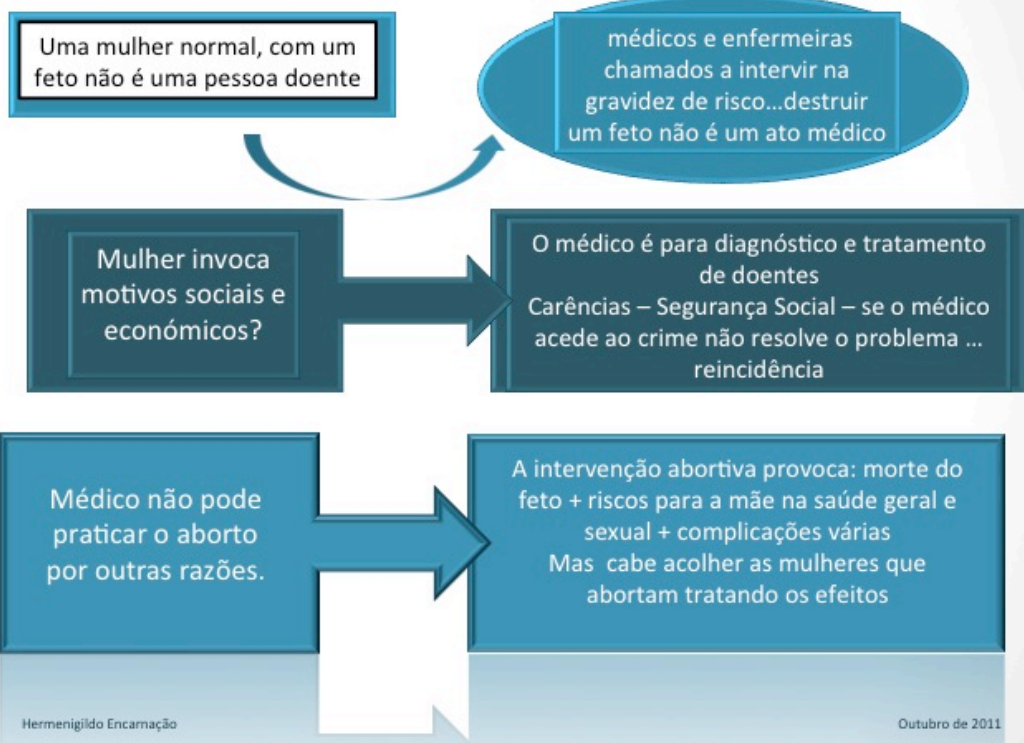
Hermenigildo Encarnação

Outubro de 2011

A dignidade da vida humana. (3)



2- Três razões para ser a favor da vida uterina



Uma mulher normal, com um feto não é uma pessoa doente

médicos e enfermeiras chamados a intervir na gravidez de risco...destruir um feto não é um ato médico

Mulher invoca motivos sociais e económicos?


O médico é para diagnóstico e tratamento de doentes
Carências – Segurança Social – se o médico acede ao crime não resolve o problema ...
reincidência

Médico não pode praticar o aborto por outras razões.


A intervenção abortiva provoca: morte do feto + riscos para a mãe na saúde geral e sexual + complicações várias
Mas cabe acolher as mulheres que abortam tratando os efeitos

Hermenigildo Encarnação Outubro de 2011

A dignidade da vida humana. (3)



3- Proteger a vida humana



- Igreja Católica: vida inviolável: respeitada e protegida
- Jesus condena a falta mas absolve as faltas
- Igreja – compreensão e apoio às mulheres e à vida
- Respeitar a partir da concepção (Jr 1,5) ; (Sl 139,15) ; (Catecismo 2270-2272)
- Aborto: erro moral e o infanticídio condenável
- Aborto mata o débil e o inocente
- João Paulo II, O evangelho da vida: o estado por vezes permite o aborto o ideal permite matar o mais débil e inocente
- Combater o aborto pela adopção + usar o dinheiro para acolher e não para matar: Madre de Teresa de Calcuta

Hermenigildo Encarnação Outubro de 2011



A dignidade da vida humana. (3)



4- Preconceito

1- Juízo preconcebido, injustificado, irracional



Atitudes discriminatórias...pessoas, lugares tradições
= os diferentes são destituídos de valor



2- A Ignorância produz o medo: o outro como ameaça e potencial inimigo

3- Preconceito é errado e imoral → Discriminação e violência

Estereótipo: Exemplo



todos os ciganos são ladrões,
todos os brancos são arrogantes

Curiosidades: Egípcios sobre os Hebreus



- Persas - e o resto da Humanidade
- Romanos - e os bárbaros latim
- Germânicos...Normandos
- Gregos - Bárbaros não falavam o Grego
- Europeus - Africanos, Índios - selvagens pagãos



A dignidade da vida humana. (3)



5- O Racismo

- ✓ Forma de pensar, ideologia e preconceito
- ✓ Seres Superiores pelas características físicas ou hereditárias
- ✓ Os seres Humanos não têm todos o mesmo valor...racismo, opressão, domínio, genocídio de etnias
- ✓ Grupo Social Dominante: desprezo, língua, religião...
- ✓ CÍCERO: Os Homens diferem pelo saber, mas são iguais na sua aptidão pelo saber
- ✓ Ser pobre ou rico, país, pele...não acrescenta ou retira dignidade ou valor
- ✓ 1949 Apartheid - domínio de um povo de origem Europeia
- ✓ 1994 Libertação de Mandela...



6 - Nazismo

- a) Fim da 1ª Guerra mundial: Alemanha – indenizações, crise, desemprego
- b) Partido Nazi: Hitler país rico e poderoso – ditadura cruel
- c) Pureza racial: raça ariana superior + xenofobia hostilidade contra estrangeiros
- d) Genocídio: Holocausto...6 milhões de vítimas (judeus)...
- e) Experiências, cobaias humanas, deficientes, ciganos, ativistas...
- f) Oposição corajosa: Alfred Delp + P. Nikolaus Gross
- g) P. Augustinus Rosh + Conde Peter Yorck
- h) Jesus Cristo e não homem algum ou Estado é o nosso Único Salvador

Declaração de Bremen 1934

Hermenigildo Encarnação

Outubro de 2011



7-Proposta de Trabalho / Reflexão

Apresentar por escrito e relatar um caso / situação do vosso conhecimento ou experienciado.

Ou

Um pequeno trabalho sobre : A Dignidade Da Vida Humana

Modalidade: Individual ou grupos de dois.

Formato: À vossa escolha e criatividade...novas tecnologias.

Sumário:

- 1-“A dignidade da vida humana como valor absoluto”
- 2-“Atentados: O aborto, tipos, causas e consequências”
- 3-“Argumentos a favor e contra o aborto”
- “Conceitos: preconceito, racismo e nazismo”

Hermenigildo Encarnação

Outubro de 2011

Anexo 7



Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga Ano Lectivo 2011/2012
Faculdade de Teologia
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches
Prática de Ensino Supervisionada
Instituto Superior de Ciências Religiosas



Unidade 1

A dignidade da vida humana.

(Continuação)

9º ano Turma 4

Hermenigildo Encarnação

Novembro de 2011



A dignidade da vida humana. (4)



1- VALORIZAR A VIDA.

Ética dominante de hoje:
Liberdade, Igualdade, Solidariedade
(revolução Francesa – Fraternidade)

Respeito pelas pessoas e direitos
Reconhecer valores
Contra a discriminação

**Objectivo da
humanidade :**
É que a cooperação
vença a competição e o
ódio

Cuidar da vida até à morte:
existência do homem
resultado da bondade divina.

COMO CRENTES : Gratidão
Gratidão e responsabilidade em cuidar...
Só Deus é senhor da vida mas cada um
deve cuidar... não um objeto.

ASSIM:

- 1- A vida não está à disposição de quem quer que seja.
- 2- A vida humana é prévia ao projeto pessoal.
- 3- Ninguém é senhor absoluto de si e da vida dos outros.
- 4- Cada pessoa deve procurar a melhor opção para cuidar da vida.

Hermenigildo Encarnação

Novembro de 2011



2- VALORIZAR A VIDA: Nota pastoral da Conferência Episcopal portuguesa

VISÃO DOMINANTE: LIBERDADE INDIVIDUAL = DIREITO ABSOLUTO

- ✓ Homem atual quer ser protagonista da sua própria história: ter os processos da sua vida nas suas mãos;
- ✓ Antecipar a morte ou prolongar o “processo de morrer” conforme as vantagens;
- ✓ A medicina é hoje muito mais complexa e sofisticada: nos cuidados de saúde, nos cuidados paliativos, no tratamento de doentes terminais...
- ✓ O “ processo de morrer “ foi transformado: o morrer na minha casinha... ; ambientes anónimos, frios...; moribundos, solidão, abandono...
- ✓ O respeito pela vida: Decálogo “Não matarás” (Dt 5,17) Deutoronómio

Hermenigildo Encarnação

Novembro de 2011



3- VALORIZAR A VIDA: OS IDOSOS

Aumentou a violência com os idosos

Crime com idosos em Portugal aumentou 20,4% nos últimos anos

Aumento médio de vida em Portugal
Senhoras: 83 anos – Homens 76 anos

Mais fragilidade.

Antes respeitados: hoje não há tempo

1995:

542 milhões com + de 60 anos

2015:

1200 milhões...

Violência, agressões, abandono, usurpação de bens.

Familiares oferecem dados errados aos hospitais, para não os terem nas suas casas após o fim do internamento.

Hoje a sociedade trata mal os idosos.

Ritmo da vida moderna é norteado pelo sucesso, beleza, dinheiro e consumo.

NECESSÁRIO:

Reforçar o papel do idoso
Casas de repouso, lares.

Hermenigildo Encarnação

Novembro de 2011



A dignidade da vida humana. (4)



4- ALGUNS DADOS POSITIVOS

Doação de órgãos: forma peculiar – contra o egoísmo

Gratuidade conforme Jesus Cristo:
Papa Bento XVI,
Novembro 2008



Aumentou o número de dadores

2008
No nosso Serviço Nacional de saúde a nossa taxa aumentou para 26,7 por milhão de habitantes

José Ary dos Santos
As Palavras das Canções

O Natal é quando o homem quiser...és meu irmão, amigo..
Natal é em Dezembro mas em Maio pode ser...
E tu que vês na montra a tua fome que eu não sei...



Hermenigildo Encarnação

Novembro de 2011



A dignidade da vida humana. (4)



5- ALGUNS CASOS POSITIVOS



Dar a vida pelo outro: relatos pessoais e experiencias de vida

Mãe de família: Gianna Beretta Molla – 1922-1962

(Médica Italiana)

Optou por dar a vida à sua filha Gianna Emmanuela

Sacrificou a sua própria vida

Santificada pelo Santo Padre João Paulo II

Presentes na cerimónia marido e filhos



Hermenigildo Encarnação

Novembro de 2011



A dignidade da vida humana. (4)



6- CONTUDO A NOSSA SOCIEDADE ...

1. Sociedade marcada pelos valores económicos: ter e não o ser

*Necessidade de valores éticos: respeito, tolerância, carinho
paciência, solidariedade, dedicação, diálogo, justiça...*

2. A violência gera mais violência: polémicas – conflitos - diferentes opiniões

3. Processo de desculpabilização: Atenuantes para explicar os desvarios

4. Desestruturação familiar

Ausência de perspectivas futuras, pobreza, desemprego, saúde deficiente, sonhos desfeitos...

À mercê dos nossos instintos: “ O animal que há dentro de nós”

*Por isso é essencial: ter um projeto de vida
realização pessoal
realização profissional
realização familiar*

Hermenigildo Encarnação

Novembro de 2011



A dignidade da vida humana. (3)



7- Proposta de Trabalho / Reflexão

Apresentar por escrito e relatar um caso / situação do vosso conhecimento ou experienciado.

Ou

Um pequeno trabalho sobre : A Dignidade Da Vida Humana
Modalidade: Individual ou grupos de dois.
Formato: À vossa escolha e criatividade...novas tecnologias.

Sumário:

- 1-“A dignidade da vida humana como valor absoluto”
- 2-“Atentados: O aborto, tipos, causas e consequências
- 3-“Argumentos a favor e contra o aborto”
“Conceitos: preconceito, racismo e nazismo”
- 4- “Valorizar a vida: dados positivos e negativos”

- Completei
meu primeiro
milhão antes dos
30 anos!

- Eu daria
30 milhões para
ter 30 anos
denovo!



etrsteviverdehumor.blogspot.com

Hermenigildo Encarnação

Novembro de 2011

Anexo 8



Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga Ano Lectivo 2011/2012
Faculdade de Teologia
Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches
Prática de Ensino Supervisionada
Instituto Superior de Ciências Religiosas



Unidade 1

A dignidade da vida humana.

Continuação

9º ano Turma 4

Hermenigildo Encarnação

Novembro de 2011



A dignidade da vida humana (5)

Parábola do bom samaritano

Lc 10,25-37



Um certo doutor da Lei, que queria experimentar Jesus, levantou-se e fez-lhe esta pergunta:
— Mestre, que devo eu fazer para ter direito à vida eterna?
²⁵Jesus respondeu:
— Que diz a Escritura acerca disso e como a entendes tu?
²⁶E ele disse:
— Ama o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a alma, com todas as forças e com todo o entendimento. E ama o teu próximo como a ti mesmo.
²⁷Jesus comentou:
— Respondeste bem. Faz isso e terás direito à vida.
²⁸Mas o doutor da Lei, querendo justificar-se, disse a Jesus:
— E quem é o meu próximo?
²⁹Então Jesus respondeu:
— Ia um homem a descer de Jerusalém para Jericó. Caíram sobre ele uns ladrões, que lhe roubaram roupa e tudo, espancaram-no e foram-se embora deixando-o quase morto. ³⁰Por casualidade, descia um sacerdote por aquele caminho. Quando viu o homem, afastou-se para o outro lado.
³¹Também por lá passou igualmente um levita que, ao vê-lo, se afastou também. ³²Entretanto, um samaritano, que ia de viagem, passou junto dele e ao vê-lo teve pena. ³³Aproximou-se, tratou-lhe os ferimentos com azeite e vinho e pôs-lhe ligaduras. Depois, colocou-o em cima do seu jumento, levou-o para uma pensão e tratou dele. ³⁴No outro dia, deu duas moedas de prata ao dono da pensão e disse-lhe: «Cuida deste homem e, quando eu voltar, pago-te tudo o que gastares a mais com ele.»
³⁵Jesus perguntou então ao doutor da Lei:
— Qual dos três te parece que foi o próximo do homem assaltado pelos ladrões?
³⁶E ele respondeu:
— O que foi bom para ele.
Jesus concluiu:
— Então vai e faz o mesmo.

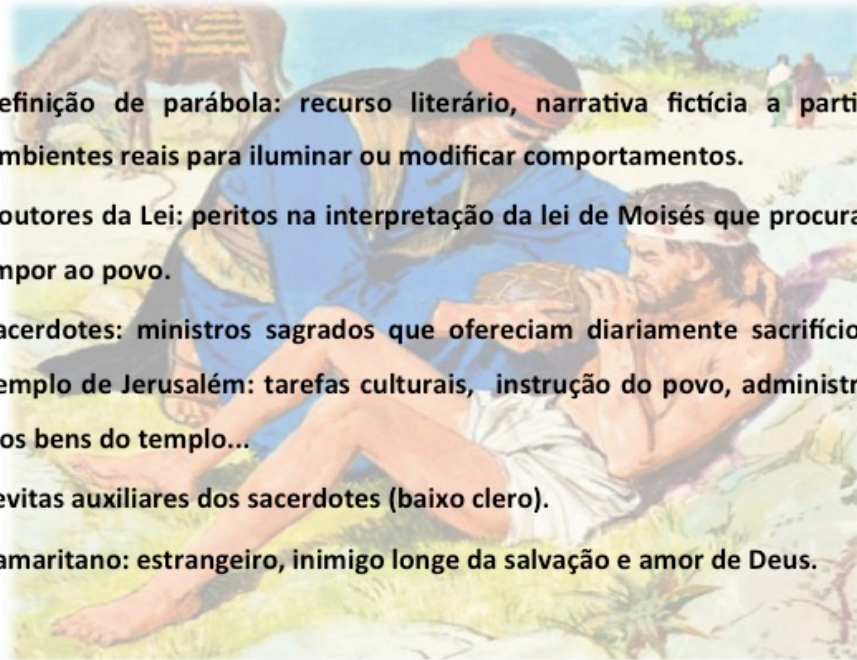
Hermenigildo Encarnação

Novembro de 2011



1- Enquadramento:

- a) Definição de parábola: recurso literário, narrativa fictícia a partir de ambientes reais para iluminar ou modificar comportamentos.
- b) Doutores da Lei: peritos na interpretação da lei de Moisés que procuravam impor ao povo.
- c) Sacerdotes: ministros sagrados que ofereciam diariamente sacrifícios no templo de Jerusalém: tarefas culturais, instrução do povo, administração dos bens do templo...
- d) Levitas auxiliares dos sacerdotes (baixo clero).
- e) Samaritano: estrangeiro, inimigo longe da salvação e amor de Deus.



O Bom Samaritano, por Upton Clive

Hermenigildo Encarnação

Novembro de 2011



2-Conteúdos : Parábola do bom samaritano

- Um doutor da lei: Que devo fazer para ter direito à vida eterna?
- Escritura: Ama o Senhor teu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma...E ama o teu próximo como a ti mesmo. Faz isso e terás direito à vida eterna
- Quem é o meu próximo:
 - Homem a descer...quase morto
 - Passa...Sacerdote...afasta-se
 - Levita...afasta-se
- Samaritano...
 - trata-o com azeite e vinho + ligaduras+pagou a pensão e tratou dele
- Então faz o mesmo



Bom Samaritano por Van Gogh

Hermenigildo Encarnação

Novembro de 2011



3- Interpretação: Parábola do bom samaritano

1- Jesus afirma a dignidade da vida humana:

- não importa a proveniência
- natureza de uma religião autêntica: não crença ou prática mas amor ao próximo

2- Armadilha do doutor da lei: contexto histórico / religioso

- a) Como alcançar a vida eterna – plenitude da vida
- b) Jesus devolve ...Lei de Moisés amor a Deus e ao próximo Dt 6,4 + Lv 19,18
- c) Quem é o meu próximo?

- No tempo de Jesus não havia consenso: grupo étnico, religião, grupo social
- Judeus e samaritanos separados por razões históricas e conflitos
- Judeus desprezavam os samaritanos
- Samaritanos resultado da miscigenação de judeus (Israelitas) e outros estrangeiros (hereges, religião parecida)
- Samaritanos retribuía o desprezo

Hermenigildo Encarnação

O Bom Samaritano, por autor anónimo
Novembro de 2011



4- Interpretação: contexto geográfico e o samaritano

- Parábola a 30 kms quem desce de Jerusalém para Jericó
- Itinerário perigoso, curvas e ladrões
- Um homem(Judeu) veio de Jerusalém assaltado e abandonado e caído
- Sacerdote + Levita ...medo...pureza legal não tocar num cadáver sabiam tudo mas só ritos estéreis
- Samaritano: Inimigo

O amor não tem qualquer espécie de limite

- Questão Central: Como nos tornamos mais próximos do outro
- Inversão de papéis – não daquele que deve ser amado mas daquele que deve amar... praticar os mandamentos ...não teórico

Hermenigildo Encarnação



Novembro de 2011



A dignidade da vida humana (5)



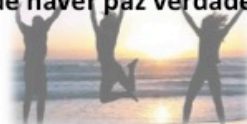
5- Perspetivas futuras:

Relação vertical com Deus



Relação horizontal com Deus:

- ❖ disponibilidade ao próximo amigo/inimigo/conhecido ou não
- ❖ reconhecer em todos a dignidade do ser humano
- ❖ defesa da realização pessoal, profissional e familiar
- ❖ Cada pessoa vale por si mesma não porque alguém a ama ou a reconhece
- ❖ Todos tem direito a ser reconhecidos e valorizados sobretudo os mais vulneráveis e os sem voz
- ❖ Onde não há reconhecimento da dignidade não há humanidade
- ❖ Responsabilidade de cada um pelo seu próximo
- ❖ João Paulo II: Não pode haver paz verdadeira sem respeito pela vida.



Hermenigildo Encarnação

Novembro de 2011



A dignidade da vida humana (5)



6- Entrega do Trabalho / Reflexão

1. Apresentar por escrito e relatar um caso / situação do v/ conhecimento ou experienciado.
2. Um pequeno trabalho sobre : A Dignidade Da Vida Humana
 - Modalidade: Individual ou grupos de 2.
 - Formato: À v/ escolha e criatividade...novas tecnologias.
3. Ficha avaliativa da leção da unidade pelos alunos / turma

Sumário :

Interpretação + Explicação da: Parábola do bom samaritano

Hermenigildo Encarnação

Novembro de 2011

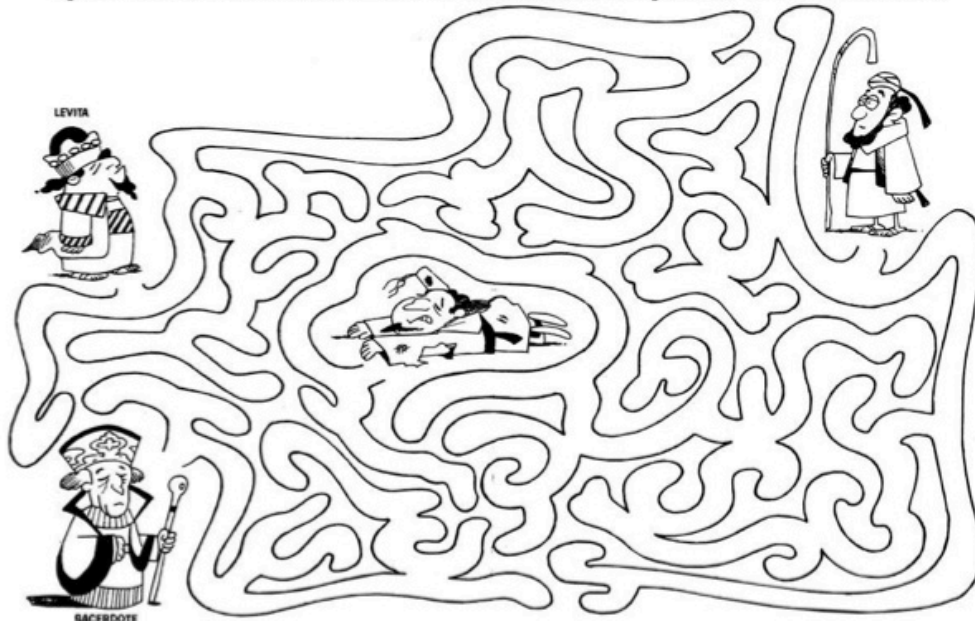


A dignidade da vida humana (5)

Parábola do Bom Samaritano



Tente levar os três homens até aquele que está machucado e descubra quem o socorreu.



EBDONLINE.com.br - direitos de distribuição adquiridos de Franco Associados Ilustrações

Hermenigildo Encarnação

Obrigado 😊

Novembro de 2011